

SEITAS NEOPENTECOSTAIS



greja do Evangelho Quadrangular
Igreja Pentecostal de Nova Vida
Igreja Evangélica O Brasil Para Cristo
Igreja Deus É Amor
Igreja Universal do Reino de Deus
Igreja Internacional da Graça de Deus
Congregação Cristã no Brasil
Casa da Bênção
Igreja Ceifa
Renovação Carismática Católica



Tácito da Gama Leite Filho

SEITAS NEOPENTECOSTAIS

Conselho Editorial da JUERP

Darci Dusilek, Fausto Aguiar de Vasconcelos, Joaquim de Paula Rosa, Joelcio Rodrigues Barreto, John Landers, José dos Reis Pereira, Josemar de Souza Pinto, Marcílio de Oliveira Filho, Margarida Lemos Gonçalves, Merval de Souza Rosa, Myrtes Mathias, Napolião José Vieira, Niander Winter, Orivaldo Pimentel Lopes, Oswaldo Ferreira Bomfim, Roberto Alves de Souza, Zaqueu Moreira de Oliveira

Tácito da Gama Leite Filho

**SEITAS
NEOPENTECOSTAIS**

SEITAS DO NOSSO TEMPO

Volume 3



Todos os direitos reservados. Copyright ©1990 da Junta de Educação Religiosa e Publicações da CBB.

289.07

Lei-Sei

Leite Filho, Tácito da Gama

Seitas Neopentecostais. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1990.

192p. (Seitas do Nossa Tempo, 3)

Inclui bibliografia ao final do volume.

1. Seitas Neopentecostais — Estudos. 2. do Evangelho Quadrangular, Igr., 3. Pentecostal de Nova Vida, Igr., 4. Evangélica O Brasil Para Cristo, Igr., 5. Deus é Amor, Igr., 6. Universal do Reino de Deus, Igr., 7. Internacional da Graça de Deus, Igr., 8. Congregação Cristã no Brasil. 9. Casa da Bênção. 10. Ceifa, Igr., II. Renovação Carismática Católica.

I. Título. II. Autor.

CDD — 289.07

Capa de Valter Karklis

Diagramação: Fátima Moura

Código Para Pedidos: 24.510

Junta de Educação Religiosa e Publicações da

Convenção Batista Brasileira

Rua Silva Vale, 781 — Cavalcânti — CEP: 21370

Caixa Postal 320 — CEP: 20001

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

3.000/1990

Impresso em gráficas próprias

SUMÁRIO

Apresentação

Introdução	9
1 — Origens do Neopentecostalismo	19
2 — Religiosidade Popular e Sincretismo	45
3 — Características e Métodos de Trabalho	77
4 — Cura e Exorcismo	109
5 — O Espírito Santo	145
6 — Conclusão	179
7 — Referências Bibliográficas	185



Apresentação

Este é o terceiro volume da Série Seitas do Nosso Tempo, lançada pela JUERP, no sentido de prover os crentes de informações sobre as seitas que mais trabalham no contexto brasileiro, chamando a atenção para o perigo das doutrinas que disseminam.

Numa época de tantas confusões teológicas e discórdias doutrinárias, sentimos a grande necessidade de irmos ao encontro dos crentes que costumeiramente se vêem assediados e molestados pelos adeptos das seitas, tendo dificuldades em rechaçá-los.

O autor desta série, o Pr. Tácito da Gama Leite Filho, é um estudioso do fenômeno das seitas há mais de 10 anos. Muito daquilo que conseguiu coletar e reunir em seus livros é fruto de pesquisas in loco, sem, evidentemente, desprezar as fontes bibliográficas existentes, principalmente os livros autorizados das próprias seitas.

Segundo o autor, todas as seitas usam de métodos proselitistas. Geralmente são os afiliados a uma igreja reconhecidamente evangélica os mais visados. Daí a importância do estudo dos livros desta série por todo crente que esteja buscando um melhor conhecimento, para argumentar, com segurança, com todo aquele que ouse a questionar o caráter de sua fé e a razão de sua esperança.

A série traz, em conteúdo, uma sucinta explanação sobre as seitas proféticas, orientais, neopentecostais, mágico-religiosas e espíritas. Cada estudo é didaticamente estruturado de maneira a facilitar também a utilização do livro em preleções e estudos em grupo nas igrejas.

Preocupa-se o autor em apresentar um resumo sobre as origens históricas de cada seita, uma sistematização de suas doutrinas, finalizando por confrontá-las com a Bíblia, sugerindo uma estratégia para o combate das suas heresias.

Nessa mesma perspectiva, publicaremos o livro Atitudes Filosóficas e Ideológicas do Nosso Tempo.

Que esta série venha contribuir grandemente para o fortalecimento doutrinário dos crentes de nossas igrejas e, num sentido mais abrangente, na salvação de vidas mal-informadas, arrastadas pela sedução mística, fanática e enganosa das seitas.

Josemar de Souza Pinto
Coordenador do Departamento
de Publicações Gerais

INTRODUÇÃO

*Igualmente hão de surgir muitos falsos profetas,
e enganarão a muitos.*

— Jesus Cristo (Mat. 24:11)

Apartir da década de 50 começaram a surgir vários movimentos de renovação carismática que atingiram todos os ramos do protestantismo brasileiro, chegando até à Igreja Católica. Esses movimentos são denominados de Novo Movimento Pentecostal ou neopentecostalismo. Interessante é que, em todos os segmentos do neopentecostalismo, as características metodológicas de trabalho são as mesmas e podemos enumerá-las:

- 1) Toda espécie de coação física, pressão moral ou psicológica que privam o homem de seu juízo e de seu poder de decisão livre e responsável;
- 2) Toda utilização de um estado de miséria, de debilidade ou de ignorância para levar alguém à conversão ou à submissão aos propósitos do grupo;
- 3) Todo benefício temporal ou material oferecido, de maneira aberta ou velada, em troca da aceitação da fé;
- 4) Recorrer a um motivo que não tem relação com a fé, e que é oferecido para uma mudança de religião, por exemplo: exploração da miséria social, falta de formação intelectual,

doenças, motivações políticas, objetivando garantir o apoio dos governantes;

5) Discurso discriminatório, agressivo e proselitista em relação aos outros grupos religiosos. Consideram-se os únicos portadores da verdade;

6) Em quase todos, com raríssimas exceções, o líder máximo, bispo ou missionário, gosta e admite ser endeusado, quase cultuado como um semideus;

7) Falta de formação acadêmica, ou seja, quase todos os líderes neopentecostais não possuem formação teológica. São leigos. Quando a possuem, a instituição onde estudaram não merece crédito, não é séria. Em muitos casos, eles próprios fundam seus seminários onde se autodiplomam;

8) Os líderes neopentecostais ignoram o conhecimento das pessoas, do mundo, da história, da teologia, da Bíblia. Erram contra Deus por falta de equilíbrio, amadurecimento e controle (Rom. 12:1,2);

9) Quando avaliamos a personalidade e os discursos de tais líderes, sentimos a ambição pessoal deles. A maioria são pessoas enfermas, casos patológicos de distúrbios de personalidade, fanáticos, egoístas, ferrenhos (desta característica excluímos a Igreja de Nova Vida, pois está em outro nível social e teológico);

10) Os líderes, bispos, missionários e pastores neopentecostais esquecem-se de que, à luz da Palavra de Deus, não se santifica cristãos pelo fanatismo, pela desigualdade e opressão que eles pregam; somente quando a fé, o amor e a justiça são percebidos estruturando-se mutuamente, podemos reconhecer o conteúdo social e cultural da espiritualidade e esta mesma se responde quando individualmente a pessoa humana se santifica, cresce, serve a Deus, enfim, quando o santo emerge (I Ped. 3:15).

Estas observações levantadas serão tratadas ao longo deste livro, que se tornou necessário não como fruto de um espírito puramente apologético. Este livro ousado e sério é fruto da nossa realidade conjuntural religiosa brasileira. Mostra o

desenvolvimento histórico, social e doutrinal de tais grupos e ainda é uma reflexão teológica e bíblica sobre as questões fundamentais de suas doutrinas que, aliás, são comuns, pois partem da experiência com o Espírito Santo, curas milagrosas, exorcismos e dom de línguas.

Este livro foi produzido como fruto do zelo que todo cristão deve ter pela revelação cristã, pela Palavra de Deus e por nossa herança. Portanto, ele pensa o passado, avalia o presente, projeta o futuro e tenta despertar o povo de Deus a trabalhar mais eficazmente, batalhando pela fé que uma vez foi dada aos santos (Jud. 3). Muito bem escreveu Tomás de Aquino, em seu trabalho intitulado *Suma Contra os Gentios*: “Conhecer a natureza de Deus ajuda a destruir os erros contra Deus (...). É falsa a opinião daqueles que diziam não importar nada à verdade da fé a idéia que alguém tem sobre as criaturas, contanto que se pense corretamente acerca de Deus (...) pois um erro sobre as criaturas redonda numa idéia falsa de Deus” (1-2, C.3).

O homem de hoje está à procura de novos caminhos. Todos estão em busca do novo. Aliás, esta é uma característica comum ao ser humano em todas as épocas, basta olhar a história da ciência, da filosofia, das idéias. Esse comportamento do homem demonstra que nossas necessidades têm base comum. Estamos vivendo uma época especial na história da humanidade: muitas crises, fim de século e do milênio. Isso afeta em muito nosso comportamento religioso, nossa fé, como aconteceu no ano 1000¹. Estamos presenciando o surgimento de expectativas apocalípticas sensacionalistas, só que em realidades contextualizadas bem diferentes. O neopentecostalismo demonstra a insegurança do ser humano em relação a Deus, como afirmou o teólogo Bonhoeffer: “O mundo envelheceu mas não madureceu.” O ser humano continua espiritualmente buscando a segurança, o amadurecimento espiritual. O que estamos testemunhando nos desafia a uma reflexão acerca do caminho que estamos trilhando. É o mais claro? É o mais seguro? Pode ser até o mais confortável,

mas talvez estejamos pagando um preço muito alto pelo conforto usufruído ao longo deste caminho que nos leva ao topo da montanha: à presença de Deus.

As denominações históricas, e particularmente os batistas, estamos sendo desafiados a uma avaliação e reavaliação metodológica acerca da eficácia das estruturas existentes. Essa avaliação ou reavaliação pode partir dos seguintes questionamentos: Que tipo de evangelho estamos pregando? Que tipo de educação religiosa estamos proporcionando ao povo em termos de igreja local? Nossa vida de discipulado é dinâmica? Que esforço devemos realizar para evitar o êxodo denominacional? Qual o sentido de Deus, Jesus Cristo, Espírito Santo e da Palavra de Deus para a vida de cada cristão? Qual deve ser o papel do cristianismo e do cristão na atual conjuntura cultural, social e política do Brasil? Que nível de envolvimento social tem a minha vida, minha igreja e minha denominação? Quais os compromissos da missão do povo de Deus hoje? O que é evangelizar, e em que sentido é confiada à igreja tal tarefa? O que é doutrina e como transmiti-la ao povo de Deus? Que nível de educação teológica nossos seminários estão oferecendo aos vocacionados?

As questões são desafiadoras e, graças a Deus, muitos estão preocupados com elas e já despertaram para a necessidade de as denominações e as igrejas oferecerem os elementos básicos que proporcionam o crescimento na fé e o amadurecimento em Jesus Cristo.

Devemos exercitar o dom do discernimento, como afirmou bem Stott: “Somos chamados para um sábio discernimento; instruídos por uma perspectiva bíblica, para que sejamos apreciadores do legado do passado e responsáveis pela disposição do presente.”² Já disse alguém que “o mapa sociológico e geográfico das seitas tende a colocar-se sobre o mapa das debilidades ou das ausências que ocorrem em nossas próprias comunidades”.³ O neopentecostalismo cresce porque nós falhamos em: educar — que leva o povo a ver; em doutrinar

— que leva o povo a julgar; e em evangelizar — que leva o povo a agir.

O neopentecostalismo cresce porque, em muitos aspectos, nosso povo está debilitado. Esse movimento seduz pela convicção fanática, contagia pelo medo entusiástico.

Nosso povo deve saber que o neopentecostalismo é uma seita porque:

1) Historicamente, é um ramo que foi cortado da árvore, ou seja, é um grupo que saiu.

2) Sociologicamente, não é como as igrejas históricas, que aceitam todos pela fé em Cristo. O neopentecostalismo é para uns poucos que se comprometem.

3) Escatologicamente, separam-se do mundo e de todos, enquanto que as igrejas históricas entendem que o cristão está no mundo para servir aos propósitos de Deus.

4) Em termos missionários, o neopentecostalismo visa mais aos crentes; é proselitista.

5) Biblicamente, o neopentecostalismo entende que somente ele possui o verdadeiro significado das Escrituras, segundo a interpretação de seus líderes.

Nosso povo deve saber que uma seita neopentecostal é um grupo religioso limitado àqueles que aceitam as regras impostas como doutrinas e as professam com obstinação, divergindo da opinião pública ortodoxa, ou seja, daquela que é considerada genuína, verdadeira. Seita é facção, parte, comunidade fechada e com costumes institucionais rígidos, segundo a visão do líder máximo.⁴

Enquanto a Igreja une, a seita neopentecostal divide. Daí o fenômeno do surgimento de vários grupos. Foi muito difícil produzir este trabalho porque os grupos são inumeráveis, não possuem história. O que apresentamos, em muitos casos, é fruto de publicações em jornais seculares, religiosos, revistas e livros de antropólogos e sociólogos que fizeram pesquisas *in loco*. Cremos que este é o primeiro livro escrito em português para o cristão, membro de uma igreja. Por mais de dez anos temos observado diversos grupos, freqüentado algumas reu-

niões e coligido material sobre o neopentecostalismo. Toda biografia mencionada faz parte de nosso arquivo e biblioteca, e estão à disposição para qualquer comprovação documental.

Um fato interessante nos grupos neopentecostais é o parentesco entre alguns líderes. Alguns são cunhados, trabalhavam juntos, e a amizade que outrora mantinham entre si se desfez depois que um ameaçou o outro. Brigando, cada um organizou seu próprio grupo.

Os mais novos representantes do neopentecostalismo são: a denominada Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Ceifa, Igreja Cristo Vive e A Clínica da Alma — todas fruto da ganância dos líderes e às vezes fruto de conflitos ameaçadores e irreconciliáveis.

Durante alguns anos moramos em Teresópolis, RJ, no bairro de São Pedro. Nossa casa ficava em frente a uma Casa da Bênção pertencente ao chamado missionário Cecílio Fernandes. O líder local era Jorge Costa, homem rude, sem preparo bíblico-teológico e que liderava de forma grotesca, imoral e fanática. Certa vez construiu uma barraca de bambu, obrigando seus fiéis a passarem dia e noite ali dentro, sob um frio intenso de julho, em oração de joelhos. Foi um escândalo para o evangelho! Realizava vigílias de oração uma noite por mês, com alto-falante ligado! A população reclamou, a polícia esteve lá por várias vezes, o jornal da cidade generalizava a notícia: “Evangélicos do bairro de São Pedro não deixam o povo dormir.” Depois de muita confusão e escândalo, Jorge Costa saiu, levou um grupo consigo e organizou a sua própria igreja — A Clínica da Alma — onde continua iludindo o povo. O neopentecostalismo tem crescido assim, de forma escandalosa e ameaçadora à idoneidade do evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo (II Ped. 2:1-3).

O Senhor Jesus Cristo mesmo advertiu: “Igualmente hão de surgir falsos profetas, e enganarão a muitos” (Mat. 24:11). Isso é preocupante, assustador, mas deve ser visto como um desafio para os cristãos. Que todos nos dediquemos mais em todos os aspectos. À luz da Bíblia, o que estamos testemu-

nhando é um sinal da vinda de Jesus Cristo. Paulo nos exorta em II Timóteo 3:1-5 a não nos abalarmos com o surgimento de muitas seitas. Elas são uma evidência da vinda de Jesus que se aproxima.

O saldo positivo de tudo isso é que os cristãos devem estar preparados intelectualmente, conhecendo as seitas que os rodeiam; devem estar preparados espiritualmente, alcançando a maturidade de varão perfeito; devem atender, na comunhão dos crentes, às necessidades, para que eles não abandonem a comunhão dos salvos por Jesus Cristo (Ef. 4:1-6).

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 DUBI, Georges, *O Ano Mil*. Para maiores detalhes sobre esta época (costumes, pensamento), recomendamos esta leitura. Trad. Teresa Matos, SP, Edições 70, 1980.
- 2 STOTT, John E. W., *Cristianismo Equilibrado*, RJ, CPAD, p. 43.
- 3 Citado por HERNANDO, J. Garcia, em *Pluralismo Religioso*, Vol. II, p. 71,72.
- 4 Para maiores detalhes, ver Vol. I da Série Seitas do Nossa Tempo. *Seitas Proféticas*, p. 9-28. Ali existem muitos aspectos aplicáveis ao neopentecostalismo.

1

ORIGENS DO NEOPENTECOSTALISMO

*O meu passado não é mais o meu companheiro. Eu
desconfio do meu passado.*

— Mário de Andrade

Ao estudarmos o neopentecostalismo, precisamos abordá-lo em termos históricos e verificar suas raízes, que partem do pentecostalismo. Esse, por sua vez, não possui suas origens em território brasileiro, mas na Inglaterra, com o movimento de santificação de John Wesley, fundador do metodismo. Sob a influência de escritores católicos e anglicanos, Wesley estabeleceu a diferença entre os crentes comuns e os santificados, isto é, batizados pelo Espírito Santo.

O movimento pentecostal rapidamente se expandiu por todo o mundo.

ESTADOS UNIDOS — É o país onde reviveu o sentimento pentecostal, depois daquela época de Wesley. Em Topeka, Kansas, na escola bíblica dirigida por Charles Parham, foi reconhecido o dom de línguas como sinal de identificação do batismo do Espírito Santo. Parham fez reuniões pentecostais em diversas cidades, onde muitos se santificaram, foram batizados pelo Espírito Santo e obtiveram a cura de suas enfermidades.

A convite de uma pregadora negra de santificação, Neely Terry, N. J. Seymour, aluno de Parham, foi a Los Angeles, realizou muitas reuniões pentecostais e, no dia 9 de abril de 1906, “caiu o fogo”, sendo o primeiro batizado um menino negro de oito anos. Outros, na maioria membros da Igreja do Nazareno e de outras denominações de santificação, receberam o batismo do Espírito Santo. O movimento pentecostal em Los Angeles teve início num velho templo metodista na Azusa Street, 312. Essa missão — Azusa Street Mission — pode ser considerada como o ponto de partida do movimento pentecostal mundial. O próprio Emílio Conde, que traçou as origens das Assembléias de Deus no Brasil, considerava o avivamento espiritual ocorrido em Azusa Street como o ponto de partida do movimento pentecostal no Brasil.

O movimento em Los Angeles foi sistematizado com a publicação da Confissão do Movimento da Fé Apostólica. A Missão de Azusa Street, a partir daí, pertenceu à linha teológica que admite três etapas na salvação, enquanto que a maioria dos grupos pentecostais admite apenas duas.

Em Chicago, H. W. Durham não aceitava, como Seymour em Los Angeles, que a salvação se desenvolve em três etapas (conversão, santificação e batismo do Espírito Santo com o dom de línguas). Durham identificou a santificação com o batismo do Espírito Santo, admitindo apenas duas etapas: conversão e santificação.

Abrindo um parêntese na história do pentecostalismo, um dos problemas teológicos internos mais sérios que o pentecostalismo enfrenta hoje é a decisão quanto a diferente localização da glossolalia: no segundo ou no terceiro estágio do crescimento do crente. Enquanto alguns dividem a obra de Deus na vida do crente em justificação e santificação (cristãos comuns são justificados e cristãos santificados são os que evidenciam estarem cheios do Espírito Santo através da glossolalia), há os que admitem trés estágios: primeiro, somos convertidos; segundo, somos santificados; e, terceiro, recebemos o

batismo do Espírito Santo com a evidência do dom de línguas ou glossolalia. Walter Hollenweger, teólogo internacionalmente respeitado, faz três observações importantes: a doutrina dos estágios priva o homem da certeza da salvação; os pentecostais se concentram demasiado na glossolalia; a contribuição do pentecostalismo são as perguntas que levanta principalmente quanto ao papel do Espírito Santo na vida e na fé cristã.¹

Voltando ao histórico, Arthur Brazier foi um grande evangelista pentecostal negro que, em Chicago, lutou pelos direitos da população negra. Brazier criou a Woodlawn Organization, de auto-ajuda entre os moradores do bairro em todos os sentidos: saneamento, controle de preços, colégios etc. Seymour, Brazier e outros líderes negros tiveram grande influência no início do movimento pentecostal nos Estados Unidos.

Três características do movimento pentecostal primitivo foram abolidas de quase todo movimento pentecostal de hoje, nos Estados Unidos: a teoria anglo-israelita (os anglo-saxões são descendentes das dez tribos de Israel desaparecidas no cativeiro assírio); a convicção de que o batismo do Espírito Santo precede a santificação e a identificação do movimento com os negros americanos.²

Bloch-Hoell publicou um gráfico contendo a distribuição dos pentecostais pelos Estados Unidos: em 1936, eles eram em maior número no Sul; a participação das mulheres era mais importante; a porcentagem dos negros pentecostais era mais elevada do que sua porcentagem na população. Hoje essa situação mudou; não existe, porém, um gráfico estatístico no mesmo estilo.

Nas igrejas tradicionais dos Estados Unidos, a experiência do batismo do Espírito Santo e o dom de línguas despertaram diferentes impulsos. Não há, entretanto, dados concretos sobre os acontecimentos relacionados ao batismo do Espírito Santo, em parte pela descrição dos crentes e também pelo

temor de possíveis repreensões por parte das autoridades das igrejas. Temos conhecimento da conversão do rabino Jacobo Rabinowitz, numa Assembléia de Deus em Pasadena, Texas, em 1960. Na reunião, um dos irmãos profetizou em hebraico, Jacobo compreendeu a profecia, e isto o levou à conversão.

Outro acontecimento foi com um jovem anglicano que, recebendo o batismo do Espírito Santo, intensificou seus dízimos e sua participação na igreja. A partir de sua experiência, setecentos outros crentes experimentaram o batismo do Espírito Santo. Jean Stone, mulher crente que foi batizada com o Espírito Santo, descreveu assim os seus efeitos: sentido mais profundo do amor de Deus; desejo de ler a Bíblia; crença na infalibilidade da Bíblia, percepção mais profunda do pecado; autoridade para orar pelos enfermos.³

Foi criada uma organização de homens de negócios cujos principais objetivos são: evangelizar o mundo, propagar o pentecostalismo, através das doutrinas do batismo do Espírito Santo e da cura divina. Essa organização estendeu-se pelo mundo inteiro. Na América Latina foi organizada a Fraternidad de los Hombres de Negocios del Evangelio Completo. No Brasil essa organização chama-se ADHONEP.

Esses foram alguns acontecimentos que evidenciam o progresso do movimento pentecostal nos Estados Unidos, não somente dentro das Assembléias de Deus mas também dentro das igrejas tradicionais.

EUROPA — Expandiu-se pela Finlândia, Noruega, Suécia, Alemanha, Suíça, Grã-Bretanha, a partir de uma visita de B. Barratt, pregador metodista, aos Estados Unidos, para angariar fundos. Durante a viagem, escreveu cartas à Noruega, narrando sobre o reavivamento que havia nos Estados Unidos. Quando voltou, foram realizadas grandes reuniões em Oslo.

Em conferências realizadas por igrejas nacionais, falava-se do sentimento pentecostal, do estar cheio do Espírito Santo e do batismo. Em 1905, o pastor alemão Modersohn foi batizado

zado pelo “altíssimo poder”. A doutrina reformada que prega não haver salvação completa nesta vida foi considerada blasfêmia. Rejeitavam os estudos teológicos porque os consideravam do Maligno. Davam muita ênfase na iluminação do Espírito Santo. Quem não cria em milagres era considerado um empecilho para a obra de Deus.

Na Itália, o movimento pentecostal conseguiu mais adeptos do que qualquer outro grupo protestante e exerceu grande influência entre comunistas, liberais e católicos, mesmo tendo sido perseguido pelos facistas e católicos.

Na França, a Igreja Pentecostal, depois da Reformada, é a mais importante.

ÁFRICA — O movimento se expandiu e logo as igrejas nativas se tornaram independentes, financeiramente e quanto à sua organização. As Igrejas Independentes da África do Sul tiveram sua origem na missão de John Alexander Dowie. Seus seguidores, embora não soubessem ler, escrever, nem tivessem conhecimentos teológicos, eram ordenados como evangelistas, pelos missionários da Missão da Fé Apostólica (EUA). O poder altíssimo lhes bastava. Atualmente aqueles missionários são considerados hereges, embora tenham contribuído para o movimento na África do sul.

ÁSIA E AUSTRÁLIA — Na Austrália, estudos feitos pelo antropólogo Malcolm Cally revelaram que a piedade pentecostal significa um degrau para se alcançar a cultura ocidental. Os australianos autóctones possuem grande facilidade para experimentar o batismo do Espírito Santo.⁴

Atingiu a Indonésia, a Índia e o Japão também.

Na China e na Rússia, os pentecostais construíram grandes colônias, antes dos comunistas. O governo as apoiou no início, mas, em razão de alcançar um progresso superior ao experimentado pelas colônias estatais foram dissolvidas a seguir. O movimento se expande, com as dificuldades de pouco respaldo teológico em vista dos argumentos comunistas.

AMÉRICA LATINA — Em muitos países da América Latina o pentecostalismo é o grupo evangélico mais importante. Não há dúvida de que a vitória do socialismo nas eleições deve-se à influência do pentecostalismo sobre operários e peões no Chile. No México, devido às perseguições, o pentecostalismo não é muito evidente, embora tenham se convertido até mesmo policiais. Nas Bahamas, o movimento pentecostal atinge a metade das pessoas evangélicas. No Haiti, os pentecostais desmitificaram o culto pagão vodu e organizaram muitas escolas. Na maioria dos países sul-americanos os pentecostais já sofreram grandes perseguições. Na Colômbia, mataram e esquartejaram um dos pregadores e devolveram o corpo aos fiéis com a legenda: "Este é o pregador que vocês amavam." No Brasil, o movimento pentecostal é o mais importante, segundo as estatísticas, da América Latina, isto é, numericamente falando. Transformou-se numa igreja brasileira, que pode expressar o latente iluminismo brasileiro, à maneira própria, dentro do marco religioso cristão. As Assembléias de Deus no Brasil gozam do reconhecimento das autoridades. Altos funcionários do governo comparecem comumente à inauguração de novas igrejas pentecostais. Na Conferência Mundial em Helsinki (1964), o embaixador do Brasil fez uma saudação oficial.

Para centralizar o movimento pentecostal do mundo, são realizadas conferências mundiais, desde 1939. Uma das doutrinas pentecostais apoiada com veemência é a que diz: "Somente quem possui o dom de línguas recebeu o batismo do Espírito Santo."

Em 1967, no Rio de Janeiro, as Assembléias de Deus dos Estados Unidos quiseram colocar sob seu controle teológico e econômico a Assembléia Mundial, mas houve resistência por parte dos brasileiros.

A literatura pentecostal, em revistas e livros, é amplamente difundida pelo mundo todo, através de suas próprias editoras. Cada denominação (de cada país) produz várias revistas para pregadores, professores e diretores da Escola Bíblica, para

crianças, adolescentes, cegos, estudantes, surdos-mudos, soldados, capelães, músicos e outros. Podemos ainda citar diversos jornais: *o Mensajero Pentecostés* mexicano, *o Mensageiro da Paz* brasileiro, *o Redemption Tidings* britânico, *o Risveglio Pentecostale* italiano, *o Viens et Vois* francês, o diário sueco *Dagen*, os *Heilzeugnisse* alemães conservadores, e muitas revistas neopentecostais. Quase todos os países e idiomas possuem sua própria literatura pentecostal. É uma literatura abrangente, trazendo notícias do movimento do mundo todo.

Sob o ponto de vista fenomenológico, Hollenweger apresenta vários grupos pentecostais, assim divididos:⁵

1) Pentecostais que pregam a salvação em duas etapas. É o mais numeroso nos EUA, Brasil, Itália. É a ala protestante do movimento pentecostal dos EUA nas igrejas tradicionais e outros grupos.

2) Pentecostais que pregam a salvação em três etapas: a Igreja de Deus, a Pentecostal Holiness Church e outras.

3) Os grupos “Somente Jesus”: United Pentecostal Church, muitas igrejas negras nos EUA, a Igreja Apostólica da Fé em Cristo Jesus — mexicana — e quase todo o movimento pentecostal indonésio.

4) Pentecostais com doutrina quacre, reformada, luterana ou católica romana: no Chile, parte da Alemanha, parte da Suíça, e quacres dos EUA.

5) Comunidades pentecostais africanas independentes: África do Sul e Zaire.

6) O Movimento das Chuvas Tardias: em vários lugares.

7) Denominações pentecostais do tipo apostólico: na Grã-Bretanha, Dinamarca e Suíça.

No contexto brasileiro, encontramos igrejas pentecostais nacionais, fruto da cisão do pentecostalismo em nossa terra.

BRASIL — Antes de surgir o movimento pentecostal propriamente dito, como veremos a seguir, já havia no Brasil um iluminismo autóctone. José Manuel da Conceição é o seu

primeiro representante. Padre católico, converteu-se e colaborou com os missionários protestantes. Entretanto, suas tentações não cessaram e não possuía paz. Transformou-se numa pessoa considerada de “aberração moral e intelectual”. Em seu fervor e através de uma vida devocional intensa abriu o caminho para o evangelho em muitos lugares. Outro representante desse iluminismo é Miguel Vieira Ferreira. Homem erudito, engenheiro, matemático, político, Ferreira converteu-se numa igreja presbiteriana e tornou-se fervoroso colaborador dos seus serviços. Viveu experiências místicas que a igreja não podia difundir. Em 1879 fundou a Igreja Evangélica Brasileira, com 27 membros. Esses dois casos isolados do movimento pentecostal vêm demonstrar que existe um misticismo latente no povo brasileiro. As raízes desse misticismo encontram-se no sincretismo religioso cultural brasileiro, pois temos no Brasil o que Newton Freire Maia chamou de “um laboratório racial”. Isso também significa um laboratório religioso, onde todas as práticas religiosas estão representadas; antes nas colônias de imigrantes e depois, com o deslocamento de seus descendentes para os grandes centros urbanos, seguiu também com eles a religiosidade.

A origem das Assembléias de Deus no Brasil está ligada a dois operários suecos: Daniel Berg e Gunnar Vingren, que aqui chegaram em 1910, após uma revelação de que deveriam vir ao Pará como missionários. Após o aprendizado da língua, começaram seu trabalho missionário na Primeira Igreja Batista de Belém, pastoreada pelo missionário americano Eurico Nelson. No sótão do templo batista organizaram reuniões de oração e esperaram o despertamento espiritual dos irmãos. Alguns começaram a manifestar o dom de línguas, receber o batismo do Espírito Santo e apregoar a nova mensagem.

Por essa mesma época, como relata Israel Belo de Azevedo,⁶ um missionário visitante estabeleceu contatos com imigrantes italianos no Paraná. Esse missionário, Luigi Francescon, mais tarde pregou numa igreja presbiteriana em São Paulo. A partir daí, vinte pessoas saíram da igreja e organizaram a

Congregação Cristã no Brasil, que hoje é o segundo grupo pentecostal no Brasil.

Entrementes, isto é, entre 1920 e 1930, os pentecostais do Pará dirigiram-se para o Sul do País e organizaram grandes comunidades no Rio, São Paulo e Porto Alegre. Ainda em 1930 um grupo de pregadores da Igreja de Cristo de Alagoas (de origem evangélica dos EUA) uniu-se às Assembléias de Deus. Desde 1913, haviam sido enviados missionários a Portugal, pelas Assembléias de Deus do Brasil. O movimento expandiu-se também para o interior do país. O crescimento das Assembléias de Deus no Brasil tem sido extraordinário, embora não se possua uma estatística exata. As técnicas evangelísticas mais utilizadas têm sido: o contato pessoal, a pregação ao ar livre e nos templos, e programas radiofônicos. As Assembléias de Deus são as únicas representadas em todos os Estados do Brasil. W. Read escreveu com razão: "As máquinas de costura Singer, o guaraná e a Assembléia lá estão presentes."⁷

A organização eclesiástica das Assembléias de Deus é uma mistura de congregacionalismo livre e sujeição a certas normas estabelecidas pela comunidade mãe. Esta é chamada de ministério e concentra os dirigentes da comunidade. Dela fazem parte as igrejas filhas cujos dirigentes são responsáveis perante o ministério. O maior ministério do Brasil é o de Madureira, RJ. Ocorrem também, de vez em quando, as descentralizações,⁸ quando as igrejas filhas dão origem a outros ministérios.

Na história das Assembléias de Deus, contada por Emílio Conde, está registrado o intenso programa social realizado: educação, ensinando analfabetos, difundindo muita literatura, construindo bibliotecas, organizando jardins de infância e cursos de Português. Alguns ministérios possuem policlínicas e cursos de multiministério (datilografia, taquigrafia, música e outros).

Mesmo que já tenham sido hostis à cultura, atualmente as

Assembléias de Deus preocupam-se com a educação, a cultura e a projeção de seus membros.

As Assembléias de Deus do Brasil já se posicionaram oficialmente contra o ecumenismo. Não obstante, a nível local, existe a amizade e o intercâmbio com outras igrejas evangélicas. Nos grandes centros urbanos esse relacionamento é bem mais intenso que em cidades do interior, onde são mais radicais e preconceituosos.

José Bittencourt Filho chega a afirmar que se os pentecostais do Brasil representam em termos numéricos 70% do protestantismo brasileiro, as Assembléias de Deus com certeza representam mais da metade desse percentual. Elas formam uma denominação ao lado das demais igrejas evangélicas, gozando do respeito delas e possuindo seu próprio corpo doutrinário e teológico. Bittencourt agrupa os pentecostais em três grandes blocos:⁹ 1) Igrejas pentecostais propriamente ditas: Assembléia de Deus, Igreja Pentecostal, Igreja de Deus; 2) igrejas pentecostais nacionais: Congregação Cristã no Brasil, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Evangélica Pentecostal, O Brasil Para Cristo, Igreja Pentecostal de Nova Vida, Igreja Deus É Amor; 3) igrejas pentecostais missionárias: Igreja Universal do Reino de Deus, igrejas de cura divina em geral.

Destacamos ainda as igrejas derivadas do protestantismo histórico que aderiram ao movimento pentecostal: Igreja Metodista Wesleyana, Igreja Cristã Presbiteriana, Igreja Batista da Renovação Espiritual, Igreja Congregacional Renovada, entre outras.

A Assembléia de Deus (62,6%), a Congregação Cristã no Brasil (22,3%) e o Evangelho Quadrangular.¹⁰ são as maiores igrejas pentecostais do Brasil. Existem mais de 40 grupos diferentes, totalizando pelo menos 12 a 14 milhões de pentecostais, mas não importa o número, pois as igrejas mesmo não se interessam em proclamar sua força e influência.

Apresentamos a seguir algumas informações sobre os principais grupos pentecostais existentes no Brasil.

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL — Seu templo-sede tem a capacidade para quatro mil pessoas, mas torna-se pequeno nos cultos noturnos. Está localizado no Brás, São Paulo. Nas reuniões, as mulheres usam véu e os homens sentam separados das mulheres.

A Congregação Cristã no Brasil foi iniciada pelo missionário L. Francescon. Convertido ao pentecostalismo em 1907, em Chicago, EUA, Francescon recebeu o batismo do Espírito Santo e falou em línguas. Dedicou-se ao trabalho evangelístico, dirigindo campanhas em diversas cidades. Por todos os lugares onde pregou seus seguidores abriram e mantiveram Casas de Oração. Todos tinham grande consideração e respeito por ele, por sua vida íntegra, principalmente os de origem italiana.

Por divina revelação, viajou para Buenos Aires, junto com seus amigos Guglielmo Lombardi e Lucia Menna. Ali abriram uma Casa de Oração, lançando a semente do pentecostalismo argentino. Em seguida rumaram para São Paulo (1910), onde evangelizaram principalmente os imigrantes italianos. De lá, Francescon seguiu para o norte do Paraná e, apesar das perseguições dos católicos, deixou funcionando um núcleo de fé. Voltou aos Estados Unidos e retornou ao Brasil mais de oito vezes para supervisionar o crescimento da obra pentecostal. No Brás, a Congregação nasceu de uma cisão entre presbiterianos, baseada no batismo do Espírito Santo.

A Congregação Cristã no Brasil é organizada segundo os moldes da Igreja dos Estados Unidos. São radicais em seus métodos de expansão: realizam mais o proselitismo pelo contato e testemunho pessoal; não aceitam programas de rádio e pregação ao ar livre; não possuem uma ética legalista; não pregam a obrigação do dízimo, como geralmente se faz entre os pentecostais. Marcante é a música em seus serviços

religiosos, bem como seus corais. Cantam muito em suas reuniões; os crentes trazem seus instrumentos para acompanham os cânticos. Possuem o seu livro de cânticos, cujas primeiras edições foram publicadas em italiano; a terceira foi publicada parte em italiano e parte em português; somente a quarta (1943) era toda em português.

Possuem um amplo programa de ajuda social.

Quanto à sua organização, ao que parece, é a única igreja que possui anciãos em vez de pastores, e cooperadores, em vez de presbíteros.

A Congregação Cristã no Brasil não conta com jornais de propaganda doutrinária nem literatura religiosa. Seu ensinamento se resume nesta frase: "Outras luzes não precisamos, nem queremos. O tempo muda sempre, porém a Palavra de Deus é imutável. Mudam os homens, porém o Senhor é o mesmo, eterno e fiel." Além do estatuto impresso, tudo é preservado pela transmissão oral. Não mantém seminário nem dispõe de escolas dominicais.

Se as outras igrejas pentecostais mais parecem modernas empresas, em estrutura e funcionamento, a Congregação Cristã possui uma organização muito simples. A escolha dos anciãos e dos crentes que dirigem os cultos nas Casas de Oração, por exemplo, é feita de maneira colegiada, dependendo da iluminação do Espírito Santo. Numa reunião, da qual participam apenas os anciãos e cooperadores em oração, em "clima de iluminismo e subjetividade"¹¹ são propostos os nomes dos candidatos. Estes são aclamados pelas vozes em maior número. A escolha é considerada como feita dentro da iluminação do Espírito Santo.

Essa mesma iluminação é sentida nas pregações e orações nos cultos. Mulher não prega. Quem prega é alguém que se levanta na hora que lhe é permitido, alguém que sinta a iluminação do Espírito Santo naquele momento. Na oração comum, em murmurio, alguém se destaca como orante do

grupo, que o aceita como iluminado para orar naquela ocasião.

A porta do templo estabelece a separação entre o profano e o sagrado. As pessoas somente se cumprimentam fora da porta do templo. As mulheres entre si e os homens entre si, com ósculo santo. Homens e mulheres não conversam; apenas se cumprimentam de longe.

Alguns aspectos da Congregação Cristã fazem parte da herança valdense transmitida por Francescon, que estivera na Itália, em contato com aquela cultura.

A partir de 1966, organiza relatórios anuais com o número de batismos realizados (1.015.619 até 1986) e Casas de Oração (7.559 em 1986), a maioria em São Paulo, Paraná, Rio e Minas Gerais. Em 1950, estendeu-se para o Centro-Oeste e, em 1960, para o Nordeste e o Norte.

Se as raízes da Congregação Cristã no Brasil foram lançadas pelos italianos, sua expansão deve-se aos brasileiros convertidos.¹²

IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR — Existe hoje em mais de 50 países. Recebeu esse nome em 1922, em Oakland, Califórnia, EUA, inspirado numa visão de Aimée Semple McPherson, missionária ativa que deu origem a esse grupo pentecostal. Na visão, relacionou ela os quatro querubins de Ezequiel com quatro ângulos do ministério de Jesus: o salvador, o batizador com o Espírito Santo, o grande médico e o rei que há de voltar. Antes disso chamava-se Igreja do Avivamento Contínuo. A própria doutrina da Igreja tem a ver com os quatro principais benefícios do Calvário: salvação, batismo com o Espírito Santo, cura divina e volta de Cristo.

Aimée Semple McPherson, além das inúmeras viagens missionárias, deixou vários livros, quase 200 hinos e 13 óperas de exaltação e glorificação de Jesus Cristo; instalou uma emissora de rádio e inspirou a fundação do Life Bible College, instituto para preparar missionários (Los Angeles, EUA). A ela também são atribuídos vários milagres.

Nesse instituto estudou Harold Edwin Williams, um artista de cinema convertido e que chegou a Guajará-Mirim, Brasil, em 1946, como missionário, junto com Hermílio Vasquez. Pregou em várias cidades, armando tendas e realizando campanhas evangelísticas. Por isso denominava-se o movimento de Cruzada de Evangelização. Deteve-se em São Paulo de Boa Vista, SP, onde fundou a Igreja Evangélica do Brasil, em 1951, que passou e se chamar, em 1958, Igreja do Evangelho Quadrangular.

O Pastor Williams contou com o apoio da igreja de Los Angeles, que lhe enviou o Pastor Raymond Botright. Provocaram a divisão da igreja presbiteriana do Cambuci e ganharam a adesão de Barra Funda e Água Branca (São Paulo). Realizaram a Cruzada Nacional de Evangelização, para divulgar a Bíblia no Brasil.

A 8 de abril de 1968 foi inaugurado o templo-sede na Praça Olavo Bilac, em São Paulo. Já contava com 4.317 congregações em 23 estados e territórios do Brasil.

Os cultos são semelhantes aos de outras igrejas pentecostais. Não há muito rigor quanto à separação dos sexos e aos trajes femininos. No final dos cultos há a bênção da cura, com a unção com óleo; quem cura é o pastor.

A principal razão de seu crescimento deve-se ao trabalho evangelístico perseverante, divulgando a Bíblia, mantendo programas de rádio, organizando institutos bíblicos para formação de pastores, aspirantes e obreiros.

A Igreja brasileira está absolutamente subordinada à Igreja dos Estados Unidos: as decisões quanto às doutrinas e administrações provêm de Los Angeles. O presidente sempre é um missionário norte-americano e os demais membros são eleitos pela Convenção Nacional.

IGREJA EVANGÉLICA O BRASIL PARA CRISTO — Organizada por Manuel de Melo, em 1955, que freqüentou a Assembléia de Deus e o Evangelho Quadrangular, das quais

conservou a maior parte das doutrinas. O reavivamento espiritual começou em São Paulo. O nome O Brasil Para Cristo talvez tenha sido colocado pela inspiração no movimento O Chile Para Cristo. Manuel de Melo tem mantido contatos pessoais com líderes pentecostais de outros países e com cristãos, através do Conselho Mundial de Igrejas, do qual é membro.

Os cultos de O Brasil Para Cristo são como os demais das igrejas pentecostais. Não existe uma preocupação com a glosolalia, como nas demais igrejas. Parece que não existem vigílias de oração, apenas a oração coletiva, espontânea. Não há separação entre homens e mulheres nos cultos. Não fazem apelos.

O Brasil Para Cristo tem participado de campanhas eleitorais.

Em 1960, possuía vários templos na periferia de São Paulo e interior do Estado. Chegou ao Rio, Minas, Porto Alegre. Em 1970, espalhou-se pelo Sudeste, Centro-Oeste, Sul, Distrito Federal e Nordeste.

Possui um grande número de membros e o maior templo evangélico do mundo, com capacidade para 25 mil pessoas sentadas,¹³ localizado na Lapa, São Paulo.

IGREJA DEUS É AMOR — Surgiu no dia 3 de junho de 1962, liderada por David Miranda, cunhado de Manuel de Melo que organizou O Brasil Para Cristo. A empresa de David Miranda está em próspero avanço. Somente num dia (07/09/81) foram agregados 2.700 fiéis, através do batismo.¹⁴ No vigésimo ano de funcionamento inaugurou a sede nacional na Baixada do Glicério, centro de São Paulo, com 27.000m² de área construída (antiga fábrica). Seu programa de rádio é transmitido por 140 emissoras por todo o Brasil. Calcula-se que o número de adeptos alcance a soma de 400.000 ainda que esse número seja duvidoso, pois muitos deixam o grupo depois de batizados, como veremos mais adiante. Uma carac-

terística do seu trabalho é o proselitismo que realiza de outros grupos pentecostais.

Recentemente, David Miranda comprou três emissoras de rádio para divulgar as concentrações de fé e milagres. No dia 12 de agosto de 1984, foi realizada uma grande concentração na Av. do Estado, SP, quando David Miranda anunciou a compra da Rádio Itaí de Porto Alegre. "Só que todos têm de colaborar".¹⁵ A compra dessa rádio feita na clandestinidade foi largamente comentada nos jornais da época.

Em 1969, começou a adquirir imóveis e se expandir pelo interior de São Paulo e em quase todos os estados. Pretende abrir filiais no exterior. No decorrer desses anos, os estatutos têm sido modificados de acordo com o crescimento financeiro do grupo, legando mais dividendos ao líder e somando juros, correção monetária, aplicações financeiras ao patrimônio da seita.

David Miranda é um ex-tocador de tuba, que realiza diariamente 573 ou mais programas de rádio. No exterior é processado por curandeirismo. Diz ele que realiza as curas pelo poder do Espírito Santo. Enquanto isso, vai montando seu império, que atualmente inclui emissoras de rádio em todo o país, gráficas, estúdios de gravação e a sede monumental na Av. do Estado, São Paulo. Segundo alguns, possui até mesmo helicóptero, além de todo seu patrimônio particular e coleção de automóveis.

Ao mesmo tempo em que ridiculariza os outros grupos pentecostais como não tendo o Espírito Santo, nos programas de rádio David Miranda demonstra uma atitude ecumênica, chamando católicos, budistas, espiritualistas de irmãos. "Venham todos (...) não importa sua religião, meu irmão". Parece que é apenas para agradar ao público, pois enfatiza que a pessoa doente e católica está curada e é membro de sua igreja. Sobre seu programa de rádio, em detalhes, trataremos em outro capítulo.

IGREJA PENTECOSTAL DE NOVA VIDA — Uma das mais recentes igrejas pentecostais brasileiras, seu principal templo foi inaugurado em 1970, em Botafogo, RJ, num prédio de sete andares pertencente à Igreja. Roberto McAlister não nega o fato de que sua Igreja se destina à classe burguesa, pois a mensagem de Cristo é para todos: pobres e ricos. McAlister foi pregador na Assembléia de Deus e no Evangelho Quadrangular. Seu programa de rádio alcançou um grande nível de audiência e ele resolveu organizar uma nova Igreja, com recursos enviados pelos ouvintes.

Sua membresia é formada de pessoas da classe média. Sua organização é episcopal e por isso difere daquelas voltadas para as camadas mais pobres da sociedade. É uma Igreja que pensa e faz teologia, constrói templos, ganha almas para o Reino.

Nos cultos públicos pregam somente o bispo e os pastores. Há orações espontâneas, durante as quais os assistentes repetem a oração do dirigente em voz alta. Não existe a explosão espontânea que há nas demais igrejas pentecostais.

A Igreja de Nova Vida possui templos em Bonsucesso, Ilha do Governador, Niterói, Caxias (no Rio de Janeiro) e alguns no Estado de São Paulo e outros estados, perfazendo um total de 40 templos em todo o Brasil.

É o menor dos grupos mencionados até aqui, mas está em expansão. O Bispo McAlister, em razão da vasta produção teológica, constitui-se na cabeça pensante do grupo.

Roberto McAlister nasceu e estudou no Canadá. Filho de pastor pentecostal, iniciou seu ministério religioso fazendo campanhas evangelísticas por diversas partes do mundo. Em 1960, veio para o Brasil. Das Filipinas trouxe experiências marcantes e transparentes em sua teologia, notadamente a vivida na expulsão de demônios de Clarita Villanueva.

A Igreja de Nova Vida diferencia-se do contexto pentecostal por ter sua linha teológica mais aproximada das igrejas

européias e americanas e por suas exigências comportamentais não-legalistas, como as outras igrejas pentecostais.

Du Plessiis, assessor para assuntos do Espírito Santo junto ao Papa, tem exercido influência na teologia de McAlister e na aproximação e diálogo com a cúpula da Igreja Católica.

Por causa de seu estado de saúde precário, o Bispo Roberto tem diminuído suas atividades paroquiais e sua produção literária. Ele já escreveu mais de 40 livros, entre os quais: *Medo, Mãe de Santo, Os Alicerces da Fé, Crentes Endemoninhados, A Nova Heresia, A Experiência Pentecostal, Possessão de Demônios e Como Ler o Novo Testamento*.

O Bispo Roberto tem sabido equacionar os problemas financeiros de seu grupo, as dificuldades de comunicação pela compra da Rádio Relógio Federal. Imóveis vários já fazem parte do patrimônio de Nova Vida e um grande número de obreiros com sustento integral. A revista *Voz*, o boletim do Bispo Roberto (um periódico bimestral exclusivo para ministros cristãos brasileiros que divulga principalmente as atividades do grupo), programas de rádio e televisão, catecismos são fontes para identificarmos a produção teológica de McAlister.

O livro mais importante do Bispo McAlister, a nosso ver, é *A Experiência Pentecostal*. Vejamos alguns aspectos:

O novo nascimento como processo, desenvolvido em três etapas: arrependimento, batismo nas águas e recebimento do dom do Espírito Santo. Esta doutrina está expressa também na Declaração de Fé da Igreja Pentecostal de Nova Vida. O falar em línguas é prova do batismo com o Espírito Santo.

O batismo nas águas faz parte de nossa entrada no reino de Deus. Não havendo batismo nas águas, o ciclo do novo nascimento não está completo. Por isso, há urgência do batismo nas águas.

“O sangue de Jesus nos purifica de todos os pecados. A remissão destes pecados se faz pelas águas batismais. O fogo do Espírito Santo coopera no mesmo processo de tirar o pecca-

dor do império das trevas e transportá-lo para o reino do Filho de Deus (...)"¹⁶.

Uma teologia do Espírito Santo — Para o Bispo Roberto, a força das igrejas pentecostais está no fato de reformularem sua teologia a partir ou na medida em "que o Espírito Santo revela o senso mais profundo das Escrituras Sagradas, e na altura da nossa capacidade para compreender as coisas do reino de Deus".¹⁷

O batismo no Espírito Santo primeiro foi uma experiência e depois firmou-se como doutrina e sua evidência é o falar em outras línguas: vivas ou mortas, comprehensíveis ou necessitando de interpretação. A experiência do batismo no Espírito Santo é direta, consciente, é estar cheio do Espírito Santo, é uma promessa, é um dom, é um revestimento. A purificação do pecado vem após o batismo no Espírito Santo. Para receber o batismo é necessário arrepender-se, batizar-se nas águas, entregar-se em oração, obedecer fielmente ao Senhor. A evidência é a glossolalia. As conseqüências são novo louvor, adoração, novo poder para servir e testemunhar, nova edificação da igreja.

Quanto ao mais, há choques constantes da Igreja com outros grupos pentecostais por causa de seu proselitismo e ecumenismo.

As criações teológicas do Bispo Roberto estão de acordo com a habitual formulação teológica pentecostal, porém com mais requinte, pois os grupos não se dedicam à escrita: são verbais.

Observamos que também a Igreja Pentecostal de Nova Vida tende a menosprezar as outras denominações evangélicas. Tem realizado congressos e cursos sobre cura divina, com preletores estrangeiros, principalmente americanos. O clima de tais encontros é ecumênico e evidencia e proselitismo pentecostal do Bispo Roberto. Aliás, todo bom pentecostal é proselitista, pois sua própria experiência subestima a

experiência dos outros cristãos. Ser irmão em Cristo, servo de Cristo, salvo por Cristo somente é aplicado aos pentecostais que excluem os cristãos das denominações históricas de tal convívio e privilégio.

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA — Surgiu em 1967, em Pittsburg, EUA, quando professores e estudantes católicos da Universidade de Duquesne estudaram *A Cruz e o Punhal* e *Eles Falaram em Outras Línguas*. O sacerdote Jesuíta Edward O' Connor, da Universidade Católica de Notre Dame, era orientador espiritual de Steve Clark e de Ralph Martin Keifer. Resolveu ele utilizá-los para levar a influência carismática para o meio católico. O objetivo seria “ ecuménizar” os pentecostais, tal como já houvera o intento de ecumenizar os luteranos e anglicanos. O'Connor deu para eles lerem dois livros: *A Cruz e o Punhal*, de David Wilkerson, e *Eles Falaram em Outras Línguas*, de John Sherril. Ambos começaram a freqüentar as reuniões dos pentecostais. Clark e Keifer compareceram, em 1966, à Convenção Nacional dos Cursilhos, realizada nas dependências da Universidade Católica Duquesne, Pittsburg, Pennsylvania. Muitos leram os livros e se sentiram despertados para as novas experiências. Em reuniões avivalistas, logo houve manifestações carismáticas. Desse local, o movimento de renovação carismática católica se espalhou pelos Estados Unidos e por todos os países.

Na Universidade Duquesne destacou-se o casal Kevin e Dorothy Renaghan, que se tornou conhecido no Brasil através de seu livro *Católicos Pentecostais*, traduzido pela editora O. S. Boyer, de Pindamonhangaba, SP. Nesse livro, os autores admitem que “um dos mais ricos frutos desse movimento carismáticos contemporâneo é a união dos cristãos de muitas denominações, no Espírito de Jesus. Episcopais, luteranos, presbiterianos, metodistas, batistas, discípulos, nazarenos, irmãos, assim como pentecostais denominacionais têm se tornado nossos queridos irmãos e irmãs em Cristo, unidos pelo batismo com o Espírito Santo” (p. 282).

Por ocasião do Concílio Vaticano II, o Papa João XXIII havia composto uma oração ao Espírito Santo como preparação aos trabalhos, o que despertou, de certa forma, o sentimento de renovação católica.

Não é, entretanto, um movimento autônomo ou uma pastoral. É uma renovação espiritual cujo objetivo é reavivar e fortalecer os membros e as estruturas da Igreja Católica. Esse movimento de renovação carismática católica incentiva a oração individual e comunitária, o estudo da Bíblia, a meditação, a busca da santificação, de uma nova vida, liberta, alegre, segura, cheia de amor e união.

A ênfase da RCC são as reuniões de oração: oração de louvor, orações espontâneas, orações coletivas e orações em línguas, sem que essa última (como em outros grupos pentecostais) seja considerada essencial. A oração individual também é valorizada, pois está estreitamente ligada à experiência de fé.

Os dois temas marcantes da RCC é a “vida nova” e o “senhorio de Jesus Cristo”. A vida nova é iniciada pelo batismo no Espírito Santo e marcada através de dons e carismas: oração em línguas, profecias, interpretação, dom de curas, dom da ciência, da sabedoria, do discernimento, embora esses dons não sejam vistos como essenciais para evidenciar o batismo no Espírito Santo. Alguns o evidenciam simplesmente pelo crescente amor ao próximo.

“Assim, podemos caracterizar a proposta da RCC como um reavivamento espiritual por meio da oração de louvor, a experiência da vida nova no Espírito, e a manifestação dos seus dons e carismas.”¹⁸

Fazem parte da RCC, em sua maioria, pessoas do sexo feminino, adultos, letrados, da classe média. São leigos, exceto os dirigentes, que são sacerdotes e religiosos. A maioria já participou dos cursinhos e comunga assiduamente com a Igreja Católica.

“A RCC abrange hoje cerca de 130 países (...). Chegou ao Brasil em 1972, trazida pelos padres jesuítas e espalhou-se logo por vários estados (...). Só no VIII Cenáculo, em maio de 1986, conseguiu concentrar 85 mil pessoas no Estádio do Pacaembu, em São Paulo.”¹⁹

A direção mundial da RCC funciona em Roma. Para a América Latina há o escritório em Bogotá, Colômbia. No Brasil, há uma Comissão Nacional com 15 membros, em Brasília, que coordena as equipes regionais.

O movimento é difundido através do rádio e da televisão. Publicam a revista *Jesus Vive e É o Senhor* e o *Boletim Nacional*. Há boletins regionais em São Paulo, Belo Horizonte e Brasília.

A Igreja Católica admite a contribuição do pentecostalismo clássico e do neopentecostalismo para o movimento carismático católico, embora suas estruturas doutrinárias divirjam nos aspectos fundamentais.

A razão principal de o movimento não existir como seita é que recebe o apoio da Igreja Católica.

Esse movimento carismático tem facilitado sobremodo o entendimento ecumênico. Os pentecostais mesmo admitem em seu meio pessoas de todas as religiões que tenham a experiência com o Espírito Santo.

CONCLUSÃO

Concluindo, destacamos o fato de que a Assembléia de Deus do Brasil, representando o maior grupo pentecostal, organizou-se em denominação e não está ligada aos outros grupos pentecostais menores, dos quais alguns saíram da Assembléia de Deus, outros saíram de outras denominações evangélicas denominadas históricas e outros ainda saíram de igrejas isoladas. Esses grupos pentecostais pequenos que proliferam, prejudicam e denigrem o trabalho sério das denominações evangélicas são que nos preocupam. É deles que nos ocuparemos neste volume.

Existe atualmente uma infinidade de grupos pentecostais, que estatística nenhuma consegue registrar, pela grande proliferação e pela despreocupação desses grupos em se organizarem eclesiasticamente e escreverem ou registrarem sua história. De tempos em tempos, abre-se uma "portinha", um salão ou uma garagem, que recebe um nome e congrega um grupo de pessoas. Podemos mencionar alguns desses grupos: Avivamento Bíblico, Cristo Pentecostal da Bíblia, Cristo Jesus, Evangélica Pentecostal Unida, Eslava Brasileira Pentecostal, Assembléia de Deus Russa, Evangélica do Espírito Santo, Cruzada da Fé, Evangélica Pentecostal (Missão Holandesa). E ainda outros mais recentes: Renovação, Restauração Evangélica do Povo, Sinais e Prodígios, Jesus Socorrista, A Volta de Cristo, Viva Jesus, Maravilhas de Jesus, Jesus Fonte de Água Viva, Clínica da Alma, Pronto-Socorro de Jesus, Tabernáculo da Fé, Igreja Evangélica Pentecostal Poder da Fé, Igreja Batista Pentecostal, Igreja Evangélica Pentecostal do Brasil, Igreja Internacional da Graça de Deus, e aí por diante.

É justamente o sentimento inato de religiosidade e a tendência ao sincretismo religioso do povo brasileiro que levam à proliferação de tantas e tantas seitas, como veremos nos próximos capítulos.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 JENSEN, Richard A., *O Toque do Espírito*, Sinodal, 1985, p. 85.
- 2 Citado por HOLLENWEGER, W., *El Pentecostalismo*, Editorial La Aurora, p. 10.
- 3 HOLLENWEGER, W., *op. cit.*, p. 36.
- 4 *Ibid.*, p. 71.
- 5 *Ibid.*, p. 76, 77.
- 6 AZEVEDO, Israel Belo de, *A Palavra Tremenda*, apostila, p. 15.
- 7 Citado por HOLLENWEGER, W., em *Imagens da Assembléia de Deus*, revista *Imprensa Metodista*, p. 25.
- 8 AZEVEDO, Israel Belo de, *op. cit.*, p. 16.
- 9 Artigo: "A Memória É Sempre Subversiva", em *Imagens da Assembléia de Deus*, *op. cit.*, p. 32.

- 10 LIMA, Délcio Monteiro, *Os Demônios Descem do Norte*, RJ, Francisco Álves, 1987, p. 74.
- 11 ROLIM, Francisco Cartaxo, *Pentecostais no Brasil*, Vozes, 1985, p. 36.
- 12 Outros detalhes doutrinários e uma avaliação bíblica: consultar o volume I da série *Seitas de Nossa Tempor* (*Seitas Proféticas*, p. 111-117).
- 13 AZEVEDO, Israel Belo de, *op. cit.*, p. 17.
- 14 CAMPOS, Leonildo Silveira, "O Milagre no Ar", *revista Simpósio*, nº 26, dezembro/82, p. 95.
- 15 Reportagem em *O Estado de São Paulo*, 17/12/84.
- 16 McALISTER, Roberto, *A Experiência Pentecostal*, p. 61.
- 17 *Ibid.*, p. 63
- 18 Vários autores, *Renovação Carismática Católica*, Vozes, 1978, p. 22.
- 19 LIMA, Délcio Monteiro de, *op. cit.*, p. 98.

2

RELIGIOSIDADE POPULAR E SINCRETISMO

A consciência mística pressupõe que a realidade se encontra para além dos olhos abertos e para além da palavra articulada. Ou seja, ela afirma que o real que está diante dos olhos como objeto à sua racionalidade verbalizável nada mais é que um real falso — um ídolo — a ser ultrapassado.

— Rubem Alves

Religiosidade popular pode ser definida como a vivência da fé que os adeptos de uma religião elaboram. O que os adeptos fazem com sua religião é o que determina sua atitude, o seu comportamento, a sua maneira de pensar. O povo é designado como a classe inferior, a massa sem privilégios. Religiosamente, o povo é a categoria que não pertence à elite religiosa; é a massa como objeto de uma instituição religiosa e não tem vez nem voz de sujeito. "Religiosidade popular é a vivência religiosa elaborada, no decorrer da história, por leigos, orientados por sua posição social e atuando fora do controle do clero e da instituição Igreja. Esta religiosidade possibilita um contato direto com o sagrado, sem a intermediação dos sacerdotes."¹ Aqui se fala do clero e dos sacerdotes, entretanto, a religiosidade popular existe também fora da Igreja Católica, em todas as religiões, pois quando a pessoa se converte traz para a vida religiosa sua bagagem cultural aprendida.

A religiosidade popular não é reconhecida pela instituição. É opcional; é sincretista, pois se deixa influenciar por muitos

elementos; sua tradição é predominantemente oral; tem a ver com a vida diária do povo e objetiva aliviar suas aflições.

“A religiosidade popular e a religiosidade oficial formam os extremos de um aspecto religioso. Elas não se excluem totalmente e coincidem parcialmente. Existe uma relação dialética entre ambas, elas se influenciam mutuamente. Ambas são conceitos que ajudam a analisar uma realidade religiosa.”²

A religiosidade popular apresenta diversas características: o relacionamento direto e pessoal entre o sagrado e o profano (a mais essencial segundo Lírias Negrão);³ o sentido mágico ou intuitivo — enquanto à religião importa uma transcendência, a magia conota imanência; traços simbólicos e imaginativos; o misticismo ou emotividade; o festivo e o teatral; o comunitário; a política; a perda relativa da importância do sacramental diante do devocional.

Essas características, apresentadas de maneira generalizada, nos permitem uma visão global da religiosidade popular. A seguir vamos estudá-la sob diversos ângulos, começando com a religiosidade popular no Antigo e Novo Testamentos.

RELIGIOSIDADE POPULAR NO ANTIGO E NOVO TESTAMENTOS

A religiosidade popular no contexto israelita do Antigo Testamento deve ser compreendida como as concepções populares acerca da atuação divina na vida da pessoa, da comunidade e da natureza. Até o exílio, o povo israelita apresentava uma pluralidade de vida religiosa, mesclada com o culto a Iavé e outros cultos privados e locais. Uma característica marcante na religiosidade popular israelita é sua ligação com as necessidades e as experiências da vida cotidiana. Herman Vorländer⁴ afirma que isso nós sabemos através de textos polêmicos, lendas antigas, narrações populares, orações e nomes de pessoas, porque a teologia oficial posterior apagou seus vestígios.

Observa-se uma piedade individual nos patriarcas, que os leva a crer que o Deus pessoal lhes concede saúde, êxito, bênção de filhos, bom relacionamento com os outros e os protege dos inimigos e do mal. O êxito de pessoas importantes é visto como atuação direta de Deus, como no caso de José. A crença nos demônios e a proteção de Deus contra eles é marcante na religiosidade popular (I Sam. 16:14; II Sam. 24:1; I Reis 12:15; Sal. 22). A própria vida era recebida como dádiva de Deus. O encontro do homem com Deus era tido como o encontro com o poder e a força (Elohim) — que às vezes eram ameaçadores; esse aspecto seria amenizado pela celebração de cultos, sacrifícios, orações e atitudes corretas.

Os israelitas preocupavam-se em possibilitar a atuação e a proximidade de Deus e criam na ação de Deus na realidade que circunda o homem.

Assim, a atuação de Deus era vista também na natureza: a seca, a chuva, as pragas do Egito, a parada do tempo na época de Josué eram considerados efeitos da mão de Deus. Daí as festas, em que o povo oferecia a Deus o produto de suas colheitas, em reconhecimento às suas bênçãos sobre as plantações e os alimentos, dando crescimento e progresso.⁵

Outros deuses, além de Iavé, eram venerados, com culto privado. Eram chamados de baals e astarotes. A arqueologia mostrou numerosas figuras de deuses e inscrições com nomes de baals, nas cidades israelitas. Portanto, podemos concluir que o povo israelita era henoteísta, ou seja, criam na existência soberana de um Deus e o serviam, mas também admitia a existência de outros deuses menores em poder e influência. Isso até o tempo do exílio.

O culto oficial a Iavé foi estabelecido por Davi e seguido por Salomão, com a construção do templo em Jerusalém. Esse culto também estava imbuído da piedade popular. Não tinha caráter monoteísta ou exclusivista. O centro do culto nacional era o templo, visto como um lugar de segurança e fonte de vida. Lá estava a arca da aliança, símbolo da presença divina.

Todo homem israelita era obrigado a participar do culto nacional (Êx. 23:17). Os sacerdotes eram os mediadores de Deus, intercedendo pelo povo, fazendo as ofertas e os rituais.

A crença de que o rei estava bem próximo a Deus, sendo que a unção o dotava de força e nobreza e sendo que às vezes exercia a função de sacerdote, fazia parte da religiosidade popular.

Assim, a religião do antigo Israel incluía a religião oficial a Iavé, os cultos locais e a piedade individual. Diz-nos Vorländer que “o rompimento decisivo com a religiosidade popular ocorreu (...) somente depois do exílio”.⁶ Na Babilônia não havia os lugares especiais para os cultos locais, os deportados eram os de classe superior e não o povo todo, os objetos de culto tinham ficado na Palestina. O culto a Iavé, por sua vez, era mais facilmente transportado, pois dependia da fé e da obediência somente, levadas no coração. As profecias reforçavam o culto único a Iavé, apresentado como o Deus Criador, Todo-Poderoso, único, soberano e universal. Desde o Deuteronômio, por outro lado, os cultos aos deuses estranhos eram condenados severamente. Após o exílio, a religiosidade popular ganha novos elementos: Satã incorpora o mal, os anjos são mediadores entre Deus e os homens (Jó 1, Dan. 12:1).

Finalmente, “a crença em Javé se distancia da vida e se torna teórica, sempre que não se deixa enriquecer de novo por impulsos promovidos da religiosidade popular”.⁷

A vida do povo de Deus narrada no Antigo Testamento é uma demonstração de como a institucionalização da religião possui seu lado positivo e negativo: ao tempo que une também separa, pois o povo é induzido a obedecer e andar através de caminhos que lhe são desconhecidos. Daí surgem os conflitos, as divisões, os falsos profetas com suas profecias que não coincidem com a vontade de Deus para o povo.

O Antigo Testamento narra a vida de um povo que, como nós hoje, imitava outros povos, tanto que trocaram a teo-

cia pela monarquia, simplesmente porque os outros povos, as outras culturas, a possuíam (I Sam. 8:1-22).

Deus tem um propósito para cada povo e cultura. Deus tem um propósito convergente para os povos. De forma diferente, Deus conduz a todos ao seu encontro com Cristo, tal qual aconteceu com Israel. Muitos ficaram com a revelação, aceitaram o Messias, transformaram-se em apóstolos, seguidores de Jesus. Surgiu o cristianismo que, ao expandir-se, foi recebido por muitos povos e culturas diferentes. O cristianismo foi aculturado.

Se os cristãos do primeiro século, Tertuliano e até mesmo Tolstoi defendiam um cristianismo completamente separado da cultura; se outros confundiram Cristo com a cultura, harmonizando-os; se ainda outros, através dos tempos, têm colocado Cristo acima da cultura, ficamos com H. Richard Niebuhr, que nos apresenta Cristo transformando a cultura a partir da fé e da transformação de cada ser humano.⁸

Hoje no Brasil existem aqueles que separam inteiramente o cristianismo da cultura, como faziam os quacres nos Estados Unidos, os adeptos da vida monástica e outros. Muitos grupos neopentecostais não admitem o uso da razão, mas somente a fé; não admitem o estudo, mas somente a inspiração divina. Entretanto, como veremos no decorrer deste capítulo, a cultura, e mui particularmente a cultura popular, está relacionada à religiosidade do povo. Uma das expressões dessa religiosidade popular está no neopentecostismo.

CULTURA POPULAR E RELIGIOSIDADE

A cultura de um povo é o conjunto de todas as suas características (adquiridas pela miscigenação com outros povos), ou seja, padrões de comportamento, instituições, valores materiais, transmitidos coletivamente, além das crenças e valores espirituais. Da cultura também faz parte a religião, ou as religiões, cada qual com seus ritos e crenças.

Para efeito de um estudo social, pode-se diferenciar a religião dos dominantes, em grau e não em natureza, da religião popular. Como dissemos no início, elas não se excluem totalmente e coincidem parcialmente. Ambas ajudam a compreender a realidade religiosa de um país ou de uma cultura.

A religiosidade popular pode ser vista sob alguns aspectos:⁹

1) Composição social dos fiéis (a religião popular abrange mais os pobres, as pessoas da classe baixa).

2) Função da religiosidade (a religião visa a conservar a tradição ou ser uma resposta ao desequilíbrio causado pelas mudanças sociais). Ela possui práticas religiosas populares que se conservaram desde tempos remotos; essas tradições arcaico-rurais estão sendo renovadas. Essa volta é justamente uma reação às contradições da civilização industrial (desarraigamento, emigração, despersonalização, massificação, anonimato).

3) Conteúdo da religião (pode ser uma ética rígida ou uma atitude mais devocional).

4) Natureza da autoridade na instituição religiosa (pode ser burocrática ou carismática). Da religiosidade popular fazem parte os grupos carismáticos que buscam uma vida religiosa mais participativa, mais espontânea, mais emotiva, mais experiential. Max Weber a denomina de carismática em face da burocratização institucionalizada.

Podemos acrescentar outros aspectos:¹⁰

1) A religiosidade popular contém resíduos de religiões arcaicas, rurais, que são as magias, as superstições, formas de paganismo, costumes.

2) Conservam os líderes carismáticos ou curandeiros, que realizam os transes, têm as visões, operam os milagres.

No caso do Brasil, a religiosidade popular apresenta características particulares, tais como:

1) *Presença marcante dos leigos.* Desde os idos de 1850, principalmente na zona rural, devido ao pequeno número de

sacerdotes católicos (que vinham do exterior), desenvolveu-se uma religiosidade em meio às irmandades, romarias, ermidas, devoções, procissões e festas. As irmandades incentivaram o desenvolvimento de certa fraternidade. Entretanto, na segunda metade do século passado, a Igreja Católica começou a supervisionar mais a religião através do clero oficial, com isso o laicato foi perdendo o poder, que foi transferido para o próprio clero. Os sacramentos e a instrução religiosa (o catecismo) substituíram as práticas anteriores, considerando-as, muitas delas, superstições.

Essa presença marcante dos leigos também se observa nos grupos pentecostais, onde desaparece a separação entre o pastor e o povo, porque qualquer um pode pregar. E a separação entre o sagrado e o profano desaparece: os intermediários são reduzidos ao mínimo. Por outro lado, não se sente a necessidade de cursar uma faculdade para se tornar ministro. Desaparece a separação entre aquele que tem e o que não tem o Espírito Santo, pois ele é recebido por todos. O povo se torna o verdadeiro protagonista da vida religiosa.

O pentecostalismo atingiu as camadas mais pobres da população e incentivou o sacerdócio leigo. As igrejas protestantes históricas adotam um processo seletivo e pedem uma formação específica para seus pastores e bispos. O pentecostalismo se recusou a isso e rompeu com o elitismo da Igreja Católica e do protestantismo tradicional. O que conta no pentecostalismo não é a instrução, mas a experiência religiosa, a obediência ao líder carismático e o cuidado pelo crescimento do grupo. O pentecostalismo abriu as portas para a cultura oral das massas populares.

2) *Limitado nível de consciência a respeito dos valores que a justificam.* A religião internalizada pede uma participação consciente e deliberada do fiel. Esse ponto explica a adesão de muitos católicos pobres às religiões urbanas de massa, como: pentecostalismo, umbanda, espiritismo, seicho-no-iê. A migração e o isolamento, a doença e o desemprego, a pobreza e a falta de poder levam à religião popular de massa.

3) *Esforço para vencer um mundo hostil.* A religião popular oferece certas graças, através da fé, aos fiéis, certas promessas e recompensas que ajudam ao oprimido, dando-lhe esperanças de dias melhores, solução para seus problemas, nem que seja apenas a vida eterna.

A cura divina é uma esperança para os desenganados e pobres que não possuem recursos para resolver seus problemas de saúde: desnutrição, falta de assistência básica sanitária e médica. O brasileiro é doente e morre cedo. A doença não atinge apenas o seu corpo, mas prejudica também sua estabilidade social, sua família, seu emprego. ‘‘Desamparado e sem meios, só lhe resta o remédio do povo sem remédio: o milagre.’’¹²

Poucas têm sido as iniciativas para solucionar o problema da doença do brasileiro. O curandeirismo tem explorado essa necessidade. O espiritismo e o pentecostalismo têm procurado trazer uma resposta a essa aflição e carência. Alguns padres católicos têm oferecido remédios caseiros à base de plantas que ficam mais baratos, não possuem contra-indicações e aproveitam a flora brasileira.

4) *As religiões populares se organizam sob a forma de seitas, opondo-se às religiões oficiais que se institucionalizaram sob a forma de igrejas.* O termo seita quer designar um grupo que se separou por questões éticas (pentecostalismo, espiritismo), pelo poder mágico de seus líderes (umbanda, macumba, espiritismo, pentecostalismo) ou pela potência miraculosa de seus santos (catolicismo devocional), ou pelo fanatismo, latente ou manifesto.

Rubem Alves defende a tese de que as igrejas se dividem porque são rígidas quanto às suas doutrinas. Quem não aceita doutrina e prática tem que sair da igreja ou da seita. O catolicismo tem mantido uma unidade simbólica em meio à diversidade; diversos tipos de catolicismo convivem juntos; as diferenças doutrinárias são mais toleradas. As seitas, por sua vez, não suportam a presença de grupos dissidentes dentro delas.

Um “corpo estranho” é imediatamente cuspido fora, o que leva à formação de outra seita. Enquanto as religiões vão crescendo, as seitas são como microrganismos que se multiplicam alucinadamente, afirma Rubem Alves.¹³

Se no antigo Israel havia os falsos profetas, os deturpadores da verdade divina, os curandeiros, enfim uma enormidade de situações que confundiram o povo acerca da vinda do Messias, hoje em dia vivemos problemas semelhantes, pois assistimos a situações que confundem os seguidores de Cristo acerca de sua missão, escandalizam a revelação divina, prometem, em seu nome, o que ele não autorizou.

O papel da igreja de Cristo, principalmente no Brasil, não é ressuscitar o contexto cultural de Jesus e sim refletir, pensar, obedecer e fazer a sua vontade (Mat. 28:18-20). O evangelho deve prosseguir em paz, segurança e seriedade, demonstrando que o reino de Jesus realmente não é deste mundo.

O que constatamos hoje em nossa cultura são verdadeiros impérios, reinos e fortunas pessoais, em nome de Jesus, usando e abusando da ingenuidade do povo brasileiro. Este, formado dentro de uma cultura popular mista e sincrética, é por natureza aberto a esse tipo de fatuidade. O povo é vitimado por homens, líderes que, visando o material através de uma linguagem religiosa, requintada de técnicas psicológicas persuasivas e *marketing*, exploram economicamente e se transformam em construtores da indústria da fé. Eles “atrofiam a razão crítica, inibem o pensamento criador; consequentemente, expande-se a razão operacional”, tudo isso porque os líderes observam o comportamento cultural do povo brasileiro. A visão do mundo que esses líderes constroem faz parte da contracultura cristã ou, como afirma Alfredo Bosi, forma uma cultura de resistência. Diz ele:

As formas religiosas voltam a interessar os estudiosos do Brasil, já não como “resíduos” de uma mentalidade atrasada e bárbara, mas como estímulos poderosos à vida em comum, saídas grupais do desespero e da opressão, sem falar

em sua qualidade de fontes poéticas e musicais inexauríveis. Nesse particular, o fenômeno é profundo e vinca toda a cultura popular: há uma viragem socializante no interior da Igreja que desafia as interpretações clássicas; e junto a ela, uma disseminação de crenças pentecostais e umbandistas nas quais os fiéis pobres e, não raro, analfabetos, são elevados à categoria de pastores e curandeiros, graças ao reconhecimento, pela comunidade, de seus dotes (“carismas”), o que é uma democratização rápida e fundamental em uma sociedade que há séculos delega só a letrados e a doutores (estes pagos a peso de ouro) as funções de ensinar e curar. E o assunto me puxa para outro setor crucial da negação: a crítica saudável à medicina do dinheiro que se desdobra na denúncia à indústria dos remédios nocivos e caros, talvez o efeito mais sinistro da “modernização” compulsiva que as multinacionais promovem na América Latina.¹⁴

Do que foi exposto, conclui-se que a cultura popular e a sua religiosidade estão intimamente ligadas entre si. A cultura popular cria costumes e mitos religiosos; a religiosidade popular aproveita a simplicidade e ingenuidade do povo para conduzir a espiritualidade do povo no caminho que acha melhor e que, de certa forma, traz os seus benefícios para os líderes e para o povo em si.

Como já mencionamos, o pentecostalismo, representado pelos grupos mais recentes (neopentecostalismo), é uma das expressões da religiosidade popular.

RELIGIOSIDADE POPULAR E PENTECOSTALISMO

Ao aportarem no Brasil, os imigrantes que professavam a religião luterana restringiram-se a permanecer fiéis a ela e não se deixar influenciar pelo catolicismo local; não evangelizavam e não realizavam proselitismo. Já as demais igrejas históricas (batistas, congregacionais, presbiterianas, metodistas) começaram logo seu trabalho de evangelização, ganhando pessoas para sua religião através da conversão e do batismo. Era a conquista evangélica de um país não considerado cristão pelos

evangélicos. Entretanto, essa mensagem alcançava mais as classes média alta e alta da sociedade. Ainda havia um grupo que não fora atingido pela estratégia evangelística: a classe mais pobre, com exceção do trabalho feito pelos batistas, que também atingia as periferias.

Podemos afirmar que nosso evangelismo, nos primórdios de nossa história no Brasil, foi competitivo e apologético em relação ao catolicismo, com a fundação de colégios, hospitais, orfanatos e crítica à idolatria.

Naquela época o catolicismo devocional desenvolveu-se a partir dos leigos. Os sacerdotes eram insuficientes para atender a todos os fiéis e a Igreja perdeu o controle oficial. Havia a mistura com rituais africanos e com alguns costumes religiosos indígenas. Neste contexto, chegaram os evangélicos com sua mensagem, dentre eles os pentecostais, prometendo a libertação em todos os sentidos.

O sociólogo alemão-americano Emílio Willems, conhecedor das igrejas chilenas e brasileiras, aborda o fato de que a estrutura católica no Brasil é importada da Europa e adaptada às zonas rurais. Quando um católico brasileiro precisa migrar em busca de trabalho não pode levar consigo seu padre nem seus santos locais. Tal não acontece com o movimento pentecostal, pois a piedade das reuniões não está ligada a determinado pregador ou santos de um lugar. A migração popular, causada pela pobreza da zona rural e as maiores possibilidades nas cidades grandes, é um fenômeno social muito comum no Brasil. Os crentes assim se tornam como uma necessidade de adaptação ao mundo urbano. As pessoas chegam dos campos para as cidades, encontram um emprego que não lhes dá um salário suficiente, mesmo assim insistem em ficar, trazem os familiares e ainda outros conhecidos: parentes, vizinhos e amigos. Os pentecostais, incutindo uma fé incondicional em seus fiéis, realizando milagres e orações de cura, ajudam os migrantes em sua adaptação.

A pessoa que migra para os centros urbanos, vindo da zona rural, precisa adaptar-se a um tipo diferente de comportamento. Na roça predomina o relacionamento pessoal; a honra e a amizade são valorizadas. Ao chegar à cidade, a pessoa precisa viver dentro de dois tipos de normas: as tradicionais de seu lugar de origem e as exigidas na sociedade industrial. Assim, o indivíduo procura relacionar-se com grupos que possuem relacionamentos semelhantes aos da zona rural. Entre os pentecostais, as pessoas se conhecem e se apóiam. O pastor faz a vez do protetor (tal como o fazendeiro ao trabalhador rural). Lalive D'Epinay, sociólogo suíço, chamou a comunidade pentecostal de "refúgio da massa".¹⁵

Willems também observou que as igrejas pentecostais procuram incentivar até mesmo os analfabetos brasileiros a alcançarem sua maioridade, pois lhes permitem expressar suas opiniões. Onde chegou o pentecostalismo, também tem melhorado a condição da mulher, com a valorização do casamento e da vida familiar, e com a orientação moral e ética realizada pelos obreiros da Assembléia de Deus.

Um outro aspecto a observar, relacionado ao elemento cultural, é que o mesmo serviu de base para a Congregação Cristã no Brasil, por exemplo, haja vista o trabalho inicial de Francescon ter-se realizado entre os imigrantes italianos e o próprio livro de cânticos ser publicado naquele vernáculo. Os americanos, por sua vez, introduziram nas igrejas pentecostais brasileiras o sistema norte-americano de pastor, presbítero e diácono. Os crentes que começaram a ocupar esses cargos, por terem pouca instrução, não faziam curso de formação doutrinária: eram analfabetos e não podiam estudar. Esse problema foi resolvido com a inspiração momentânea do Espírito Santo. Assim, o pentecostalismo não resolveu o problema do analfabetismo, mas utilizou-o dentro da igreja. O certo seria providenciar a alfabetização.

Observamos ainda que, na América do Norte, por volta de 1908, os pentecostais brancos começaram a separar-se dos

negros e guardaram apenas a experiência religiosa e as práticas de santificação. Os negros, por sua vez, além da experiência religiosa, seguiram também a luta sócio-política: Cristo libertaria a raça negra. Vieram para o Brasil os missionários de origem branca e se constituíram numa barreira para movimentos populares, criando uma mentalidade de não lutar, aceitar, não inovar a sociedade. Mesmo assim, dirigiram-se para as classes pobres. Embora avessos a movimentos populares, buscaram atingir os mais carentes da população brasileira, os mais simples e necessitados, classe mais acessível aos seus propósitos.

É no aspecto social da pobreza ou a partir dos socialmente empobrecidos que podemos pensar no pentecostalismo relacionado à religiosidade popular. "Os templos pentecostais se constituíram, então, em espaços sociais onde a cultura popular se associou à religiosidade do povo."¹⁶

É F. C. Rolim que também explica a religiosidade popular em relação aos setores pobres, como vinculada a dois fatores importantes: a religiosidade popular está vinculada ao crente e também à sociedade civil à qual pertence. Essa vinculação elimina algumas ambigüidades. Quando a religiosidade popular é vista como objeto, e não como sujeito, ela é denunciada por algumas ambigüidades; do contrário, quando ela é vista como sujeito, as ambigüidades são eliminadas. Vejamos algumas dessas ambigüidades:¹⁷

- 1) A dicotomia elite x popular — o popular seriam os carentes da instrução religiosa e a elite seria a que possui a religião esclarecida, a doutrina religiosa. A essa elite as massas deveriam se submeter.
- 2) O choque fenomenológico e antropológico, que busca destacar a relação devoto x fiel, crente x Espírito Santo, fiel x entidades religiosas.
- 3) Massa x elite — o grupo mais instruído conduzindo a massa num determinado caminho.

Esta explicação de Rolim quer dizer que, se estamos dentro do grupo religioso popular como praticantes da religião, não sentimos tais ambigüidades; mas quando estamos de fora e vemos a religiosidade popular como o objeto de nossas considerações, sentimos tais ambigüidades. Veja-se a introdução do capítulo.

Rolim também vê a religiosidade popular em oposição à antipopular. "Quando falamos de religiosidade pentecostal, referida aos sujeitos que a praticam, estamos diante de um complexo de caráter cultural cujos componentes são ao mesmo tempo profanos e religiosos. As expressões religiosas pentecostais são concretas, brotam das entranhas dos setores dominados, estão carregadas de gestos, vozes, gritos, alegrias, melodias em ritmo considerado, enfim, de sua visão da sociedade."¹⁸ Essas manifestações da cultura popular nada têm a ver com os dispositivos institucionais.

C. Lalive D'Epinay, que escreveu *Religion, Dynamique Sociale et Dépendance*, comenta o espaço que o pentecostalismo abriu à cultura popular: o templo já não é o lugar do silencioso encontro com Deus, mas o lugar do alegre encontro entre os irmãos; os hinos tradicionais foram substituídos pelos corinhos, permeados do folclore nacional; a pregação de um só deu lugar à participação de vários irmãos que pregam segundo seu próprio entendimento da Bíblia; há livre expressão de palavras, experiências e sentimentos. Essa liberação que ocorre nos cultos pentecostais não pode ser aceita em termos reais, efetivos ou sociais, mas em termos individuais, em forma de catarse psicológica.

Dentro das igrejas pentecostais, embora as manifestações de culto sejam populares, oriundas da simplicidade do povo que cultua, sem a sistematização comum às igrejas tradicionais, tais manifestações populares são direcionadas para o sagrado. Assim, essas formas associadas ao popular tomam forma antipopular, porque não têm a ver com a luta do povo pela justiça social e pela igualdade. Já aconteceram casos em que os cren tes pentecostais saíram pelas ruas, clamando por justiça,

protestando contra certas imposições sociais; para tanto, utilizaram seus cânticos e seus textos bíblicos tirados dos livros proféticos. "Uma coisa era a Bíblia nos cultos, onde as pregações ocorriam sob o controle institucional e enfatizavam o poder de Deus. Outra coisa era a Bíblia entrando na vida concreta e real dos trabalhadores, para dar força à implantação da justiça e reforçar a solidariedade."¹⁹

Somente quando as aspirações e práticas sociais, o espírito de luta, se associam às expressões religiosas é que podemos falar de religiosidade popular. As autoridades pentecostais nada têm a ver com essa luta pelo bem-estar social; ao contrário, incentivavam uma passividade, uma conformidade com a situação presente do pobre, para que haja espaço para a cura divina, para os cultos improvisados, para a busca do remédio divino. Não haverá futuro para o pentecostalismo no Brasil quando não houver mais pobres, se não puder mais mexer com as massas populares.

Se os pobres fossem verdadeiramente libertados, socialmente integrados, também se libertariam da mistificação enganosa do sagrado e haveriam de manifestar o dinamismo religioso.

SETORES EMPOBRECIDOS E PENTECOSTALISMO

Pobres não são apenas os necessitados materialmente falando, ou seja: de bens materiais, moradia, assistência médica e sanitária, mas pobres também são os sem instrução, sem escola, sem cultura, sem direito de cidadãos. Essas carências não desaparecem de uma hora para outra, mas atravessam até mesmo gerações. Tal acontece devido ao sistema capitalista que não fornece as mesmas oportunidades de realização humana e social para todos. Os pobres nem ao menos possuem grandes aspirações, dada a desumana restrição de oportunidades efetivas e reais. A isso se dá o nome de opressão e dominação.

A classe oprimida é excluída de maneira permanente da posse de bens materiais e não materiais produzidos na

sociedade. Quando pensamos que são os pobres que mais trabalham para a construção da sociedade, vemos quanta injustiça existe!

A conscientização da classe oressora em relação às necessidades da classe oprimida não acontece por acaso. Depende da luta dos oprimidos. Neste sentido, no Brasil e na América Latina, têm surgido associações de bairro para reivindicar melhores condições de vida e saneamento, movimentos exigindo reforma agrária, mobilização dos índios para delimitação das terras e mobilização político-partidária. As comunidades eclesiás de base têm envidado esforços neste sentido.

Ainda se faz necessário despertar a consciência do próprio oprimido, incentivando-o a lutar pelos seus direitos, não individualmente mas em grupo, através de reivindicações coletivas. É preciso que os dominados possuam uma ideologia que os conscientize de suas carências, para que enfrentem os dominadores. Através de reivindicações coletivas as pessoas se sentem parte do grupo, de sua sociedade, o que não havia quando submissos e inertes.

A ideologia sempre vem mesclada dos elementos religiosos. Ambos formam um quadro cultural. A visão da sociedade é a do mundo religioso, onde o religioso se subordina ao profano, ou ambos se contradizem pelos questionamentos da nova visão da sociedade colocados à disposição da religião, ou ainda ambas — sociedade e religião — adquirem visões renovadas.

Entre os pentecostais predominam os de classes desfavorecidas, e quanto mais descemos a escada social, mas observamos complicar-se o terreno ideológico-religioso, pois passam a existir os elementos de emoção e sentimento.

As igrejas protestantes tradicionais buscavam atingir a classe média e a burguesa, através da educação ministrada em seus colégios. Os grupos pentecostais e neopentecostais buscam evangelizar o povo simples, as camadas populares desprivilegiadas, e isso através de pessoas oriundas dessas mesmas camadas, que podem compreender melhor o povo que sofre.

As igrejas pentecostais e neopentecostais também lucraram com a adesão da massa pobre. A maioria do povo é formada de pedreiros, carpinteiros, motoristas, eletricistas, pintores. Eles contribuíram muito com seus trabalhos para a construção de inúmeros templos-sede, templos menores e salões. Ainda deram e dão ofertas daquilo que sobra (ou do que falta!).

Esses homens falam da miséria, da favela, do futuro alienante, mas na verdade têm interesse que esta situação perdure e se prolifere e que os pobres aumentem, para que possam continuar vendendo seus sonhos para os desiludidos e miseráveis. Tal atitude é deprimente, pois à luz da desesperança a mensagem pentecostal soa como vender água no deserto; os seus discursos contêm todo tipo de promessas e libertação; as bênçãos são diretamente proporcionais à dependência do fiel aos mecanismos opressores do grupo. Os missionários, os evangelistas, tais líderes causam medo com essa forma de abordagem.

Nos cultos pentecostais, nos estudos realizados nas escolas dominicais (em algumas igrejas), nos programas radiofônicos e televisionados predominam os temas: o poder de Deus, dons do Espírito, volta de Cristo e milênio. Utilizando textos isolados e freqüentemente repetidos, os que trazem as mensagens pouca referência fazem à situação social brasileira. A igreja pentecostal atua como proteção contra os males. Nela se encontra o batismo do Espírito Santo, a experiência emocional, que aproxima os fiéis do sagrado, afastando-os do cotidiano. O envolvimento no serviço religioso não permite preocupações com a atuação do crente no contexto social. Os vínculos do crente com a sociedade são enfraquecidos pelas experiências místicas. Os próprios deputados eleitos não buscam ajudar os setores pobres, mas pensam em ajudar suas igrejas.

Ainda que inteiramente envolvidos pelo sagrado, no culto pentecostal, no louvor a Deus, se escondem os desejos de liberdade. Quanto mais pobres, mais espontâneos e liberados

são os gritos e os gestos nos cultos; quanto mais aburguesados, mais comedidos são as exclamações, vozes e gestos. O religioso significa, simbolicamente, uma válvula de escape para os sentimentos de opressão e angústia das classes pobres.

Como dissemos, houve alguns movimentos de reivindicação social nos quais os pentecostais participaram, o que lhes deu novas experiências para os participantes: ampliou seus horizontes, crentes e não-crentes estiveram unidos em prol do bem comum, a vida religiosa foi unida à vida de cada dia, despertou a solidariedade, mostrou a realidade rural brasileira.

Recentemente, deputados pentecostais se filiaram ao Partido dos Trabalhadores (PT). Um exemplo é Benedita da Silva. Também há participação de crentes na Pastoral da Terra (CPT) de orientação católica.

Existe ainda um movimento direcionado aos homens de negócio, como industriais e grandes comerciantes, denominado ADHONEP (Associação de Homens de Negócio do Evangelho Pleno), já mencionado no primeiro capítulo. A associação visa levar o evangelho a essa classe de pessoas, através de programações especiais, como, por exemplo, dramas. Ela já realizou sua 2ª Assembléia Nacional, em Pernambuco. Essa aliança do poder econômico com o poder espiritual parece estranha, porque do outro lado está o avanço na direção dos pobres: Entendemos, entretanto, que é importante surgirem movimentos para atingir as diversas camadas sociais com o evangelho. Mais importante ainda é a conscientização da classe mais pobre a fim de que lute pelo seu espaço, pelo seu direito e não se acomode e fique mais pobre. Neste sentido, o neopentecostalismo nada tem realizado. Até onde sabemos, os grupos neopentecostais não possuem assistência social, agremiações, sociedades para lutar pelos direitos das classes pobres. Se isso acontecesse, muita coisa no Brasil poderia mudar!

ASPECTOS TEOLÓGICOS DA RELIGIOSIDADE POPULAR

À primeira vista, ao pensarmos na religiosidade popular, achamos desnecessária uma reflexão teológica, pois ela não renova a religiosidade popular, não a evangeliza nem contribui para torná-la mais ou menos alienante ou libertadora. A teologia da religiosidade popular é feita para bispos, pastores, teólogos e leigos compromissados, que compreendem sua mensagem e a assimilam através dos livros, revistas, conferências e palestras. Os líderes religiosos precisam compreender o povo e sua religiosidade, precisam estar aptos para o diálogo com os pobres, precisam animar e sustentar a religiosidade de seu povo — daí a necessidade da reflexão teológica sobre a religiosidade popular.

Quem produz a teologia da religiosidade popular é o povo e o teólogo. “O povo tem um modo de teologizar próprio, difícil de ser lido por aqueles que não conhecem seus símbolos: mitos, ritos, memória, etc.”²⁰ Mesmo longe do poder psicológico dos pastores e bispos e de uma cultura religiosa intelectualizada (pela ausência da leitura), o povo constrói sua própria crença e a expressa em seus gestos, cerimônias e cultos. O povo simples evidencia mais sua teologia pelos atos — o que Rolim chamou de linguagem não-verbalizada — do que pelas palavras. As afirmações doutrinárias são demonstradas através dos símbolos que o povo vai construindo.

Ultimamente, além dos gestos, o povo tem começado a utilizar a escrita em seu teologizar: são folhetos que expressam seus questionamentos e visam a evangelizar. O teólogo Leonardo Boff comentou esse novo tipo de literatura, afirmando que a cultura é mais oral. Os poucos textos produzidos são sintetizados e ilustrados com desenhos populares. Eles circulam de mão em mão e são trocados com textos de outras comunidades. Essa observação também se aplica aos poucos textos produzidos pelos grupos neopentecostais, dos quais

apenas alguns se preocupam com o aspecto da literatura, enquanto outros nem escola dominical possuem.

Além desses folhetos, existe também a produção dos teólogos que se preocupam e visam atingir a religiosidade popular. São capazes de fazer uma teologia situada no povo. Um exemplo é o exegeta Carlos Mesters: "Suas propostas e seus círculos bíblicos traduzem as riquezas de Deus manifestas na Bíblia e no coração do povo com um dinamismo intenso. A prova disso são as edições constantes e as traduções várias de seus estudos."²¹ O teologizar do povo não quer dizer que não existe profundidade ou que a verdade é barateada.

O teólogo do povo é capaz de utilizar a linguagem cultural do povo, seus gestos, suas palavras e sua maneira de pensar. Este aspecto, no entanto, não foi suficientemente explorado na América Latina. Além do povo cristão e do teólogo popular, encontramos o real reflexo da religiosidade popular, ainda que não analisada, nos filmes, nos livros, nas músicas, nas peças de teatro, nas novelas.

Uma última observação é que a teologia do povo é diferente da teologia oficial. É preciso que seja compreendida, explorada melhor e, quem sabe, melhor direcionada dentro de seus próprios objetivos.

SINCRETISMO RELIGIOSO

Utilizamos o termo sincretismo como as Ciências Sociais o apresentam, isto é significando a fusão de elementos de civilizações diversas e até antagônicos, compondo um elemento único no qual se percebe, todavia, a permanência de traços das origens. Aplicado à religiosidade, podemos dizer que defende o seguinte projeto: "é necessário meter todas as religiões numa só, mas de tal maneira que elas sejam, a um tempo, una e diversas. Teremos assim a grande vantagem de nada perder daquilo que é melhor noutra."²²

O sincretismo visa resolver uma situação de conflito cultural. Ele se distingue da aculturação porque, além da inter-

relação de elementos culturais, existe também uma união biológica. Assim, o sincretismo possui a característica fundamental da intermistura de elementos culturais. No Brasil, um dos principais sociólogos a estudar o sincretismo foi Gilberto Freyre, que assim se expressou: “Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos todos a marca inconfundível da influência negra.”²³ Além disso, podemos mencionar as diversas comidas, roupas femininas, fetichismo, tendências supersticiosas. As duas últimas têm a ver com a religiosidade popular, e são marcantes entre católicos, espíritas e neopentecostais brasileiros. São os amuletos da sorte, números que dão azar ou sorte, água benta, rosa abençoada e muitos outros elementos que demonstram a superstição do povo brasileiro.

Podemos abordar quatro aspectos dessa superstição. Etimologicamente, ela significa o que está fora ou além da verdade religiosa do homem. Designa deturpações do comportamento religioso de teor mágico, idolátrico e metapsíquico. Teologicamente, superstição é o culto falso prestado ao verdadeiro Deus; culto falso não só por falta de verdade, mas também por superfluidades. Contrapõe-se à idolatria, que é o culto verdadeiro a falsos deuses. Podemos medir a amplitude da superstição a partir das expressões cultuais, das intenções pessoais e da apreciação que daquelas pode fazer a comunidade dos crentes.

Teoricamente, a superstição significa depositar confiança mais na quantidade de orações e no formalismo dos ritos que na bondade e fidelidade do Deus pessoal; significa atribuir a imagens e objetos “religiosos” o êxito que só de Deus se pode esperar, embora por mediação dos santos e adoção de ritos, cujas imagens e sinais, muitas vezes abençoados em nome de Deus, recordam e significam autêntica comunhão religiosa; significa ainda recorrer a meios claramente inadequados, e sobretudo indignos, para fins que se devam atingir de maneira

ra diferente, segundo as exigências da razão e da fé (bruxaria, curandeirismo, consulta a horóscopo e práticas semelhantes); associar bom ou mau agouro a pessoas, objetos, números, tempos etc., sem outro fundamento que a credulidade vazia e subserviente; fomentar extravagâncias culturais e apologéticas, como exposição de falsas relíquias, narração de falsos milagres, apelo a revelações fantasiosas.²⁴

Desde o início da história do Brasil, foi-se desenvolvendo um sincretismo entre os cultos: católico, indígena e africano. Lá pela metade do século XIX, já se podia divisar: um culto sincrético aborígene x católico, principalmente na Amazônia. Ao longo do litoral, principalmente no Nordeste, verificou-se a mistura dos cultos afro-brasileiros. Já no Nordeste seco, cerrados, zona montanhosa do Sudeste e do Sul, dominava o catolicismo rústico, quase sem mistura. O catolicismo oficial somente se encontrava nos grandes centros, nas paróquias de classe superior e conventos.²⁵

Até hoje verifica-se nos cultos do candomblé a correspondência entre cada orixá e um santo católico. Enquanto isso, os cultos sincréticos aborígenes não foram muitos nem tão importantes quanto os africanos, porque os indígenas podiam refugiar-se nas matas e distanciar-se da influência dos brancos. No caso dos negros, desde o início, eles eram obrigados a ingressar na religião católica através do batismo; sujeitaram-se ao catolicismo, formalmente, e levaram para o seu seio as práticas dos cultos africanos.

À medida que o negro passou a se comunicar mais diretamente com o branco, de pessoa para pessoa, em meio ao sentimentalismo e afeição, foi tendo contatos com a sua vida religiosa; modificaram-se seus sentimentos e atitudes religiosas, através do mecanismo de imitação e sugestão. Sofreu influência também da religião indígena. Se o catolicismo exerceu uma ação moralizadora, educativa e abrasileirante sobre os negros, estes não assimilaram completamente a nova religião. Por outro lado, trouxeram para o meio religioso brasileiro suas influências, como já foi mencionado.

Faz-se necessário compreender esse início sincrético da cultura brasileira, para chegar a um entendimento da proliferação e mistura das inúmeras seitas existentes hoje. Daí a pergunta: “Qual a razão de um e de outro desenvolvimento dessa proposta religiosa? Essa criação é de algo novo em sua forma, mas que utiliza elementos já existentes. Sem dúvida, o estudo mais profundo do momento histórico e da estrutura sócio-econômica da coletividade nacional quando do aparecimento dos cultos, a origem e camada sócio-econômica de líderes e adeptos, a análise das promessas e discursos religiosos, assim como uma investigação sobre a amplitude de sua disseminação pela sociedade global, e dos elementos adotados a partir dos antigos cultos, auxiliariam a compreensão do que se passou. Dada a falta de pesquisas sobre a questão, seria arriscado ir mais longe. Somente se pode afirmar que o grande crescimento urbano-industrial do Brasil não contraria a criação religiosa, porém ao contrário fornece-lhe novas motivações e elementos para o aparecimento de vários tipos.”²⁶

Dessa afirmativa podemos concluir que o desenvolvimento da sociedade e suas constantes mudanças favorecem o aparecimento de inúmeros grupos religiosos, quer pelo desejo de atualização, quer pela insegurança gerada pelas mudanças, ou ainda fruto do conflito antiinstitucional. Os grupos religiosos sempre surgem dentro de outros e os novos trazem um pouco de cada um.

No dizer de Evaldo Luís Pauly,²⁷ “o pentecostalismo é uma reinvenção popular da religião (...). É uma renovação popular da religião que havia antes da conversão”. Para iniciar a tese que apresenta, Pauly cita a origem de muitos pentecostais. Antes de se filiarem a algum grupo pentecostal, eles eram católicos, batistas, espíritas, umbandistas, luteranos, presbiterianos, metodistas, budistas, entre outros.

Houve tempo no Brasil em que não se podia professar outra religião a não ser o catolicismo. Por isso, muitos negros dissimularam a adesão à religião oficial, dando nomes de santos católicos aos seus orixás. Criou-se um costume ou tradição de

usar do catolicismo aquilo que agrada e atende às necessidades.

Quando os católicos se convertem, eles falam da devoção aos santos, onde há uma relação direta do devoto com o santo. O pentecostalismo conservou a ligação direta do crente com a divindade, do crente com Deus. Se o santo vai junto com a família, no catolicismo, entre os crentes é a fé que acompanha.

Do protestantismo, os grupos neopentecostais conservaram a mediação de Jesus Cristo, mas alteraram o culto tradicional das igrejas chamadas históricas, que é considerado frio e sem participação dos crentes. Se Deus é visto muito distante da pessoa, no protestantismo tradicional, no neopentecostalismo essa distância se estende a Deus e o mundo, entre si, pois o mundo é considerado do maligno. A distância entre Deus e o crente desaparece mediante as revelações diretas do Espírito Santo. Mesmo assim não podemos esquecer que os pastores e líderes de muitos grupos neopentecostais estão retomando a figura dos sacerdotes do Antigo Testamento, pois a eles é conferida uma autoridade divina para curar, exorcizar, operar milagres, distribuir água, óleo e objetos abençoados.

Do catolicismo, os grupos neopentecostais conservam muitos aspectos e talvez por isso muitos católicos têm aderido a tais grupos: o esquema de promessas feitas a Deus, se ele conceder certas bênçãos; inúmeros símbolos que substituem os santos católicos (a Bíblia é vista como um patuá nordestino, roupas abençoadas nas reuniões e programas de rádio e TV) — esses símbolos também têm a ver com a superstição já mencionada.

Alguns grupos pentecostais juntaram a passividade do protestantismo calvinista e a manipulação do catolicismo popular. A passividade está em não se poder fazer algo contra o sofrimento, a fome, a dor, as crises; é preciso aceitá-los como vontade de Deus. A manipulação está em se conseguir uma bênção de Deus mediante um esforço, uma oferta, uma promessa ou uma barganha com Deus.

Se os evangélicos tradicionais não aceitam a cultura popular, principalmente na música, os neopentecostais aderem ao tipo bem popular com músicas sertanejas, histórias dramatizadas musicalmente, a conversa popular nas mensagens ao vivo e através do rádio e TV.

Percebem-se nas doutrinas de alguns grupos neopentecostais (ainda que outros não possuam sistema doutrinário organizado) e em suas práticas semelhanças com outras da Igreja Católica e do espiritismo, misturadas com temas evangélicos. Mencionamos algumas apontadas pelo Pr. Aníbal Pereira Reis:²⁸

Muitos grupos neopentecostais supõem a possibilidade de o crente, se praticar determinados pecados, perder a salvação. Condenam severamente certos pecados (adultério, prostituição, assassinato, doença, carnaval) afirmando que levam à perda da salvação. Os católicos possuem sua doutrina de pecados mortais e veniais. Há outros grupos neopentecostais mais rígidos que consideram pecados mortais: a embriaguez, o fumo, o cinema, a televisão, o corte de cabelo das mulheres, o esmalte, cosméticos, jóias, calça esporte e minissaia. Entretanto, sabemos que, segundo os ensinamentos bíblicos, não podemos determinar tamanho e gravidade de pecados. Não podemos também enquadrar costumes na categoria de pecados e devemos nos lembrar da exortação de Paulo: “Todas as coisas são lícitas, mas nem todas as coisas edificam (...). Portanto, quer comais quer bebais, ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus” (I Cor. 10:23,31).

Em contraste com a atitude apontada acima, outros grupos não desligam os crentes do seu rol de membros, pelo menos por duas razões: para não diminuir as cifras e porque associam a salvação ao pertencer à igreja, como os católicos.

Os neopentecostais também enfatizam o esforço dos crentes em procurar uma segunda bênção, uma comunhão mais íntima com Deus, evidenciada pelo dom de línguas; não ficam satisfeitos com a graça de Deus somente. Estimulam as boas

obras. A segunda bênção pode ser associada ao crisma ou confirmação dos católicos e luteranos.

Apenas ultimamente e entre alguns católicos busca-se a leitura e o estudo da Bíblia que antes era proibido ao povo; o estudo iniciado recentemente é orientado pelos católicos com o conselho de que não estudem a Bíblia com os crentes. Os neopentecostais aderiram ao costume antigo dos católicos e não são muito afeitos ao estudo da Bíblia. Muitos nem escola dominical ou seminário possuem; confiam apenas na inspiração momentânea do Espírito Santo.

Os grupos neopentecostais mais recentes possuem uma postura completamente avessa ao espiritismo, negando qualquer aproximação com ele. Garantem, outrossim, a proteção dos crentes contra Satanás em sua igreja. Prometem curar o mau-olhado, levantar o encosto, expulsar os espíritos maus, através de oração com imposição das mãos, de objetos abençoados, carteira profissional abençoada, farinha e óleo abençoados, correntes de oração de sete dias, que também funcionam como os amuletos no meio espírita. Além disso, conscientemente ou não, através dessa ênfase estão reforçando as crenças do povo no espiritismo, nos cultos esotéricos e mágicos.

Pela influência espírita, os grupos neopentecostais valorizam extremamente o líder carismático que os fundou (como o pai-de-santo ou mãe-de-santo); enfatizam a cura divina. Procuram clientes que, em troca de dinheiro, encontrarão cura, consolo, exorcismo, solução para problemas familiares ou outro milagre. A sociedade de consumo está influenciando a religião. Daí o problema da fragmentação e comercialização da religião, que “deve ser colocado dentro do problema mais amplo da cultura popular, de sua fragmentação e dominação pelo sistema econômico vigente e luta para preservar valores autênticos do povo”.²⁹ Comercializar a religião, isto é, vender a preços elevados os objetos e alimentos abençoados, não apenas rebaixa a religião como também explora e opõe ainda mais o povo. Essa prática possui influência católica, espírita e protestante.

O discípulo de Cristo tem a obrigação de discernir atentamente o sopro do Espírito que está na origem do culto e carismas verdadeiros (Rom. 8:15; I Cor. 2:9) e sempre se manifesta em pessoas, formas e circunstâncias dignas (Mat. 5 — Sermão do Monte). Devemos notar, outrossim, a nobreza das intenções presentes em muitas expressões religiosas e culturais objetivamente imperfeitas. De outro lado, impõe-se a educação dos cristãos para a unidade entre culto e vida e para a dignificação contínua das manifestações religiosas e culturais, de modo a relegar-se toda superstição, para que Deus seja adorado em espírito e em verdade (João 4:23).

Finalizando nossas considerações sobre o sincretismo, observamos que existem aqueles que defendem um ecumenismo a partir da experiência pentecostal: todos os grupos pentecostais unindo-se em torno do batismo do Espírito Santo. Tal fato é tão absurdo quanto o sincretismo das religiões — que afirma que todos os caminhos conduzem a Deus: Brahma dos hindus, ao Ahura Mazda dos zoroastrianos, ao Buda dos budistas, ao Jeová dos judeus e ao Pai Celestial dos cristãos.

Assim como um sincretismo das religiões é impossível, segundo José Grau,³⁰ um ecumenismo brasileiro também não é viável pelas mesmas razões apresentadas:

1) O cristianismo é a única religião que afirma a inutilidade das religiões para salvar o homem. A salvação está na fé em Jesus Cristo, segundo o Novo Testamento. Essa verdade cristã nos advém da revelação, na pessoa de Cristo, em nossa vida. A salvação não está ligada à religião, ao grupo religioso, à igreja, às boas obras. Por isso não se pode aceitar um ecumenismo ou ainda uma privatização da religião (somente é salvo quem faz parte dessa ou daquela igreja ou somente aquele que recebe a segunda bênção).

2) Não podemos dizer que todas as religiões ou grupos religiosos são reflexos de uma religião universal. O sincretismo sustenta que não há uma revelação única, mas que existem muitos caminhos para chegar à realidade divina e por isso

todos são válidos, desde que se aproveite o que mais nos convenha desses caminhos. Entretanto, não podemos aceitar tal idéia porque, se Deus não fala decisiva e singularmente, então o homem é deixado à sua própria sorte. Cremos numa única e decisiva revelação de Deus na história.

3) Muitas religiões, bem como grupos religiosos no Brasil, formaram-se num processo onde é difícil distinguir a boa fé, a credulidade. Formaram-se em um ambiente onde a superstição e a ignorância eram comuns. A fé cristã se baseia em fatos históricos únicos (II Ped. 1:16-21; I João 1:1-3) que expressa a suprema realidade da verdade. Os grupos neopentecostais surgiram de cisões em igrejas históricas e em outros grupos pentecostais. A divisão não é ensinada pela Bíblia e sim a união dos crentes (Ef. 4). Os grupos neopentecostais estão cheios de costumes e doutrinas que não coadunam com os ensinos do Novo Testamento. O desprezo que alguns votam aos evangélicos e a pessoas de outras religiões nada tem a ver com o fruto do Espírito Santo, que é primeiramente o amor (Gál. 5:22).

4) Um ecumenismo dos grupos religiosos ainda é impossível pela razão de que nunca se chegará a um denominador comum em todos os aspectos: cada grupo ou religião precisará renunciar a muitos elementos de suas convicções doutrinárias, e isso não se realizará. Por outro lado, os muitos grupos religiosos que existem hoje em dia são frutos de deturpações doutrinárias, interesses pessoais dos líderes e inexperiência com a própria revelação. Estão tendentes a desaparecer com a morte de seus líderes. A nosso ver, o único grupo neopentecostal que tem futuro é a Igreja de Nova Vida.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 DROOGERS, André, *Religiosidade Popular Luterana*, Sinodal, 1984, p. 7.
- 2 *Ibid.*, p. 8.
- 3 NEGRÃO, Lírias, *Religiosidade do Povo*, Edições Paulinas, 1984, p. 33.
- 4 VORLÄNDER, H., Artigo: "Aspectos de Religiosidade Popular no

Antigo Testamento", revista *Concilium*/206 — 1986/4, Ed. Vozes, p. 65.

5 Maiores detalhes sobre esta perspectiva, consultar GERSTENBERGER, Gerhard, *Deus no Antigo Testamento*. São vários artigos muito úteis. Principalmente na Introdução "Deus Libertador", p. 9-29, encontramos uma abordagem da teologia e sociedade no antigo Israel.

6 VORLÄNDER, H., *op. cit.*, p. 72.

7 *Ibid.*, p. 73.

8 NIEBUHR, H, Richard, *Cristo e Cultura, Paz e Terra*, 1967, trata extensivamente sobre o tema.

9 CHAUÍ, Marilena, *Cultura e Democracia*, São Paulo, Ed. Moderna, 1981, p. 72.

10 MALDONADO, Luís, Artigo: "Religiosidade Popular: Dimensões, Níveis, Tipos", revista *Concilium*/206 — 1986/4, p. 12.

11 CHAUÍ, Marilena, *op. cit.*, p. 73 e ss.

12 CAMPOS, Leonildo Silveira, Artigo: "Os Milagres no Ar", revista *Simpósio*, dez./82, p. 99.

13 ALVES, Rubem, citado por Janete Trevisani. Artigo: "A Desesperança Gera Soluções Marginais", *Jornal do País*, 23-29/08/84.

14 BOSI, Alfredo, Artigo: "Um Testemunho do Presente", em *Ensaio 30*, Ideologia da cultura brasileira, Carlos G. Mota, 1978, Ática, p. IX.

15 SANTA ANA, Julio de, Artigo: "Comportamento Religioso e Mudança Social", em *Movimento Popular, Política e Religião*, Ed. Loyola, p. 72.

16 ROLIM, F. C., *Pentecostais no Brasil*, Vozes, 1985, p. 65.

17 ROLIM, F. C., Artigo: "El Pentecostalismo a Partir del Pobre", revista *Cristianismo y Sociedad*, 1988, nº 95, p. 65.

18 *Ibid.*, p. 65.

19 *Ibid.*, p. 68.

20 RIBEIRO, Helcion, *Religiosidade Popular na Teologia Latino-Americana*, Ed. Paulinas, p. 29. Aparece o termo teologizar, que significa discorrer acerca da teologia.

21 *Ibid.*, p. 31.

22 Projeto concebido por Akbar, o Grande, muçulmano do século XV, projeto este que não vigorou, mas cujos termos são altamente expressivos e servem para o nosso propósito. Verbo, Enc. Luso-Brasileira de Cultura, Vol. 17.

23 FREYRE, Gilberto, *Casa-Grande & Senzala*, Rio, 1973, p. 303.

24 VERBO, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, Vol. 17, Lisboa.

25 QUEIROZ, M. Isaura Pereira, Artigo: "Evolução Religiosa e Criação: os Cultos Sincréticos Brasileiros", revista *Cristianismo y Sociedad*, nº 88, 1986.

26 *Ibid.*, p. 19,20.

27 PAULY, E. L., *E os Crentes?*, Sinodal, 1987, p. 49.

28 REIS, Aníbal Pereira, *Católicos Carismáticos e Pentecostais Católicos*, 1982 (para maiores detalhes, consultar a obra). O Pr. Aníbal utiliza o termo pentecostalismo ou pentecostais. Acrescentamos o prefixo *neo* para caracterizar os inúmeros grupos recentes.

29 ANTONIAZZI, Pe. Alberto, Artigo: “Mudanças na Religião”, revista *Vida Pastoral*, jul/ago., 1986.

30 GRAU, José, *Todas las Religiones Iguales?*, Ediciones E. Europeas, 1984, p. 76 e ss.

CARACTERÍSTICAS E MÉTODOS DE TRABALHO

O falso profeta sabe que seu dever consiste em proclamar que Deus cria uma nova vontade, uma nova vida; mas não, ele deixa reinar o espírito do medo, do engano, de Mamom, da violência — a muralha construída pelo povo, o muro oscilante e manchado. Ele o disfarça pintado de cores suaves e consoladoras da religião para o contentamento de todo o mundo.

— Karl Barth

No capítulo anterior já abordamos alguns aspectos e características do neopentecostalismo, movimento religioso próprio do povo e que faz parte de sua cultura. Entraremos agora em maiores detalhes, abrangendo seus métodos de trabalho, o conteúdo de seus cultos e programas radiofônicos e de TV e outras características mais notáveis.

E. G. Léonard fez um estudo profundo sobre o protestantismo brasileiro e dividiu-o em três fases: cristianismo dos sacramentos, cristianismo do livro e cristianismo do espírito. A seu ver, parece que até mesmo o cristianismo do livro está terminando e em seu lugar aparece o do espírito. “O iluminismo”, para Léonard, “é o único problema do Brasil — e não o liberalismo, o ecumenismo ou o fundamentalismo — sendo essas últimas doutrinas importadas, enquanto que o iluminismo é produto de solo brasileiro.”¹

Key Yuasa, que conhece o movimento pentecostal brasileiro, embora dele não faça parte, assim observa: “Ainda que os protestantes rejeitem as superstições — exorcismo, curas, vo-

zes, visões — por razões mais ou menos rationalistas ou dogmáticas, os pentecostais, por sua crença na existência dos demônios etc., se encontram entre o mundo da magia e o da fé no Espírito. Lutam contra os espíritos com o Espírito (...). Consideram-se a única igreja que combate eficazmente a macumba, a feitiçaria, o encantamento e outros males (...). O procedimento dos pentecostais relacionado aos espíritos leva a uma desmitificação de seu poder. O povo teme este poder, pois é incontrolável, e o mesmo temor os leva a desejar a liberação e a paz.”²

Beatriz Muniz de Souza,³ socióloga, estudou o movimento pentecostal em São Paulo e observou que a religião pentecostal alivia a secularização da sociedade paulista. Ela apresenta diversas estatísticas que demonstram as razões por que os pentecostais crescem.

Os sociólogos admitem que há uma íntima relação entre a eclosão do misticismo e as crises sociais. A urbanização e a industrialização têm trazido problemas para a vida íntima e familiar do indivíduo. Sendo os valores afetados, há uma desorganização interior e, em consequência, doenças físicas e mentais. Ocorrem danos no sistema nervoso, cardiovascular e psicológico. Em consequência dos problemas as pessoas se refugiam no misticismo, e a experiência mística leva à conversão. Se antes os mecanismos de autodefesa eram a doença, agora ocorre uma reorientação da conduta e uma mudança de estratégia nos mecanismos de defesa.⁴

É a esse povo sofredor que as mensagens se dirigem; aos desenganados pela ciência que os neopentecostais se dirigem, seja qual for a sua religião. A mensagem se dirige aos doentes, aos que têm problemas familiares, às pessoas com vícios, com dificuldades várias, àqueles cujos negócios não dão certo.

CRESCIMENTO DESORDENADO

Uma das características mais marcantes é o crescimento dos grupos neopentecostais, ainda que se ponham em dúvida as

estatísticas, pois não há registros fidedignos e há exageros no recenseamento.⁵

O misticismo nato no brasileiro, que o pentecostalismo soube conduzir, a integração de analfabetos, a ajuda aos pobres (nem que seja apenas ajuda moral), a ajuda à adaptação urbana, a fraternidade entre os irmãos, mediante um mundo secularizado, são algumas das causas, comprovadas pelos que já estudaram o fenômeno pentecostal do ponto de vista de seu crescimento.

O crescimento dos neopentecostais, além das razões apresentadas, é o resultado de diversos fatores comuns ao crescimento das seitas:

1) O sentido de comunidade — Dizem eles que os crentes comuns, que não possuem o Espírito Santo, são frios e seus cultos muito formais. O povo sente a necessidade de pertencer ao grupo. De fato, em congregações compostas por poucas pessoas, todas do mesmo nível social, há maior amizade, tolerância, proteção, segurança. Os marginalizados pela sociedade buscam tal afeto e amizade.

2) Respostas simples — As pessoas querem logo uma resposta e uma solução para os seus problemas. Entre os neopentecostais não se conhecem questões complicadas; o ensino é repetitivo e taxativo; não há estudo nem complicações; o que o líder falar é a verdade.

3) Os cultos oferecem espaço para o corpo e para a alma; há espontaneidade, criatividade (que na realidade são ilusões, como vimos no capítulo anterior).

4) Apelo ao tradicionalismo — O povo está confuso com tanta cultura, com tantas idéias novas. O neopentecostalismo diz que sua igreja é como a do Novo Testamento, pratica a glossolalia, a cura, etc.

5) Atenção individual — Cada pessoa é um membro especial capaz de dar sua contribuição para as reuniões; não são anônimos na multidão; todos podem pregar, dar testemunho,

profetizar, falar em línguas, ocupar cargos (desde que tenham recebido o batismo do Espírito Santo).

- 6) Apelo à experiência mística, sobrenatural.
- 7) Liderança carismática.
- 8) Uma nova visão profética, que mistura crenças e costumes religiosos antigos e vislumbra um mundo novo.
- 9) Sincretismo doutrinário.

Alguns desses aspectos são comuns também às igrejas batistas, como: o sentido de comunidade, atenção individual, espaço para a participação dos crentes, práticas neotestamentárias. Outras igrejas denominadas históricas possuem maior liturgia em seus cultos, menor participação individual, menos relacionamento entre os crentes.

A ênfase que é dada à operação sobrenatural do Espírito Santo mediante sinais e prodígios ganha as massas do povo brasileiro. Os pentecostais conhecem a atração que o brasileiro tem pelo sobrenatural, tanto que já foi comprovado que o Brasil é mais “espiritualista” do que católico.

Podemos acrescentar a falta de apoio que as denominações históricas dão aos carismáticos e curandeiros, por causa da fidelidade dessas denominações à doutrina tradicional do Espírito Santo. Assim, os carismáticos saem das denominações e organizam novos grupos. Lembramos a opinião de Rubem Alves, no capítulo anterior, em que ele diz que o corpo estranho é imediatamente cuspido para fora, levando à formação de outro grupo religioso: as igrejas são rígidas quanto às suas doutrinas.

Além disso, é mais fácil organizar uma seita do que uma empresa. Basta decidir sobre o nome e eleger uma diretoria. A assembléia dos crentes aprova os estatutos, que são registrados em cartório, para que o grupo se torne pessoa jurídica, com CGC e tudo. Publica-se no Diário Oficial e surge uma nova igreja. Não é exigida a formação teológica de seus líderes. Não existe concílio nem órgão superior para impedir a

fundação ou o surgimento de novos grupos. Não precisam pagar impostos, ainda que as entradas sejam somas elevadíssimas. Esse crescimento desordenado prejudica as igrejas sérias que, mais dia menos dia, precisarão pagar impostos, pois o governo está observando as seitas.

Os grupos religiosos se formam numa situação de mudança social. Uma sociedade estável não originaria tantos grupos religiosos. As mudanças sociais, as crises existenciais que delas decorrem, oferecem condições favoráveis para a formação das seitas.

Os grupos neopentecostais têm crescido na direção dos pobres, fator extensivamente tratado no capítulo anterior. A maioria dos pentecostais faz parte da classe dominada: daqueles que prestam serviços, trabalham no comércio, nas fábricas, nos transportes, são empregados e não donos; trabalham para outros e não por conta própria. É aí que entra a religião: a esperança para o pobre. No Brasil, a maior parte da população é composta de pessoas pobres e é onde o neopentecostalismo encontra campo fértil para se expandir. Além de não resolver o problema do pobre, muitas vezes o pentecostalismo o aumenta: de chinelo no pé, o pobre é convocado a dar boas ofertas para Deus, enriquecendo os líderes que constroem o seu império financeiro!

OS NEOPENTECOSTAIS E SEU MÉTODO PSICOLÓGICO

Como todos sabemos, o povo brasileiro está cada vez mais desorientado, cada vez mais necessitado, sufocado pela sociedade consumista e secularizante, cada vez mais angustiado. Os neopentecostais possuem uma vasta experiência para lidar com a massa aflita e satisfazer os anseios espirituais e físicos da multidão que sofre. Essa angústia tem a ver com o interior da pessoa, com a sua vida psicológica e emocional. É nesse aspecto que os grupos neopentecostais utilizam seus métodos de persuasão, tanto nos cultos públicos como nas reuniões de oração e nos programas de rádio.

Os métodos de manipulação social e psicológica são utilizados por eles. Impõem suas próprias normas de pensar, de sentir e de crer; as igrejas históricas, em contraste, requerem pleno conhecimento e capacidade. Os métodos utilizados pelos grupos neopentecostais são uma mistura de afeição e decepção. Entre esses métodos, podemos citar: Distribuição de remédios e dinheiro; abnegação e veneração do líder cismático; desestímulo para pensar, buscar soluções racionais para seu problema social; oração e emoção nos cultos para afastar o pensamento da realidade; despertamento do medo ao demônio para que os prosélitos se refugiem na igreja.

O neopentecostalismo também deixa transparecer uma forte influência dos métodos psicológicos de Morton Kelsey e de Watchman Nee, ainda que inconscientemente.

Kelsey, discípulo do psiquiatra suíço Gustav Jung, “procura criar uma cosmovisão que permita acomodar a experiência espiritual”. Para ele, as teologias luterana, reformada e outras não permitem uma experiência espiritual direta com Deus. Ele apresenta uma ótica para que possamos interpretar a experiência espiritual. Kelsey incentiva a experiência direta com Deus, afirmando que nossa psique precisa ser treinada para tanto. Os neopentecostais apontam essa deficiência nas religiões das quais saíram: falta de uma experiência direta com Deus. E, diga-se de passagem, que essa experiência somente é atestada e averiguada, segundo eles, quando a pessoa entra em transe e fala língua estranha.

Kelsey oferece doze regras para alcançarmos uma experiência espiritual direta com Deus,⁶ e percebemos a utilização de tais regras no método pentecostal de persuasão:

- 1) Aja como se você cresse no reino espiritual.
- 2) Assuma a busca de forma séria.
- 3) Procure companhia e orientação espiritual para a jornada espiritual.

- 4) Afaste-se da agitação do mundo exterior para o silêncio e a introspecção.
- 5) Aprenda o valor do jejum autêntico.
- 6) Aprenda a usar a esquecida faculdade da imaginação.
- 7) Mantenha um diário (isso deve ser feito para que você possa ver os efeitos do que está acontecendo a você).
- 8) Recorde seus sonhos.
- 9) Seja tão honesto com você quanto possível e consiga alguém que o ajude a ser honesto.
- 10) Permita que sua vida manifeste amor genuíno.
- 11) Seja persistente e corajoso.
- 12) Dê generosamente de seus bens materiais.

Seguindo os doze passos, a pessoa realiza uma interiorização e, nas profundezas do seu eu, passa a viver uma experiência com Deus. O dom de línguas seria um sinal de que o mundo espiritual dentro de nós aflorou na consciência.

Watchman Nee, teólogo chinês, é muito lido pelos neopentecostais (por aqueles que admitem uma leitura devocional e sabem ler). Baseando-se em I Tessalonicenses 5:23, ele apresenta uma doutrina tricotomista (corpo, alma e espírito). O espírito, segundo Nee, é a parte mais importante, porque nele nos comunicamos com Deus; Cristo vivifica o nosso interior, o nosso espírito. O Espírito Santo realiza sua obra em nós a partir de dentro. Ele age de dentro para fora. Para Nee, o “cristão espiritual é aquele cuja alma e corpo estão controlados pela ação do Espírito Santo dentro do espírito humano”.

Watchman Nee apresenta sete passos para que o cristão se torne espiritual:⁷

- 1) Conheça a necessidade de ter o espírito e a alma separados.
- 2) Ore por essa separação.
- 3) Submeta-se especificamente.
- 4) Baseie-se em Romanos 6:11,12.
- 5) Ore e estude a Bíblia.

- 6) Carregue diariamente a sua cruz.
- 7) Viva segundo o espírito.

Analisando esses passos acima sugeridos, podemos chegar a algumas conclusões: a salvação não depende apenas da graça de Deus, mas do esforço humano em conceder abertura e em obedecer cada vez mais (segundo Kelsey e W. Nee); o dom de Deus, portanto, não seria concedido gratuitamente e sim como recompensa de nossos esforços; segundo Kelsey e Nee, apenas encontramos Deus em nossa interioridade, minimizando eles a ação de Deus de fora para dentro — que na realidade ocorre a partir mesmo da encarnação de Jesus Cristo e depois na palavra pregada e nas ordenanças deixadas por Jesus; atos externos simbolizando verdades espirituais.

Algumas regras de Kelsey são bem ingênuas, como manter um diário, recordar os sonhos. Outras seriam válidas se o propósito fosse outro, como: procurar companhia e orientação espiritual em pessoa mais experiente, ser honesto consigo mesmo, cultivar um amor genuíno pelo próximo. Numa comunidade esclarecida, que estuda a Bíblia e encara a vida cristã com realismo e determinação, tais sugestões podem ser aplicadas. Entretanto, sabemos que não é assim. As regras visam levar o crente a uma experiência mística com o Espírito Santo, experiência que termina quando o indivíduo enfrenta o dia-a-dia de suas lutas pela sobrevivência. Por isso, a pessoa precisa estar sempre buscando a experiência que nada tem a ver com a vida prática.

As regras de Watchman Nee obrigam o indivíduo a crer na doutrina tricotomista, quando existem muitos teólogos e crentes que podem perfeitamente viver uma vida cristã crendo na doutrina dicotomista (corpo e alma — ou espírito). Todo o nosso intelecto, nossa vontade, nosso corpo, nossa personalidade, enfim, precisa estar em comunhão com Deus, submissa a Deus, obediente a Deus e não somente uma parte da personalidade.

ESPIRITOCENTRISMO, SENSACIONALISMO E EMOCIONALISMO

Influenciados por métodos psicológicos, como os acima mencionados, os neopentecostalistas dão ênfase ao Espírito Santo, ao sensacionalismo nos cultos, à experiência mística, ao emocionalismo. A experiência espiritual realiza-se nas emoções e não no raciocínio e vontade.

Colocam eles uma ênfase demasiada no Espírito Santo, em detrimento da doutrina da trindade. O Evangelho, sabemos, é cristocêntrico e no Novo Testamento toda a atividade do Espírito Santo converge para o Filho e não para si mesmo. O Espírito Santo nos leva à cruz de Cristo e à crucificação do eu. Se a manifestação do Espírito Santo no Pentecostes foi sobrenatural, poderosa e misteriosa, como a criação ou a concepção virginal de Cristo, hoje em dia não podemos buscá-lo com a mesma intenção, como fazem os neopentecostais. Eles têm dado maior importância à indumentária com que o dom foi manifesto do que ao próprio dom.⁸

Segundo F. Brunner, a principal característica do pentecostalismo é a experiência do Espírito Santo. A ênfase não está no sermão nem na missão do crente e muito menos no estabelecimento da igreja. Após a conversão, vem a experiência com o Espírito Santo evidenciada pelo falar em línguas. Para eles é diferente a simples recepção do Espírito Santo da plena recepção do Espírito Santo. Segundo um teólogo pentecostal, o Espírito Santo é o agente do novo nascimento e o sangue de Cristo é o meio. No batismo do Espírito Santo, Cristo é o agente ("ele batizará com o Espírito Santo") e o Espírito Santo é o meio. A experiência pentecostal é sistematizada dessa forma.

Os neopentecostais também dão uma importância exagerada às experiências emocionais e individuais com o Espírito Santo. É preciso ter alguma sensação, viver um êxtase, entrar em transe. A vida espiritual é medida pela intensidade da

emoção vivida. Talvez por isso a maior parte dos seguidores pertença ao elemento feminino, mais suscetível às emoções.

É justamente esse sensacionalismo e emocionalismo que escandalizam os cristãos sérios e os não-crentes. Por isso, de vez em quando, são publicadas notícias de reuniões do tipo da que foi realizada nas areias do Lido em Copacabana, por muitos fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus.⁹ Repórteres comentam as atitudes do bispo e fundador, Edir Macedo Bezerra, na cerimônia expulsa-demônio: berros acompanhados em coro pelos fiéis.

Ainda outra reportagem sobre o mesmo grupo declara que “de mãos dadas, os fiéis entoam hino em culto (...): afugentando as tentações e os maus espíritos”.¹⁰

A Igreja Universal do Reino de Deus existe desde 1977 e não tem vínculos com entidade alguma, vivendo da doação dos fiéis. A igreja já se acha instalada nos Estados Unidos. A igreja objetiva ajudar as pessoas aflitas, desesperadas, os viciados; realiza verdadeira cruzada contra a macumba, o candomblé e o espiritismo. Não proíbe coisa alguma, o que equivale a uma ética sem restrições, outra característica de alguns grupos neopentecostais.

CULTOS AVIVALISTAS

Nas igrejas tradicionais, para Antônio Gouveia Mendonça,¹¹ há um colóquio a respeito de Deus. Deus mesmo, de quem se fala, está ausente dos cultos. “Os discursos são elaborados e os gestos contidos.” Já nos cultos pentecostais o neopentecostais há uma irrupção do sagrado, de Deus, em que gestos e palavras demonstram total liberdade de expressão, de alegria e de triunfo.

O emocionalismo e a irracionalidade, por sua vez, predominam nos cultos pentecostais, enquanto que a racionalidade faz parte dos cultos nas igrejas tradicionais. Daí

a repetitividade, em que as palavras têm mais um sentido mágico, enfatizando as sensações e não o entendimento. Verifica-se nessa atitude a intenção de dissociar o espírito da mente, uma influência de Watchman Nee, já mencionado.

Nos cultos neopentecostais, geralmente quem prega são as pessoas que recebem uma iluminação na hora. Se ninguém se manifesta, o dirigente do culto prega. Tudo é de improviso, segundo a manifestação do Espírito Santo, crêem eles.

Enquanto nos cultos tradicionais há o incentivo ao conhecimento, através do estudo bíblico, nos cultos neopentecostais há uma abertura para a novidade: testemunhos, profecias, os mesmos textos comentados por pessoas diferentes. Se eles acham que reina a liberdade e a alegria da novidade, esses conceitos são simbólicos. Na realidade, observam-se repetições bem compatíveis com o nível cultural do povo. A linguagem é simples. As orações são sensacionalistas e levam o povo às emoções e à repetição de aleluias, améns, glórias a Deus, frases às vezes que não fazem parte do contexto da oração.

Outro ponto do culto é o que se dedica à cura das enfermidades, através da oração poderosa e imposição das mãos. Há ainda a expulsão dos maus espíritos ou exorcismo.

As músicas das igrejas tradicionais são substituídas pelos corinhos, mais facilmente aprendidos do que os hinos. Os cânticos são abundantes nos cultos, do início ao final. Aos domingos, os cânticos são acompanhados por uma verdadeira banda de música, em algumas igrejas. As melodias ajudam a despertar o emocionalismo e expressam a espontaneidade. Desaparece a formalidade. Estimulados pelos cânticos, os crentes oram envolvidos num clima de sentimento e emoção.

A oração é de súplica e louvor a Deus. Cada um faz sua oração individual em voz alta. O líder do culto estabelece certas normas para a oração coletiva: tem hora para começar e hora para terminar, entretanto cada um dispõe de liberdade

(e imaginação) de palavras, gestos, exclamações. Na Congregação Cristã, não há momento estipulado para terminar. Quanto mais simples forem os membros da igreja, mais espontaneidade e desenvoltura podemos notar na hora dos cânticos e da oração coletiva. Já nos cultos da Nova Vida, as exclamações e gestos são mais comedidos, uniformes e sem exageros. Existe, portanto, um condicionante social que se sobrepõe aos condicionantes religiosos, que impele a espontaneidade a romper com as influências das normas e costumes. Rolim¹² estabelece uma diferença entre a linguagem verbalizada e a não-verbalizada (gestos, atitudes, movimento de braços, pernas, corpo). Esta última é que sofre uma influência da posição social do orante e não o conteúdo da primeira.

O crente que se envolve numa oração coletiva se sente, segundo depoimentos, fora do mundo, experimentando a proteção de Deus. Acontece o que a psicologia denomina de catarse. Catarse é despejar do íntimo as reprimidas depressões, tensões ou emoções dos estados psiquiátricos traumatizantes. Esse é mais um fator que explica o grande surto dos grupos neopentecostais. "O sistema pentecostalista de culto, naquele tipo de emotividade mórbida exacerbada, propicia a essa gente o procurado despejo emocional quando extravasa entre gritos, uivos, lamúrias e contorções suas reprimidas agonias conscientes ou inconscientes."¹³

"Explodir, gritar, urrar, esbravejar, contorcer-se em gestos convulsos, pular, dar socos no ar (...) fazer tudo isso e outras esquisitices impulsivas num ambiente de inteira liberdade, sem qualquer receio do ridículo, promove, embora passageiro (e daí a necessidade de repetição constante), considerável alívio de tensões."¹⁴ Uma catarse dessa espécie não pode ser atribuída ao Espírito Santo, é uma experiência puramente humana, carnal, sem conotação sobrenatural. Não podemos confundir emoção com espiritualidade.

A outra parte do culto é a pregação feita pelo dirigente ou por outros crentes, letrados ou não; é espontânea, improvisa-

da. São proclamadas profecias e procedida a leitura dos textos bíblicos. Geralmente, as mulheres não profetizam, com exceção de alguns grupos. Quando uma pessoa prega e percebe que não está arrancando aleluias ou glórias a Deus da congregação, simplesmente modifica o andamento da mensagem, dando-lhe mais expressão emotiva.

Não entramos nos detalhes das curas, exorcismos e dom de línguas, dos quais trataremos extensivamente no próximo capítulo.

Fazemos ainda a observação de Aníbal Pereira Reis.¹⁵ As reuniões ao ar livre facilitam um clima de intensa excitação erótica; as pessoas perdem o seu controle. Reuniões nas praias, virando a madrugada, em meio a gritarias e contorções, nos levam, *a priori*, a pensar na promiscuidade e na carnalidade. O Pr. Aníbal testemunhou cenas comprometedoras ao assistir a tais reuniões no Nordeste em 1975.

EMPRESAS DE CURA DIVINA

Apesar de dedicarmos um capítulo à cura, ao exorcismo e ao dom de línguas, trazemos algumas observações quanto às empresas em que se tem transformado alguns grupos neopentecostais.

Existem diferenças entre comunidade e empresa. A comunidade é organizada quando há os mesmos ideais nos fiéis e solidariedade, o que gera uma continuidade temporal. Já uma empresa existe e se organiza em função da produção de bens; a clientela busca a empresa para satisfazer suas necessidades, mediante o pagamento do preço estipulado.

Apresentando a aparência de ser religiosa, a empresa da cura divina utiliza palavras e práticas específicas da religião: demônios, bênção, pecado, fé, milagres, salvação, perdição, oração, exorcismo, leitura bíblica. Para Rubem Alves,¹⁶ entretanto, a utilização dos símbolos religiosos não significa que a empresa seja religiosa. Deveríamos falar antes da função religiosa dos símbolos, em vez da função dos símbolos

religiosos. Isto quer dizer que certos símbolos, em determinadas circunstâncias, exercem uma função religiosa. Os símbolos religiosos são utilizados pelas empresas de cura divina como se usa uma ferramenta; a clientela está ligada à empresa enquanto suas necessidades persistem. Logo que desaparecem as necessidades, a maior parte da clientela se dissipar, pois não existem laços de fraternidade, ideais comuns, cosmovisão, no dizer de Rubem Alves. Enfim, muitos grupos neopentecostais não são comunidades, mas empresas de cura divina; mantêm a aparência de comunidade, incentivam a fraternidade, para esconderem a verdadeira intenção. Esse fenômeno deve ser compreendido segundo um modelo econômico não-religioso; existe uma comercialização de bens espirituais e não o fato de serem espirituais os bens comercializados.

O povo opta pela cura divina por causa do desespero quanto à cura humana: alto custo dos serviços médicos e dos medicamentos, dificuldades em receber atendimento, etc.

Temos observado em nossos dias que grande variedade de experiências pode ser adquirida pelo dinheiro (não somente a cura divina): compra-se tranqüilidade de espírito (tranqüilizantes); compra-se a cura da angústia (terapia); compra-se o exótico (turismo); compra-se experiências místicas (parapsicologia); compra-se a cura de doenças (neopentecostalismo). Ao cliente pouco importa compreender o que está acontecendo; o importante é que funciona. A cura divina é mais um produto natural da sociedade empresarial, capitalista.

Vale a pena observar que o curandeirismo, de acordo com o Código Penal, é crime, sujeito a punição quando sua prática tem como objetivo o lucro. Para o Prof. Evandro Lins e Silva, essa lei não é aplicada às seitas neopentecostais, porque elas sempre estão fazendo as coisas com uma aparência de religiosidade.

Os grupos neopentecostais, que se caracterizam como empresas de cura divina têm comercializado de milagres a imóveis, medicamentos à base de ervas, água destilada abençoada pelo Espírito Santo, discos, bíblias. Um fato ocorrido em São Paulo há alguns anos demonstra como determinado grupo é uma empresa da fé: Manoel de Melo Silva, líder da Igreja Evangélica O Brasil Para Cristo, ajuizou contra seu 1º-secretário José de Oliveira Campos uma ação de reintegração de posse. É que Campos saiu da igreja, levou consigo um bom grupo de fiéis e ainda se apoderou de valiosos prédios.¹⁷

Em São Paulo, Reinaldo dos Santos, líder de um grupo neopentecostal, aventou a possibilidade de as pessoas verem sua própria doença num “radioscópio eletrônico”, inventado no Japão e “iluminado” pelo Espírito Santo no Brasil (!).

Através dos programas radiofônicos são divulgados os pronto-socorros espirituais, onde pode ser curado até mesmo o câncer. Os locais de cura divina são uma mistura de tendas de milagres umbandistas, templos protestantes, hospitais e palcos de circo. Mediante as ofertas mensais e especiais solicitadas, são feitas promessas de libertação de Satanás, de doenças e de feitiços colocados pelos inimigos.

Par a par com essa exploração da credulidade popular, está o fato do enriquecimento de alguns líderes carismáticos: os dirigentes da Congregação Cristã no Brasil são industriais bem-sucedidos (grupo Spina); David Miranda coleciona carros fora de linha, e é um milionário; Manuel de Melo é outro; Macedo, da Universal do Reino de Deus, mora nos Estados Unidos. Esses são os mais excêntricos empresários das multinacionais da fé.

Um outro aspecto é a ajuda financeira que os grupos neopentecostais recebem dos Estados Unidos. As matrizes norte-americanas fornecem vultuosos recursos financeiros, garantindo literatura especializada, sofisticados encontros de liderança nos Estados Unidos. Um exemplo dessa atitude são os

programas de TV neopentecostais, há pouco tempo muito difundidos, mas que perderam prestígio pela imoralidade de alguns apresentadores.

LÍDERES CONSAGRADOS E MISSIONÁRIOS

Os grupos neopentecostais identificam seus líderes com Deus que os escolheu e enviou para uma missão específica. Vejamos o caso de David Miranda. Nunca se referem a ele sem dizer “o consagrado...”. No programa de rádio de 02/11/81 referiram-se a ele dessa forma 21 vezes.¹⁸ Essa maneira de tratar os líderes é própria dos grupos carismáticos. Por causa da relação com a divindade, que lhe é atribuída, o líder carismático é *o consagrado* e *o missionário*. Ele próprio se considera alguém que recebeu missão e poderes especiais de Deus; a convivência com o poder lhe dá força e exclusividade para distribuir as bênçãos. Para evidenciar sua eleição por Deus são necessários os sinais, os prodígios e os milagres. Ele próprio diz em seu programa (David Miranda): “Estamos maravilhados! Os milagres que estão acontecendo em nossa igreja são repetições dos tempos apostólicos, algo nunca visto em todos os tempos e inédito mesmo no Brasil!”

No programa, ele assume uma posição entre o sagrado e o profano, concedendo as bênçãos. Um Deus rico entra em contato com o homem pobre, através do líder carismático, que recebe como que uma “procuração” do homem aflito para que o represente diante de Deus e consiga a solução para o seu problema. David Miranda possui um discurso apologético e ofensivo. É um homem rude que visa lucros e interesses particulares. Pelo seu comportamento, observa-se que gosta de ser messianicamente adorado.

David Miranda, bem como outros líderes carismáticos, distanciam-se da doutrina do sacerdócio universal dos crentes e aproximam-se mais da crença espírita ou umbandista, onde os milagreiros ou médiuns exercem tal papel.

É o líder carismático que realiza as curas, os exorcismos e geralmente efetua a unção com óleo santo. Transforma-se assim em mito. Mitos são perigosos, pois seu papel é inibir o pensamento racional. O papel religioso do mito é simbólico, ou seja, suscitar a fé no neopentecostalismo. O mito é adorado. Ele é encarnado na pessoa do missionário.

O líder neopentecostal, segundo os estatutos de alguns grupos, possui mandato perpétuo, e não pode ser destituído de seu cargo. David Miranda, por exemplo, tem o poder de representar a igreja em todos os seus atos públicos e jurídicos, assinar cheques, vender ou comprar bens, administrar filiais, nomear diretores, pastores, presbíteros e diáconos. O líder carismático possui seus auxiliares, mas ele é a personalidade corporativa.

Por isso, as filiais das igrejas-mães não possuem autonomia administrativa.

PROGRAMAS DE RÁDIO

Como já foi mencionado, os neopentecostais sabem como persuadir a população a atingir os necessitados, os doentes, os aflitos, os que sofrem, os que estão às voltas com as credícies, iludindo-os e levando-os a outras superstições. Oferecem a cura e a libertação, ainda que essas muitas vezes sejam apenas simbólicas. Falar em libertação a um povo oprimido equivale a usar uma palavra mágica.

O povo que ouve os programas dos neopentecostais é formado dentro do catolicismo popular e das religiões espirituais. David Miranda, por exemplo, atinge essas tendências religiosas do povo e apresenta a única solução para as aflições. Mais uma vez, através dos programas radiofônicos, os neopentecostais mexem com as emoções das pessoas. A “racionalidade” é tomada pelo “irracional”. Ocorre a “emigração dos que não têm poder”, através do misticismo.¹⁹ Os que não têm poder são os do maligno.

O rádio é um meio de comunicação capaz de atingir a vida íntima da pessoa, num âmbito tão amplo como outro meio algum consegue.

No programa *A Voz da Libertação*, observamos algumas técnicas persuasivas utilizadas e podemos relacioná-las com algumas apontadas por Jean-Marie Domenach:²⁰

1) *Entonação emotiva da voz* — Os dirigentes carismáticos sabem utilizar a voz para persuadir os ouvintes. A entonação muda conforme a comunicação a ser dada: na oração, na mensagem, na cura. Os auxiliares seguem a mesma orientação do líder. Para Rubem Alves,²¹ bem como para outros estudiosos, o som binário da comunicação radiofônica dos neopentecostais pode objetivar um despertar da lembrança maternal na criança que existe dentro de cada um de nós, ou pode até mesmo ser o despertar do “tambor tribal” sepultado no inconsciente de nossa raça (!).

2) *Técnica da simplificação* — Frases curtas e palavras usadas pelo povo são comumente empregadas na comunicação pelo rádio. Não utilizam palavras difíceis ou desconhecidas. Até mesmo falam errado para se identificarem com o povo. Os mensageiros são pessoas de pouca cultura, o que facilita a comunicação entre eles. É mais importante, para eles, a inspiração do Espírito Santo. Sua mensagem está cheia de repetições, ambigüidades e balbucios. Não há uma análise de textos bíblicos; repetem os conhecidos, mesmo que estejam fora do contexto.

Nas grandes concentrações já empregam uma linguagem mais melhorada, pois a simplificada é viável somente para aumentar a audiência dos programas de rádio.

3) *O inimigo comum* — Para os neopentecostais o inimigo comum é o Diabo, que se opõe à vontade de Deus e está no mundo; é o causador de todas as doenças e aflições. Afinal, a mensagem libertadora acaba sendo uma linguagem exorcista. Essa linguagem sempre traz a ação diabólica para perto da pessoa, pois é afirmado que o maligno está sempre tentando

e fazendo suas vítimas. Nessa situação, os ouvintes vivem cheios de medo e necessitam continuamente dos poderes exorcistas do missionário. Além disso, as mensagens incluem ameaças, anunciando a volta de Cristo e atribuindo as doenças ao Diabo.

4) *Ampliação e desfiguração* — Geralmente, ao mencionarem reuniões já realizadas, exageram quanto ao número de pessoas e aos milagres ocorridos; para persuadir os ouvintes a freqüentarem suas reuniões, aumentam o saldo positivo das mesmas.

5) *Unanimidade e contágio* — Milhares de pessoas num mesmo local favorecem um clima emocional elevado e facilitam o contato. “Quanto maior o número de pessoas presentes, maior a possibilidade de Jesus operar maravilhas” — é a afirmação feita nos programas, em contraste com os ditos de Jesus: “Onde se acham dois ou três reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles.”

David Miranda, por exemplo, apela para a sensibilidade dos ouvintes lembrando que milhares de pessoas estão com ele naquele momento da oração da fé, e pede as bênçãos de Deus sobre eles.

6) *Testemunhos* — Discursos acompanhados de exemplos convencem mais. Por isso, os testemunhos de fé são gravados após as concentrações e são apresentados em todos os programas radiofônicos do Brasil. Nesses relatos, segue-se uma ordem: primeiro, a natureza das aflições, depois a descoberta da solução (participar da igreja, ouvir o programa de rádio, aplicar o óleo sagrado ou utilizar a água abençoada); por último é narrada a constatação e admiração de todos.

7) *Frases-chave* — “A Igreja Deus É Amor é cheia do poder de Deus” — “O consagrado homem de Deus Missionário David Miranda” — “Venha ao pronto-socorro de Jesus”.

Além dessas técnicas utilizadas, observamos que alguns grupos neopentecostais possuem programas de rádio para di-

vulgar suas concentrações. Alguns grupos que já tiveram programas são: Igreja de Jesus Socorrista, Igreja Deus É Amor, Igreja Evangélica Sinais e Prodígios, além de outros grupos cujos nomes não são mencionados nos programas.

É dada muita ênfase ao contato com o aparelho sonoro em si, como se dele saíssem ondas benéficas para os ouvintes, como: colocar a mão sobre o aparelho, colocar um copo com água sobre ele, etc.

Os programas não têm apresentado exigência quanto à conversão ou à freqüência aos cultos, ou quanto à ética de vida; simplesmente basta que todos assistam às concentrações e recebam sua bênção. Por isso, muitos não se tornam membros das igrejas. Karlins e Abelson afirmam: "Os efeitos de uma comunicação persuasiva tendem a desaparecer com o tempo".²²

As técnicas de persuasão demonstram que as igrejas neopentecostais são grandes empresas que comercializam os bens religiosos.

Os programas em si seguem um mesmo estilo. Há semelhança com os cultos: sermão, testemunho, oração, música. Os anúncios entre os programas são profanos (óticas, bebidas como guaraná, etc.) e no decorrer dos programas os anúncios são religiosos (lojas de discos, livros, óleos santos, convites para reuniões, etc.). São feitos apelos para ofertas que sustentem os programas, embora eles sejam de baixo custo: predomina o improviso e não há necessidade de sonoplastia especial. A audiência é certa, pelo menos entre pessoas de pouca cultura; por isso, os programas são permitidos. Não há exigência quanto à sua qualidade técnica. Qualquer um é veiculado.

No livro de Karlins e Abelson encontramos observações relevantes que nos ajudam a compreender os métodos de persuasão utilizados nos programas radiofônicos e nas reuniões de avivamento.

Em determinadas situações, a ameaça é mais convincente, pois a persuasão pelo medo funciona melhor.

Pode-se modificar as opiniões com mais facilidade quando as conclusões são diretamente oferecidas e não auferidas pela própria audiência (coloque a mão sobre o rádio).

Quando a participação do ouvinte é ativa e não passiva, o impacto da mensagem persuasiva é maior (nome dos ouvintes anunciado nos programas, pessoas presentes nas reuniões...).

Para uma mudança imediata de opinião, é preciso apresentar apenas um impacto do argumento (se você aceitar a Cristo, todos os seus problemas serão resolvidos).

Algumas vezes, mensagens emocionais surtem maior efeito.

O indivíduo se deixa influenciar pelos grupos aos quais pertence ou deseja pertencer.

A influência do comunicador depende do seu grau de credibilidade (os milagres anunciados atestam a mensagem; sobre milagres, trataremos no próximo capítulo).

As pessoas se deixam persuadir pelos comunicadores com quem se identificam (linguagem simplificada, frases-chave etc.).

A Rádio Tupi de São Paulo e a Rádio Copacabana do Rio estão sendo utilizadas quase que exclusivamente para programas evangélicos, principalmente pentecostais. David Miranda ocupa 50% da programação. É dono das rádios Auriverde (Londrina, PR), Universo (Curitiba, PR), Itaí (Porto Alegre, RS).

A Igreja Evangélica O Brasil Para Cristo mantém 280 programas radiofônicos diários no país, através de 250 emissoras aproximadamente. O líder Manuel de Melo afirma: "O rádio é fundamental para o progresso de nossa igreja (...). Essa é a arma mais fantástica já surgida para a evangelização."²² Vale a pena ressaltar que a população pobre e analfabeta não tem acesso a jornais, revistas e outros veículos de comunicação.

ção, sendo o rádio o melhor para atingir a massa e divulgar reuniões.

PROGRAMAS DE TELEVISÃO

R. R. Soares, líder da Igreja Internacional da Graça de Deus, diz estar travando uma luta ferrenha contra os demônios de todo tipo; são reais e têm de ser exorcizados de mil maneiras, com armas parecidas com “despachos” e “trabalhos” dos próprios. Soares prefere a TV, enquanto outros grupos preferem o rádio e as concentrações. Seus programas são originais, gerados no contexto brasileiro.

Traços característicos de seu programa: menção aos demônios, com presença de pastores negros recrutados pela igreja; conversa direta, desinibida, brincalhona, numa versão religiosa da linguagem dos “malandros”; uso abundante de objetos e símbolos materiais para as curas e milagres (imitando rituais afros); a comercialização desses objetos numa espécie de loteria religiosa; constante referência a um pregador fundamentalista norte-americano, T. L. Osborn, que se destacou pelos manuais e pelas freqüentes visitas à África para ajudar os negros a se livrarem de seus múltiplos demônios.²⁴

O programa é transmitido pela rede Record de TV, há alguns anos, diariamente, com duração de meia hora, e patrocinado, ao que parece, pelas doações dos telespectadores e venda dos objetos mágicos.

O apresentador, embora trajado a rigor, fala de improviso, com gestos naturais, no comando do *show*. Seus auxiliares falam pouco e se vestem de maneira simples. O tema central do programa é: “Deus detesta a pobreza e criou condições para a prosperidade de seu povo.” Deve haver “igualdade de oportunidades”. “Quem se converte sobe de vida.” R. R. Soares é um exemplo vivo disso: de família pobre do interior, depois que se converteu, estudou e subiu de vida.

Essa filosofia otimista da vida, tipo “querer é poder”, exclui análises sócio-culturais da pobreza. Se a pobreza existe,

pensam tais líderes, é porque as pessoas negam a se converter. “Esforço e trabalho resolvem todos os problemas.”

Os objetos mágicos são constantemente inovados (rosa ungida, sabão abençoado, azeite do amor, azeite da rosa, água orada, etc.); a atitude do apresentador é criativa nos diálogos, nas expressões e nos gestos. Esses requisitos são essenciais para conservar o programa no ar.

Num dos programas, realizado no dia 1º de maio, R. R. Soares fala da rosa ungida que os telespectadores devem colocar sobre o televisor e que será consagrada pelo pastor. Fala de uma campanha realizada para adquirir dois automóveis que serão utilizados para o evangelismo, depois de equipados. Fala de uma fita gravada do Rev. T. L. Osborn, que pode ser adquirida por 100 cruzados (dinheiro utilizado para a campanha). Conta a história da cura do braço da tia. Fala ainda do Rev. Gilberto, de Caxias, onde será construída uma igreja, e vai prosseguindo a conversa sobre a rosa ungida, cura, concentrações de fé, etc. Fala dos associados que contribuem através de carnês. Dá a impressão de que a Igreja da Graça de Deus é um enorme potencial organizado, presente em todo o país. São anunciados, em outros programas, cursos e seminários promovidos pela Igreja. Percebe-se que esta Igreja não é como outras que não admitem o estudo.

Utiliza ainda frases-chave, como: “Diabo, você errou o endereço”, “Eu compro esta briga com o Diabo”. Os objetos mágicos são uma verdadeira aberração para a mente esclarecida: objetos abençoados que acabam com a pobreza, com a doença, afastam filhos e maridos dos vícios e trazem outras infinitas bênçãos.

Outro programa de TV a se comentar é o *Despertar da Fé*, da Igreja Universal do Reino de Deus. O programa é bem elaborado tecnicamente, pré-gravado, com ótima abertura e final, boa angulação das tomadas, mixagem, e editoração esmerada. Não há um só dirigente, como no programa referido anteriormente; vários apresentadores se alternam. As citações

bíblicas são esporádicas, sem aprofundamento. A maior parte dos programas é feita com entrevistas-testemunho que são direcionadas para os objetivos desejados.²⁵ Os apresentadores se trajam elegantemente, seus gestos são comedidos; a sala das entrevistas é decorada como a de uma residência de classe média. Não há muitos apelos para ofertas. Parece que o programa é patrocinado por alguma fonte financeira, além da Igreja em si.

São anunciadas reuniões com objetivos específicos, tais como: corrente de Jericó, corrente da libertação da família; exorcismo contra certo exu; três correntes de oração poderosa; corrente dos impossíveis, etc. As correntes de oração e libertação são comuns a certos grupos neopentecostais e trazem a influência espírita. Correntes de oração, com repetição de determinadas frases e textos, com certeza não resolvem problemas; são mais uma expressão supersticiosa do povo.

Nos programas de rádio e TV, bem como na comunicação das concentrações e cultos, nota-se o proselitismo marcante nos grupos neopentecostais: “Venham todos, qualquer que seja a religião.”

Os locais dos cultos anunciados, em cidades diferentes, fazem transparecer uma Igreja bem expandida, que, na realidade, ainda não alcançou a penetração que têm alcançado os grupos maiores. Nesse programa também se enfatiza o exorcismo, expulsando os demônios, que são considerados responsáveis pelas desgraças, desempregos, enfermidades etc. Os que freqüentam as sessões espíritas são considerados os mais atribulados pelos demônios.

Na oração final são mencionados os oprimidos, os desempregados e doentes, para que sintam paz, felicidade, coragem para trabalhar. Uma oração generalizada não tem nada a ver com uma vida cristã frutífera e uma fé crescente; nossas orações devem ser específicas, mencionando-se o nome das pessoas por quem oramos.

No programa *O Despertar da Fé* também há o mesmo processo de colocar peças de roupa e copos com água sobre o televisor, para se receber as bênçãos, o que não deixa de ser um absurdo!

Esses são apenas dois exemplos de programas televisados, mas nos dão uma idéia de como são realizados, quais são seus objetivos, pois visam seus lucros, como outros empreendimentos neopentecostais.

Recentemente, todos presenciamos o escândalo Bakker, apresentador de programa evangélico norte-americano, que invadia as televisões de todo o mundo. Bakker, que sempre pregou o moralismo, caiu nos mesmos pecados que condenou: manteve uma relação extraconjugal com sua ex-secretária, pagou-lhe 115 mil dólares para guardar sigilo e sua esposa foi internada para tratamento de dependência de drogas. Sexo, dinheiro e drogas! Logo depois, Bakker disse que se arrependera, Deus o perdoara e que estava na hora de se aposentar.

“Para os brasileiros, o escândalo que envolve os pregadores eletrônicos tem um referencial familiar: Jimmy Swaggart (...). Seu programa, segundo a revista *Time*, é irradiado em 551 emissoras em toda a América Latina e atrai mais telespectadores que qualquer outro evangelista.”²⁶ Bakker havia acusado Swaggart de um plano diabólico para tomar a empresa para si.

O escândalo Bakker não é único. Nenhum dos dez principais televangelistas, exceto Billy Graham, coloca o relatório de sua tesouraria à disposição do Conselho Evangélico para a Contabilidade Financeira. E eles levantam um total de um bilhão de dólares por ano.²⁷

Em fevereiro de 1986, o Centro Evangélico Latinoamericano de Estudios Pastorales (CELEP) reuniu 44 pessoas de 16 países e fez uma consulta sobre a comunicação eletrônica. A consulta resultou num documento, que apresentou algumas conclusões: a) o dinheiro e a aparência física são muito importantes; b) os personagens são fortes; os que sabem resolver

problemas são homens brancos; c) o egocentrismo e o individualismo são positivos; d) buscam justificar teologicamente a propriedade privada; e) manipulam o sentido de culpa do adultério com fins proselitistas; f) apresentam a liberdade (leia-se religião privatizada) como mais importante que a justiça social e os direitos humanos; g) a Bíblia é usada como fetiche e apresenta uma espiritualidade mágica; h) há uma forte repressão da sexualidade humana; i) apresenta o capitalismo como o programa econômico divino e o comunismo como satânico; j) há um forte sentido antiintelectual; l) há uma forte ênfase nos demônios; m) apresenta o estilo de vida da classe média norte-americana como prova da bênção divina (a exemplo do programa *O Despertar da Fé*).

DESENVOLVIMENTO POLÍTICO

Com exceção da Congregação Cristã no Brasil, muitos grupos neopentecostais possuem representantes na política brasileira. Essa tendência começou em 1964, quando alguns pastores foram encorajados a concorrer às eleições, para neutralizar a influência do clero — que hoje se mantém afastado das disputas eleitorais. Os carismáticos católicos optam pela apatia política que, para eles, é compatível com a postura religiosa correta.

As lideranças crentes cada vez mais se comprometem com a política. Nas eleições de 1982, pelo menos duas igrejas pentecostais lançaram-se na campanha eleitoral. O Pastor Marino Moreira candidatou-se pelo PDT de Porto Alegre e o Pastor Manuel de Melo de O Brasil Para Cristo lançou seu filho para vereador pelo PDS de São Paulo. Ambos não foram eleitos. Em 1986, doze pastores pentecostais conquistaram cadeiras na Câmara Federal e vinte nas Assembléias Legislativas, como deputados estaduais.

Os crentes têm chegado à conclusão de que a fé não pode ser usada para fins eleitorais. É preciso possuir competência política, programa, plataforma de trabalho, propostas e trabalho partidário.

Para a maioria dos neopentecostais, política é carnalidade; tudo o que acontece de ruim é causado pelas forças do maligno. Para eles, a solução é apenas orar e jejuar. Quando algum candidato chega a ser eleito, geralmente não pensa no problema do brasileiro, mas nas necessidades apenas de sua igreja em particular.

O líder da Igreja Universal do Reino de Deus conseguiu persuadir o povo a eleger seu irmão carnal como deputado federal, principalmente para defender os interesses do referido grupo.

Na realidade, todos quantos apresentam suas razões de não-envolvimento político não se sentem capacitados para exercer um cargo político e não possuem candidatos capazes.

ÉTICA SEM RESTRIÇÕES

Um comportamento marcante de certos grupos neopentecostais, como a Congregação Cristã no Brasil por exemplo, é que não fazem restrições a certos vícios e certos costumes, considerados imorais por outros grupos. Talvez façam isso para conseguir mais adeptos.

Certos pastores, na hora do batismo nas águas (realizado comumente nos rios), chamam pessoas presentes para se batizarem a fim de receberem a posterior bênção de Deus. É comum imergirem pessoas nas águas sem qualquer preparo doutrinário e sem mesmo a pública profissão de fé. Por mais essa razão, não podemos de fato afirmar o número exato de fiéis agregados aos grupos, uma vez que muitos os abandonam, após o batismo.

Acrescentamos o fato de que alguns não excluem seus membros por qualquer razão, no desejo de manter a cifra bem alta.

Consentem a presença, por exemplo, de homossexuais praticantes e de outras pessoas em condições morais duvidosas.

Enquanto algumas igrejas agem dessa forma, outras impõem regrinhas relacionadas a usos e costumes, principalmente do elemento feminino.

CONCLUSÃO

Dante da exposição de suas principais características e métodos de trabalho, não nos resta muita coisa a dizer. Acautelem-se os cristãos e não se deixem iludir pelos grupos neopentecostais, que fazem muito barulho, mas não possuem muito conteúdo. Que os líderes de nossas igrejas possam doutrinar e orientar seus membros para que não enveredem pelos caminhos carismáticos e se desiludam mais tarde!

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 LÉONARD, E. G., *O Protestantismo Brasileiro*, p. 338.
- 2 YUASA, Key, notas.
- 3 Autora de *A Experiência da Salvação*, SP, Duas Cidades, 1969.
- 4 MOFFAT, Alfredo, *Psicoterapia do Oprimido*, p. 117, citado por CAMPOS, Leonildo Silveira, revista *Simpósio*, dez./82.
- 5 REIS, Aníbal Pereira, *A Segunda Bênção*, Caminho de Damasco, 1982, p. 51.
- 6 JENSEN, Richard A., *O Toque do Espírito*, Sinodal, 1985, p. 72, 73.
- 7 *Ibid.*, p. 76.
- 8 SILVEIRA, Abival Pires da, "Pentecostes e Babel", jornal *O Estandarte*, 06/87.
- 9 *Jornal do Brasil*, 20/07/88, reportagem escrita por Bruno Thys e Lilian Newlands.
- 10 *O Globo*, 07/10/84, escrito por Heloísa Daddario.
- 11 MENDONÇA, A. G., *Tempo e Presença*, junho/86. Artigo: "Desafios dos Pentecostais às Igrejas Evangélicas Tradicionais."
- 12 ROLIM, Francisco Cartaxo, *Pentecostais no Brasil*, Vozes, p. 197.
- 13 REIS, Aníbal Pereira, *op. cit.*, p. 47.
- 14 *Ibid.*
- 15 *Ibid.*, p. 56.
- 16 ALVES, Rubem A., Artigo: "A Empresa da Cura Divina: Um Fenômeno Religioso?" em *A Cultura do Povo*, EDUC, 1979, p. 111-17 — onde se explica esse fenômeno com detalhes.
- 17 EMEDIATO, Luiz Fernando, "A Fantástica Rede de Negócios", jornal *O Estado de São Paulo*, 14/12/84.
- 18 CAMPOS, Leonildo Silveira, Artigo: "O Milagre no Ar", em revista *Simpósio*, dez./82, p. 96.

- 19 ALVES, Rubem A., *O Enigma da Religião*, p. 110.
- 20 DOMENACH, Jean-Marie, *Propaganda Política*, p. 49 e 70, citado por CAMPOS, Leonildo Silveira, *op. cit.*
- 21 ALVES, Rubem, *Protestantismo e Repressão*, p. 68.
- 22 KARLINS, Marvim e ABELSON, Herbert I., *Persuasão: Como Modificar Opiniões e Atitudes*. Trad. Lêda Maria Maia. Rio, Civilização Brasileira, 1971 (Perspectiva do homem/81 — comunicação).
- 23 Revista *Isto É*, 27/07/84.
- 24 ASSMANN, Hugo, *A Igreja Eletrônica*, Vozes, p. 95.
- 25 *Ibid.*, p. 107.
- 26 NUNES, J. B., *Jornal Contexto*, nº 33, 06/87.
- 27 Revista *Ultimato*, maio/87, p. 11.

4

CURA E EXORCISMO

A tarefa de curar exige de nós o conhecimento da natureza da vida e da situação humana. A gente pergunta amiúde desesperadamente por que a ordem divina das coisas inclui a enfermidade, se a enfermidade também deve ser curada por ordem divina.

— Paul Tillich

Algum poderá dizer que a religião nada tem a ver com a enfermidade. Os dois conceitos são complexos e contêm suas implicações. Sabemos, no entanto, que o objetivo principal da religião é a saúde espiritual, ou seja, a salvação plena e total. Sabemos também que, desenganados pela Ciência, as pessoas buscam na religião seu último recurso para a cura não somente espiritual, mas mental e física. Mesmo aqueles que se consideram salvos, anseiam a libertação dos males. "Salvação significa integrar, curar."¹ A pessoa enferma espera ser salva das forças malignas que subjugam seu corpo e sua alma.

A religião, embora não possa ser definida, mas apenas conceituada, pode ser compreendida como a que liga os homens a Deus pela piedade e como o meio através do qual os homens realizam seu destino e se salvam. Existem inúmeros elementos cheios de significado e sentido, que são constitutivos da religião: objetos sagrados (céu, terra, estrelas, vento, luz, etc.); lugar sagrado (céu, cavernas, bosques); tempo sagrado (festas da natureza, idades do mundo); ritual sagrado

(purificatório, de salvação por meio de mistérios); palavra sagrada (oráculos, profecias, mitos, leis, oração); escritura sagrada (fórmulas mágicas, livros canônicos); homem sagrado (sacerdote, feiticeiro, profeta, monge, místico); sociedade sagrada (grupo, clã, tribo, ordem religiosa).² No cristianismo notamos a presença de alguns desses elementos.

A oração, por exemplo, é o meio pelo qual a parte espiritual do homem entra em comunhão com Deus e procura saber sua vontade. A oração tem a ver com a saúde, porque ela pode ser uma forma efetiva de psicoterapia para o cristão. Isso não quer dizer que a oração é apenas auto-análise ou auto-sugestão. É mais. Os momentos de recolhimento em oração permitem uma busca sincera na presença de um Deus compreensivo e amoroso. O seu valor psicoterapêutico não deve ser buscado em primeiro lugar nem por pessoas não-cristãs; é preciso que a pessoa faça parte da família de Deus.

Por outro lado, o médico psiquiatra ou psicanalista cristão sente quando uma oportunidade se lhe apresenta para dar um conselho espiritual aos seus pacientes. Ele sabe que a uma pessoa que sofre de uma intensa enfermidade emocional não pode apresentar Cristo de imediato; é preciso tratá-la, recuperá-la primeiro e então oferecer-lhe a ajuda espiritual. Outras doenças possuem causas espirituais. Nestes casos o tratamento pode começar pelo espiritual. Sempre são necessários o cuidado e a habilidade.

A igreja em si sempre teve especial cuidado com os enfermos, socorrendo-os em suas necessidades, acompanhando-os e confortando-os com seus cultos e com a palavra sagrada. No decurso dos séculos surgiu a liturgia dos enfermos, com “oração e unção com óleo santo” (Tiago 5:13-16). Surgiu também a comunhão dos doentes e a penitência dos enfermos. A religião sempre esteve ligada à enfermidade.

Chegamos ao ponto agora de definir e compreender a enfermidade. Para Rubem Alves, a “enfermidade é um desvio de uma situação padrão que denominamos saúde”.³ A enfer-

midade tem a ver com o mal-estar, a dor, a febre, a fraqueza e a morte. A doença mental, por sua vez, tem a ver com a resistência. Resistimos à realidade: alguns mais, outros menos. O neurótico substitui a realidade criando outros mundos, através de sua imaginação. Quando a realidade é muito dura, o homem cria a magia, o brinquedo, a arte; os valores, as utopias sociais e até mesmo a religião — que são mundos para onde ele foge.⁴

Rubem Alves vai mais longe. Ele afirma que se o homem resiste, é porque a própria sociedade está enferma; essa resistência não é sintoma de enfermidade, mas de forças, de lutas contra a realidade patogênica. É uma autodefesa. “Saúde implica resistência e conflito.”⁵ Saúde tem a ver com a sociedade: o rebelde, o revoltoso, é considerado enfermo pela sociedade. Ela cria instituições na medida da doença do povo: hospitais, farmácias, clínicas de recuperação, hospícios. As empresas de saúde crescem na medida em que cresce a enfermidade.

Por sua vez, a sociedade também “define saúde como a conformação com a maioria (...) define, ainda mais, quem precisa ser tratado, isto é, restaurado à condição de saúde”. A sociedade também afirma que “quem é definido como enfermo deve ser afastado da vida normal (...) e o processo de afastamento e tratamento da pessoa definida como enferma é de natureza violenta, no sentido de que é feito à revelia do paciente”.⁶

A religião faz parte da sociedade, e é um dos meios utilizados pelo homem que sofre para fugir à sua realidade presente. A religião traz o consolo; “o seu discurso contém aquilo que está ausente no mundo real”. Na religião, “a impossibilidade é traduzida como não necessidade”, isto é, se ao povo é impossível viver em boas condições de saúde, higiene e prevenção de doenças, na verdade isso não é essencial à sua vida, diz a religião, e sim a comunhão com Deus. Assim, a religião apresenta dois tipos de solução para a enfermidade dos homens: a primeira é a eliminação das

contradições vividas, por meio de explicações totalizantes, isto é, dentro do esquema divino, os sofrimentos se transformam (os últimos serão os primeiros, os pobres ficarão ricos, os que sofrem serão bem-aventurados eternamente). A segunda solução é o misticismo; se a realidade é dura demais e o homem não pode modificá-la, ele busca o interior da alma, isto é, o seu poder espiritual, a sua ligação com o sobrenatural.

A essa altura de nossas reflexões, vem-nos o alerta de Paul Tillich que diz ser da responsabilidade de todos os cristãos a cura dos enfermos de nossa sociedade, e não somente de alguns ministros. Estes, por si, não possuem poderes mágicos de curar. A liturgia ou os sacramentos não lhes conferem tal poder.

Curar e expulsar demônios em nossos dias têm sido compreendidos como curas milagrosas baseadas em poderes mágicos e auto-sugestões. Entretanto, quando o nome de Cristo é empregado em fórmulas mágicas, tal prática constitui-se num abuso. Se as curas e exorcismos têm sido realizados em nossos dias através de poderes mágicos, por instrumentalidade de alguns líderes religiosos, é porque a igreja “deixou de se arriscar frente ao mal e às influências malignas”.⁸

O cristianismo tem apresentado Cristo como aquele que nos liberta e nos salva em todos os sentidos, integrando nossa personalidade a nós mesmos e à sociedade, e essa mensagem precisa ser levada a todos os homens enfermos, pois “tanto a enfermidade física quanto a mental, individual ou social, são consequências do distanciamento entre o espírito do homem e o Espírito divino (...) nenhuma doença pode ser curada e nenhum demônio expulso sem a reaproximação do espírito humano com o divino”⁹. A mensagem do perdão em Cristo e a esperança de uma realidade — por si sós — libertam o homem enfermo de suas angústias, depressões, ambigüidades, dúvidas e podem curar muitas enfermidades de origem psicossomática.

Há consciência da enfermidade do homem e ele busca na religião sua saúde e a libertação de forças malignas. Compreendemos, no entanto, que curar os homens enfermos é “ajudá-los a recuperar a unidade perdida sem os despojar da abundância, sem os jogar numa pobreza de vida, possivelmente com seu próprio assentimento”¹⁰. Jesus, ao mandar seus discípulos pregarem, curarem e expulsarem demônios, não fez distinção entre doenças físicas, mentais ou espirituais.

Delma Pessanha Neves, que participou de uma vasta pesquisa quanto às curas milagrosas em Nova Iguaçu, RJ, observa que, segundo os homens que se orientam por uma concepção religiosa, todas as doenças têm como explicação uma causa espiritual. Para ela, e para nós, a visão religiosa não pode estar limitada à igreja, mas está presente nos domínios sociais. O médico, utilizando-se da medicina científica, é um instrumento de Deus para curar as pessoas. Acrescenta Paul Tillich: “a base do poder de curar é dom; seja o dom da natureza, do qual depende todo o médico, e isto já conhecia a medicina antiga. (Infelizmente, dizemos nós, hoje muitos médicos não o são por causa do dom, mas por conveniência, daí o curandeirismo e a busca de curas milagrosas); seja o dom do presente na história que sustenta, através de tradições, heranças e símbolos comuns, a vida da humanidade; seja o dom da revelação pela mensagem do perdão e de uma nova realidade”.¹¹

Acrescentamos que a religião, e particularmente o cristianismo, não pode apenas apresentar soluções místicas ou esperanças sobrenaturais. Uma enfermidade, ainda que pareça física, pode ter causas mentais, e uma doença manifestada num indivíduo pode ser o reflexo de uma enfermidade social. “Não se pode curar indivíduos sem libertá-los dos males sociais que contribuíram para sua desgraça.”¹² São justamente as condições precárias em que o povo vive que causam muitas doenças. Não basta, portanto, o curandeirismo, o exorcismo, as curas milagrosas, é necessária uma assistência muito mais ampla para despertar o povo a lutar por seus

direitos e providenciar meios que permitam a melhoria das condições de vida. É preciso conscientizar o povo e ajudá-lo em todos os sentidos, porque, quando os oprimidos começam a se sentir mais fortes, há uma transformação em sua atitude: não permanecem mais submissos à ordem política que oprime, mas vão à luta, reivindicam seus direitos, pois Deus está ao lado dos oprimidos. Então “a verdadeira saúde (salvação) se manifesta na resistência à ordem presente”.¹³

Do exposto, depreendemos que a religião e a enfermidade têm suas implicações e complexidades. Nem toda religião oferece uma solução para a enfermidade. Nem toda enfermidade é curável. Há a enfermidade física e espiritual, mas no fundo ela tem implicações no relacionamento do homem com Deus. A mensagem primordial que o cristianismo pode oferecer ao homem enfermo é a libertação espiritual em Jesus Cristo. Pode também auxiliar o povo a encontrar uma solução para o problema da pobreza e da enfermidade, incentivando o povo, construindo hospitais, orientando sobre higiene e saúde, enfim, buscando soluções também sociais. Com isso não queremos monosprezar ou negar as curas milagrosas que têm ocorrido no meio da igreja, quando os recursos humanos falharam. A enfermidade e a cura são temas inclusive encontrados na Bíblia, os quais abordaremos a seguir. O que nos preocupa é o curandeirismo e a exploração do povo, como veremos depois.

ENFERMIDADE E CURA NA BÍBLIA

Na Bíblia encontramos inúmeras citações referentes às enfermidades. Nos livros da Lei encontramos diversas orientações sobre doenças, cuidados, profilaxia, embalsamamento, legislação sanitária, etc. Deparamo-nos na Bíblia com a enfermidade de Jó, as pragas do Egito, doenças nas profecias, doenças de reis, cirurgias, desvios sexuais, enfermidades mentais, morte.

Um tipo de enfermidade são as mentais. São designados os doentes mentais de lunáticos e endemoninhados. O jovem

lunático (Mat. 17:15; Mar. 9:17,18) apresenta uma típica crise de epilepsia para alguns, embora para outros seja um caso de possessão demoníaca. No Antigo Testamento, a loucura era vista como castigo de Deus (Deut. 28:28; Zac. 12:4). O livro de I Samuel refere-se ao rei Saul “atormentado por um espírito maligno” (I Sam. 16:14, 19:9, 10) — que pode ser classificado como uma síndrome melancólica.¹⁴

Outro caso é o do rei Nabucodonozor (Dan. 4:33). É um típico caso psicopatológico de transformação da personalidade (a identificação com animais se observa nas parafrenias e esquizofrenias).

São mencionadas também as consequências da embriaguez (Gên. 19:31-38; Is. 28:7,8; Jer. 25:27): vômito, alucinações, perda de direção, excitação exagerada, etc.

A Bíblia menciona também a influência das emoções sobre o corpo — ou do psíquico sobre o físico (Ez. 7:17; Dan. 5:6; Naum 2:10). Fala dos sonhos que alguns estudiosos têm utilizado para delinear a personalidade dos que sonham, como por exemplo o estudo que Paul Tournier fez da personalidade de José, baseado em seus sonhos.¹⁵ Há menção de interpretação de sonhos, tidos como prenúncios ou avisos de Deus. Isso não dá margem a pensarmos que as adivinhações, as práticas mágicas, os feiticeiros e os astrólogos eram bem-vindos em Israel. Existem inumeráveis proibições a esse respeito (Lev. 19:31, 20:6; Deut. 18:9-12; At. 13:6-12, 16:16-19).

A Bíblia nos apresenta, por outro lado, os casos de cura nos seus mais variados aspectos. Como sabemos, uma das características mais marcantes dos grupos neopentecostais é a cura divina. Acusam eles as igrejas históricas, infundadamente como veremos, de não cumprirem o mandamento divino de curar os enfermos, e dizem serem eles os que pregam o evangelho pleno, acompanhado de cura, exorcismo e glosolalia. Entretanto, não encontramos na Bíblia textos que apóiem os exageros vistos em nossos dias, no Brasil.

No Novo Testamento, principalmente, encontramos os relatos de inúmeras curas realizadas por Jesus e por seus discípulos; entretanto, o objetivo dessas curas não era simplesmente o bem-estar físico ou a promoção de quem curava. As curas “eram sinais para confirmar a fé na doutrina divina, para que os homens cressem ‘por causa das obras’ ”.¹⁶ Jesus mesmo não curou todos os enfermos da Palestina e falou sobre o tratamento médico e sua possibilidade (Mat. 9:12).

O importante no milagre não é o fato em si, mas o significado do mesmo. O milagre, quer seja de cura ou outro, sempre deve ser compreendido em relação à pessoa de Jesus, à sua mensagem e à nova vida que Jesus veio inaugurar. O milagre nos tempos bíblicos nada tem de mágico ou espetacular: é discreto e desinteressado; não é anunciado e propagado. Jesus não fazia milagres para satisfazer a curiosidade dos seguidores; repreendeu a busca do povo pelo pão em vez de procurar o Pão da vida. “Bastará confrontar o comportamento de Jesus com o de muitos ilusionistas curandeiros, pseudocultores de ciências ocultas, e notarmos a sobriedade, a simplicidade, a autoritária dignidade de seu comportamento.”¹⁷ Os milagres que Jesus realizou sempre eram sinais para afirmar e manifestar os seus ensinamentos.

Os feitos extraordinários registrados na Bíblia são obras de Deus, e estas obras são prodigiosas (*térata*), constituem a manifestação concreta de poder (*dýnamis*) e, também, são em si mesmas sinais (*semeîon*) que Deus mostra para credenciar seus servos, enviados em missões especiais. Os milagres são sinais pelos quais Deus nos torna sensíveis à sua mensagem de salvação.

Paulo possuía o dom de curar enfermos (At. 19:11,12, 14:8-11, 20:9,10); ele exerceu esse dom na Ilha de Malta (28:8), suportou, entretanto, a própria enfermidade (I Cor. 12:7; Gál. 4:13-15); não curou Epafrodito (Fil. 2:29), nem Trófimo (II Tim. 5:23).

Um dos textos do Novo Testamento, citado largamente pelos neopentecostais como base para a cura pela oração e aplicação do azeite, é Tiago 5:14, 15. O azeite era freqüentemente utilizado entre os israelitas, para fins religiosos e seculares.¹⁸ O azeite era aplicado na cabeça, no rosto, no local enfermo, em todo o corpo, se necessário (Sal. 23:5; Mat. 6:17; Sal. 104:15; Luc. 10:34; Est. 2:12; Is. 57:9).

No Novo Testamento, contemplamos diversas curas realizadas de diferentes maneiras e não somente com oração e aplicação do óleo. O texto de Tiago “é uma receita para os tempos pós-apostólicos, quando os milagres iriam cessar, e os meios de curas entrariam na fase da normalidade científica da medicina”.¹⁹ Tiago exorta os crentes a não buscarem somente o azeite da medicina, mas também a oração, o auxílio divino.

Vale a observação de Josué A. de Oliveira: se existe azeite com virtude para sarar enfermos, este seria o da viúva de Serepta e o de Sunem, porque surgiram, milagrosamente, pela intervenção de Elias e Eliseu. Jesus, quando mandou seus discípulos pregarem, expulsarem demônios, curarem as enfermidades (Mat. 10:1-8) nada falou sobre a unção com óleo. Por que não imitam a Jesus que, ao curar o cego, ungiu seus olhos com saliva e pó da terra (lodo)? Os grupos neopentecostais dizem que cumprem os ensinamentos de Jesus à risca, por que não em tudo?

O uso do azeite na cura dos enfermos não era regra e sim exceção no ministério dos apóstolos (Mar. 6:13), talvez pelo seu valor terapêutico. Em Atos há muitas curas registradas que, em geral, eram realizadas mediante a palavra de autoridade dos apóstolos (3:1-8, 9:33,34, 5:15,16).

Quando Tiago recomendou o azeite, não lhe atribuiu poder miraculoso, pois, se assim o fizesse, estaria fora dos ensinamentos das Escrituras. Mencionou o azeite simplesmente pelo seu valor terapêutico. Ele é utilizado normalmente para desinflamar tumores, para desintoxicação hepática, para

expelir cálculos renais e biliares. Na Bíblia também encontramos alguns casos em que o azeite é empregado como remédio (Luc. 10:34; Is. 1:6; II Reis 20:1-7; nesta última passagem é mencionada a pasta de figos misturada provavelmente com azeite).

Hoje em dia, a medicina nos apresenta inúmeros recursos curativos, além do azeite, aos quais podemos recorrer, não esquecendo da dependência de Deus através da oração.

Por meio dessa exegese percebemos como erram os carismáticos em abençoar o azeite e utilizá-lo na cura dos enfermos. Além do mais, a oração não deve substituir as providências da medicina. Não basta apenas orar; é preciso ir ao médico (Luc. 5:31).

Josué A. de Oliveira ainda observa que Jesus mandou orar pelo alimento. Por que os grupos carismáticos só oram pelos enfermos e trabalham pelo alimento? Multiplicar os pães é bem mais difícil do que ludibriar o povo com uma provável cura. Nos tempos bíblicos, os milagres de cura e de alimento eram realizados com ou sem oração, com ou sem azeite, com fé e sem fé.²⁰

Precisamos orar em relação ao alimento e trabalhar por ele. Precisamos orar em relação à enfermidade e buscar o médico.

O texto de Tiago não confere dons especiais aos pastores ou missionários, mas toda a comunidade deve orar pelos enfermos (5:16). A oração é feita na casa do doente e não na igreja, para onde acorrem, hoje em dia, verdadeiras romarias.

“A oração não anula a medicina. E a medicina coopera com a oração.”

O dom de curar foi exercido no início do cristianismo para permitir a expansão do evangelho. Gradativamente, sua manifestação foi diminuindo, embora nunca tenha cessado até os nossos dias.

Os fundamentalistas têm considerado os milagres bíblicos como verdadeiros, mas que somente ocorreram naquele tem-

po e não se repetem hoje, quando, dizem eles, temos a Bíblia em lugar dos milagres.

Outros estudiosos já não crêem nos milagres bíblicos, considerando-os simples lendas. Para esses basta compreender o conteúdo teológico dos relatos. Não é o nosso caso.

Ainda há aqueles que consideram os milagres bíblicos reais e possíveis em nossos dias. Esse modo de interpretar os milagres bíblicos, segundo Hollenweger,²¹ apresenta consideráveis dificuldades. Os milagres têm ocorrido em meios não-cristãos — com faquires, espíritas ou pessoas alheias à religião — então não podemos atribuí-los ao Espírito Santo, como se faz com relação aos milagres no meio evangélico. Podemos então recorrer ao Diabo e seus cúmplices.

Com certeza os milagres estão além das ciências exatas. Hollenweger propõe uma série de teses para explicar os milagres de hoje:

- 1) Os milagres possuem duplo sentido e não têm caráter especificamente cristão. Do ponto de vista fenomenológico são aceitáveis, mas não explicáveis.
- 2) Isso não significa que milagres e sinais não sejam formas de testemunho cristão.
- 3) A peculiaridade desses sinais não os qualifica, tampouco sua inexplicabilidade os desqualifica.
- 4) Paulo não faz diferença entre os dons naturais e os sobrenaturais: o dom deve ser para o bem de todos (I Cor. 12:7); põe em evidência que Jesus é o Senhor (I Cor. 12:1,2); não está em contradição com o que Jesus viveu, Verbo encarnado de Deus (I Cor. 12:3).
- 5) Não é o tipo ou a forma de dom que tem um sentido decisivo, e sim o fato de que cumpra os critérios do ponto 4.
- 6) Isso não quer dizer que certos fenômenos, como a glossolalia, a cura pela oração, as visões, pouco presente nas igrejas históricas, não tenham importância.

7) Os sinais do Novo Testamento devem ser qualificados por suas implicações de ordem querigmática.

8) Os testemunhos — extraordinários ou cotidianos — requerem palavras que os acompanhem.

9) É inadmissível, teologicamente e científicamente, definir os milagres como algo que infringe as leis naturais, pois estão acima delas, no âmbito sobrenatural. Para completar os dons espirituais que vivificam o movimento pentecostal, devemos descobrir novos dons espirituais, como: dons sociais e científicos de colaboração, que nos ajudam a entender e a sanear nosso mundo político, econômico e social, alterado em todos esses aspectos.

MEDICINA POPULAR E CURA ENTRE OS NEOPENTECOSTAIS

Nos tempos bíblicos, quando a medicina não estava tão avançada como hoje, era muito comum o uso da medicina popular, dos remédios caseiros, dos remédios à base de ervas etc. Hoje em dia, a medicina conquistou inúmeras descobertas e diante dos remédios caseiros alguns médicos fazem suas restrições e não aceitam as receitas populares. Há mesmo quem não considera medicina aquela que é efetuada pelo povo. Outros, como Delma P. Neves,²² consideram a medicina científica e a medicina popular como equivalentes e como alternativas para o povo.

A dificuldade em adquirir remédios e ir ao médico, por causa das filas, o alto custo das consultas e dos medicamentos, e ainda a suspeita de que sejam falsificados, levam o povo a buscar e praticar uma medicina popular. Foster assim a definiu: “é o complexo total de crenças, atitudes e práticas associadas com a saúde, a preservação e a cura de enfermidades que atua dentro das sociedades não-tecnificadas, geralmente agrárias, e com freqüência também dentro das camadas baixas da população urbana”²³.

Outro fator que contribui para a medicina popular e a busca dos curandeiros é a concepção mágico-religiosa do povo

acerca do corpo; devido a essa concepção, os curandeiros e líderes carismáticos muitas vezes são solicitados a realizar curas além de sua competência puramente religiosa. O pensamento mágico do povo oferece princípios de explicação para coisas que aparecem, inicialmente, como desordenadas. As vicissitudes da vida cotidiana levam o povo à desordem, à não compreensão dos problemas. Então buscam essa explicação na religião. Quando uma pessoa recorre à religião, por causa de seus problemas de saúde, muitas vezes é para encontrar uma explicação para os mesmos: por que o mal está afetando sua vida e a de sua família?

A medicina popular também é bastante procurada porque oferece a facilidade do relacionamento entre o enfermo e o curandeiro: são todos do povo e todos os enfermos são ajudados igualmente. Quanto mais pobre e ignorante for o enfermo, maior será a distância entre ele e o médico, que aparece como aquele que sabe tudo sobre as doenças e os remédios, embora nem sempre seja assim. Na prática da medicina popular, o enfermo é tratado como pessoa total e é ouvido sobre o seu problema de saúde, o que não acontece na medicina científica, onde a pessoa é reduzida aos seus órgãos e sintomas.

Quanto às doenças, para as quais o povo procura remédio, alguns autores as classificam em: doenças materiais (tratadas pelos médicos, erveiros e farmacêuticos) e doenças espirituais (tratadas pelos pais-de-santo, missionários e líderes carismáticos). Os neopentecostais também admitem que existem as doenças que precisam ser tratadas pelos médicos e aquelas que são espirituais, dependendo sua cura da intervenção divina, através de seus intermediários. "A fé e o dom se opõem ao conhecimento médico, mas, de certa maneira, se superpõem a ele, constituindo um complemento da prática médica."²⁴

O povo, por sua vez, pensa que a doença, a vida e a morte fogem ao controle do homem e são produto de forças sobrena-

turais, isto é, são causadas pela divindade. Para nós, Deus não é o causador da doença, mas a permite, como castigo ou provação e como consequência dos pecados e falta de sabedoria do povo que está longe de Deus. A doença espiritual pode ser vista sob diversos ângulos, segundo o entendimento de vários estudiosos. Ela "pode ser definida como aquela que provoca um desvio no comportamento normal, como foi mencionado no início do capítulo. A doença espiritual também pode referir-se à doença psicológica ou nervosa. A doença que demorar a sarar é tida muitas vezes como uma doença espiritual. "A população classifica, em geral, como doenças espirituais aquelas cuja origem foge à verificação prática e que, através de exclusões sucessivas, são percebidas e explicadas, *a posteriori*, como sendo doenças não materiais."²⁵ Tecnicamente, a doença espiritual é definida como aquela que o médico comum não comprehende, desconhece e não consegue curar; o paciente será encaminhado ao médico psicanalista ou psiquiatra.

Quanto às doenças materiais, elas são classificadas em: hereditárias ou do sangue e contagiosas ou de fora. Para o povo existem também as doencinhas e as doenças graves, geralmente definidas pela febre. Os chás, garrafadas, ungüentos, óleos utilizados e recomendados pelos rezadores, missionários neopentecostais, erveiros, pais ou mães-de-santo, padres, na realidade, não servem para as doenças consideradas graves, que só a medicina científica pode tratar, mas para as doencinhas ou doenças comuns: dores de cabeça, diarréia, gripe, anemia, sarampo, catapora, verminoses etc.

Aliás, segundo a pesquisa realizada em Nova Iguaçu, já mencionada, algumas doenças são tratadas exclusivamente por especialistas religiosos, como: cobreiro, dor de barriga, mau-olhado, perturbação mental, ventre virado, bronquite, sapinho, nó nas tripas, diarréia, fraqueza, hemorróida, indivíduo endemoninhado etc. Outras doenças são tratadas somente pelos médicos: apendicite, cardiopatias (dor, infarto e angina), câncer, eclampsia, hepatite, hemofilia, caxumba,

pneumonia recolhida, sarampo recolhido, fraturas, reumatismo agudo, verminoses, hérnia no umbigo etc. Um outro grupo de doenças são as tratadas por ambos (médicos e especialistas religiosos): anemia, aborto, problemas gerais no coração, dor de dente aguda, abscessos dentários, doenças do fígado, menopausa, pressão alta, cólica menstrual, inflamação na garganta e nos ovários, úlcera no estômago etc.

A medicina popular em si não é somente aquela relacionada a rituais religiosos e crenças, que procura obter a cura pela intervenção divina. Refere-se também àquela que é praticada em função dos medicamentos caseiros apenas, recomendados por comadres, vizinhas, avós, tias etc.

Em geral, os próprios médicos e diretores de hospitais relacionam a cura de doenças muito graves à intervenção divina, porque reconhecem que a medicina não pode tudo, é limitada em seus recursos. Revelam também sua religiosidade quando colocam nome de santos em seus hospitais e casas de saúde. A associação entre cura e religiosidade não aparece apenas entre a medicina popular, mas também faz parte da própria noção das pessoas sobre saúde e doença. A religiosidade e a fé estão presentes na vida de quase todos os brasileiros, quer médicos, quer especialistas religiosos, quer enfermos. É o misticismo presente também em questão de saúde e doença. A própria cura milagrosa é uma evidência da construção das noções de saúde e doença a partir de visões religiosas do mundo e sua influência sobre os enfermos.

Dado este enfoque geral sobre a medicina popular, determinemos nas curas realizadas no seio dos grupos neopentecostais. Para começar, também ali existe uma certa hierarquização: o dom de cura ou simplesmente a capacidade de ministrar remédios caseiros e à base de ervas é concedida a certos eleitos que possuem um poder que os diferencia dos demais. Na medicina científica, os pacientes estão subordinados e são dependentes do médico. Na medicina popular-religiosa, os devotos estão subordinados e são dependentes do agente curador ou dos seres sobrenaturalizados.²⁶

Como vimos acima, segundo a pesquisa realizada em Nova Iguaçu, algumas doenças são tratadas pelos especialistas religiosos e pelos médicos ao mesmo tempo. Os curandeiros, bem como os líderes neopentecostais, aceitam as curas milagrosas tanto de doenças físicas como psicossomáticas e psiquiátricas — quando as curas não foram efetuadas pelo processo normal da medicina científica; apelam então para a intervenção de forças misteriosas ou sobrenaturais, ou ainda divinas. Se aceitarmos a estatística de que 80% das doenças são de ordem psicossomática, fica mais fácil compreendermos o efeito das curas milagrosas hoje.

Na teologia de hoje, os milagres não são mais considerados como aquilo que provoca admiração (Santo Agostinho) ou como a atividade de Deus fora ou ao lado das forças e leis da natureza (Tomás de Aquino), mas são vistos como acontecimentos na vida de uma pessoa ou de um povo que apresentam sinais da presença constante de Deus na vida.²⁷

Embora certos grupos religiosos tenham enfrentado problemas causados pela doença com o objetivo de expandir sua igreja, recrutar fiéis e concorrer com outros grupos, o milagre apenas reforça a fé; não produz a fé, porque um cético não se convence nem pelas curas milagrosas.

A maioria dos grupos pentecostais crê na cura divina pela oração, mas não despreza a ajuda médica. Já os grupos neopentecostais enfatizam sobremaneira a cura divina. As Assembléias de Deus do Brasil assim afirmam em seus artigos de fé: "A cura divina, um privilégio dos que crêem, não pode ser uma lei, nem um motivo para combater ou desprezar a ciência ou a medicina.",²⁸

O movimento de cura divina, porém, não está restrito ao Brasil. No mundo todo existem os evangelistas da cura divina, que afirmam ser a vontade de Deus sarar todos os enfermos, com ou sem ajuda médica. É justamente essa atitude que Leonhard Steiner criticou, em 1958, na Conferência Mundial Pentecostal, em Toronto. Disse ele que tais evangelistas

diminuem a Deus e não estão dispostos a dizer: Faça-se a vontade de Deus. Ainda lembrou que, depois de muito entusiasmo, somente poucas pessoas conseguiram recuperar sua saúde, realmente. "Os apóstolos praticaram a cura divina sem muita propaganda e pregação. Nós, ao contrário, pregamos a cura divina muito bem, mas deixamos de praticá-la."²⁹ O comentário foi feito em 1958. Hoje, após 30 anos, cresceram sobremaneira os movimentos de cura divina e cada vez mais estão escandalizando o evangelho com suas curas, que só acontecem através do *marketing*.

Os evangelistas da cura divina, ou os missionários neopentecostais, crêem viver em contato permanente com anjos e demônios, com o Espírito Santo e os espíritos das enfermidades. Dizem alguns que experimentam choques elétricos nas mãos quando estão orando pelos enfermos. Outros dizem que têm auréolas em torno da cabeça quando se lhes tiram fotos. Em outros ainda, aparecem sinais nas mãos quando estão orando. Quando não acontece a cura, eles apresentam pelo menos dez causas, dentre elas a falta de fé do enfermo.

Líderes evangélicos, das igrejas históricas e de algumas Assembléias de Deus, têm criticado a atitude dos evangelistas da cura divina.

Quanto à distribuição de dons entre os neopentecostais, enquanto outros são mais freqüentemente distribuídos (o dom da palavra, dom de ouvir, das visões, da operação de maravilhas), o dom da cura é mais raro e mais escasso entre os fiéis. É permitido aos crentes orarem pelos enfermos, embora não possuam o dom de curar. Os detentores do dom de curar são os líderes, membros do ministério e outros membros, geralmente mulheres que têm mais poder na oração e demonstram maior solicitude para com os enfermos.

A doença é considerada "um estado virtual de expulsão do grupo, e a cura a recuperação para dentro do grupo"³⁰. A doença ainda hoje, entre os grupos neopentecostais, é vista como castigo e provação. A cura por sua vez reafirma e

vivifica a fé em Deus e no grupo ou na pessoa que a opera. A doença, para os neopentecostais, é considerada um castigo para aqueles que ainda não fazem parte do mundo sacralizado e é também um instrumento de provação e ampliação da fé, de reafirmação da dedicação do fiel aos preceitos divinos. Por isso, obreiros que possuem algumas funções dentro do grupo são acometidos de doenças para que cresçam em sua fé, aprendam a se resignar, pois a resignação é uma virtude própria do crente.

A causa das crenças é atribuída à submissão aos prazeres carnais, que diminuem a resistência do organismo ao enfrentamento das vicissitudes próprias do mundo de provação, de expiação e de redimensão. A vida na Terra supõe o confronto com micróbios, vírus, disfunção do organismo, acidentes, causas geradoras de doenças que, todavia, devem ser eliminadas ou afastadas pela sacralização do corpo”³¹. As doenças também podem ser atribuídas à ação dos demônios. Decorrem da perda da graça de Deus e da harmonia com Deus ou do poder dos maus espíritos — quando o homem fica longe do poder divino. Entre as doenças espirituais, podemos distinguir aquelas em que os doentes não estão em bom relacionamento com Deus daquelas em que o doente não está em bom relacionamento com a sociedade. A cura, por conseguinte, tem a ver com o relacionamento espiritual do doente com Deus e sua dependência dele, quer o doente vá ao médico, quer ele participe de rituais de cura, quer ele obedeça aos preceitos divinos!

A oração de cura depende da fé daquele que ora, mas, segundo os neopentecostais, depende muito mais do merecimento do enfermo! Se a cura não for efetuada, o doente é responsabilizado: ou não teve fé suficiente ou não foi merecedor da cura!

O dom de curar somente poderá ser recebido, assim como qualquer outro dom, depois que o fiel foi batizado nas águas e com o Espírito Santo. O caminho para a busca de seu dom é o caminho do serviço: dirigindo cultos nas casas, ganhando

novas pessoas para o grupo. Uma vez o grupo local reconhecendo a posse do dom, o crente poderá crescer socialmente dentro da comunidade, ocupando cargos e fazendo parte do ministério, embora o dom de curar, por si só, não permita o acesso aos cargos mais valorizados na igreja. Geralmente, aqueles que já possuem suas funções na igreja é que exercem também o dom de curar.

A cura é efetuada mediante a oração e a unção dos santos óleos. A obtenção dessa graça está diretamente ligada à obediência aos ensinamentos e preceitos da igreja e à participação.

A função do intermediário entre o doente e Deus, ou seja, a função do missionário, capacitado por Deus para tanto, “é a de deslocar impurezas, ambigüidades, reordenar as relações sociais e reafirmar a divisão do mundo social entre os eleitos e os pecadores”³². Ele deve orar para Deus perdoar o enfermo e lhe conceder a graça da cura. Quem geralmente realiza as curas são os agentes eclesiásticos. Outros membros também podem realizá-las, se possuírem o dom de curar. As pessoas que antes de se converterem participavam de rituais de cura (na umbanda ou no espiritismo principalmente) podem mais facilmente exercer o dom de curar nos grupos carismáticos.

As doenças consideradas espirituais ou que apresentam desvios no comportamento são mais facilmente curadas porque têm a ver com a insatisfação íntima e a busca espiritual do enfermo. Uma vez integrado na comunidade religiosa, cessam seus problemas de saúde. A pessoa é considerada curada quando cessam os sintomas da doença. Assim, quando a pessoa é reintegrada a um grupo social (comunidade religiosa) e se encontra com Deus, cessam os sintomas de sua doença. Embora digam que foi curada, o que aconteceu não foi propriamente a cura, mas o ajustamento.

Em outros casos, o agente intermediário se impõe ao paciente e aos familiares, orienta-os quanto à administração ou não de remédios e o ambiente familiar volta à calma. Esse

fato também é considerado cura, embora não tenha a ver diretamente com cura.

Existem assim casos de doenças curadas no seio dos grupos neopentecostais que na realidade têm a ver com a desordem social e emocional em que o doente se encontra. Quando é conduzido para o evangelho ou quando há a intervenção de um crente, e cessam os sintomas do paciente, diz-se que houve cura.

Existem ainda os casos de doenças consideradas irreversíveis, como as deficiências físicas e as seqüelas deixadas por doenças graves, que não têm cura nem pela medicina nem pela oração. Neste caso deve haver resignação, que a religião concede. Há o desengano também quando o doente não comprehende as explicações do médico e acha que sua doença é incurável; apela então para a religião. Outro caso é quando o paciente cesta a reagir aos medicamentos; muda de médico e participa dos rituais de cura; assim diz-se que obteve cura.

É justamente a suposição de que o doente está desenganado que o leva a buscar a cura milagrosa. Muitas vezes o doente não está desenganado e obtém a cura mudando de médico e orando.

Os que realizam curas milagrosas estão mais preocupados com a conduta ideal dos doentes do que com a doença e a saúde propriamente, uma vez que a doença é vista como consequência dos erros das pessoas e de seu afastamento de Deus. Estão preocupados também em ganhar novos adeptos para seu grupo através do sensacionalismo de curas.

EXORCISMO

Daimónion em grego significa demônio. Tanto *daimónion* como *daímon* eram palavras muito usadas no folclore e mitologia gregos. A palavra *daímon* também é traduzida por Diabo, embora não seja o termo correto. Na Bíblia ainda aparece a palavra Satanás.

Daimonízomai significa estar endemoninhado, estar possesso ou ser vexado por demônios ou espíritos malignos. Demônios ou espíritos imundos são utilizados como sinônimos. O termo possessão foi criado e passado para a linguagem eclesiástica pelo historiador Josefo. O Novo Testamento menciona os que tinham um espírito ou o demônio, um espírito imundo ou o termo endemoninhado. O Evangelho de João, por exemplo, não fala de pessoas dominadas pelo demônio, mas refere-se à sua possibilidade.

Segundo o Novo Testamento nos apresenta, os demônios possuem conhecimento (Mar. 1:24; At. 19:15), possuem vontade própria (Mat. 12:44; Luc. 8:31-33), possuem emoções (Tiago 2:19).

Enquanto alguns vêem a atividade demoníaca manifestando-se nas pessoas através de emoções persistentes e repetidamente malignas, temperamentos agressivos, erros de doutrinas, astrologia, mediunidade, hábitos escravizantes (vícios), linguagem suja, oposição persistente à verdade ou ao Espírito Santo, ou ainda através de nervosismo exagerado, olhos incapazes de focar, respiração fétida, palpitação, resistência física ao Espírito Santo, vozes roucas etc..., estudiosos sérios, como Louis Monden, afirmam que a ação do demônio sobre o mundo sensível e a alma humana “é exclusivamente pela sugestão e pela tentação, ou também pela livre participação da vontade humana em sua rebeldia, isto é, pelo pecado e suas marcas no psiquismo humano e no mundo material”³³.

Quando nos deparamos com fenômenos denominados de possessão e exorcismo, chegamos a aceitar que Satanás se manifesta de forma clara e evidente. Entretanto, a psicopatologia tem descoberto uma série de crises ligadas a perturbações psíquicas e somáticas cujos sintomas são parecidos com os da possessão demoníaca. Durante os últimos anos, a parapsicologia tem realizado progressos decisivos e tende a atribuir causas naturais a quase todos os casos de possessão. Os ditos endemoninhados sofrem, na realidade, de enfermidades conhecidas e catalogadas pela medicina científica.

Essas observações criam um impasse frente aos exorcismos realizados por Jesus. Diante dos endemoninhados Jesus agia de modo diferente da forma como atendia os demais enfermos: não tocava a pessoa, o demônio falava com ele e Jesus expulsava com autoridade.

Para compreender a questão, precisamos recorrer à teologia, sob cujo ponto de vista Satanás manifesta sua presença na alma humana de três maneiras:³⁴ a vontade humana pode entregar-se a Satanás — isto não significa fazer um pacto com o Diabo ou vender a alma a ele — significa uma opção de viver alheio a Deus.

Ao invés de dirigir-se ao livre-arbítrio do homem, Satanás também pode apoderar-se da zona que chamamos de psiquismo, de onde ele ameaça a personalidade da pessoa, contraria seu livre desenvolvimento e substitui a personalidade por uma falsa. Esse é o caso dos possessos relatados nos Evangelhos. Jesus falava às pessoas como se não fossem elas próprias que ali estivessem. Mesmo assim, parece existir certa relação entre possessão demoníaca e desequilíbrio moral: Satanás utiliza-se das perturbações psíquicas para dominar o homem. Um diagnóstico puramente clínico não permite discernir a verdadeira possessão da falsa. "Para distinguir as demonopatias psicopatológicas da possessão demoníaca caracterizada, convém recorrer ao discernimento dos espíritos que a Igreja tem colocado em prática ao longo dos séculos com incomparável destreza espiritual e serena discrição.",³⁵

Finalmente, é possível Satanás possuir pessoas bem-ajustadas, mas ele não tem poder para produzir diretamente um impedimento psíquico ou uma enfermidade física. Utiliza-se, entretanto, de homens submissos a ele para perseguir e perturbar outros.

Um ponto muito importante a ressaltar é que um cristão não pode ser possesso pelo demônio, de maneira alguma. Concordam com essa afirmativa todos os estudiosos sérios da Palavra de Deus. Um crente é tentado, mas não possuído;

peca se não resistir ao Diabo (I Ped. 5:8,9; Tiago 4:7; I João 5:18). Por outro lado, não se pode jogar a culpa de todo o pecado e concupiscência sobre Satanás, pois isso tiraria a responsabilidade individual diante de Deus e anularia o livre-arbítrio do homem (Prov. 28:13).

Em nossos dias tem ocorrido muita fraude em relação à possessão demoníaca. Um cristão pode estar tão preocupado com os demônios que se convence a si e aos demais que há um demônio presente. Pela sugestão, alguém pode manifestar sintomas de possessão demoníaca. Os grupos neopentecostais têm colocado maior ênfase no exorcismo do que na compreensão e expansão do evangelho e na glorificação de Deus. Em vez de perder tempo buscando demônios interiores, deveriam os cristãos preocupar-se em cultivar o fruto do Espírito Santo (Gál. 5:22,23).

Vale a observação também que o Diabo age em nossos dias de maneira um pouco diferente da como agia nos tempos de Jesus. Hoje ele se utiliza do materialismo, dos vícios e das drogas para afastar as pessoas de Deus. Entretanto, não podemos identificar as causas da possessão. Os pecados pessoais e a maldição de terceiros nada têm a ver com a possessão.

Para que haja exorcismo é preciso constatar a possessão demoníaca, após diversos exames. Cremos na existência dos demônios e concordamos que Satanás se manifesta na alma humana, nas maneiras expostas por Monden. Temos reservas quanto aos critérios utilizados para denunciá-lo e diagnosticá-lo, muitas vezes utilizados em nossos dias. O pastor e o cristão precisam de discernimento espiritual para identificar a verdadeira possessão de algum distúrbio psíquico. O dom do discernimento dos espíritos (I Cor. 12:10) é concedido no momento quando for proveitoso para identificar o demônio. Até na Bíblia alguns diagnósticos foram errados, como no caso de Jesus e de João Batista, quando os líderes judeus disseram que tinham demônio (Luc. 7:33; João 10:20).

Outrossim, os demônios buscam iludir, enganar até mesmo os cristãos, e isso pode ocorrer através dos falsos milagres. “As possibilidades de duplicitade e de erro abundam, graças ao argumento que oferecem os falsos milagres: ‘a Igreja nos condena, mas o milagre prova que Deus está conosco’ (...). Surgem prodígios em qualquer contexto religioso, mesmo os mais ridículos e inautênticos, e assim perdem também todo valor de indício que permita autenticar o conteúdo da revelação.”³⁶

O milagre verdadeiro está intimamente ligado à oração. Entretanto, o milagre satânico sempre está ligado a um contexto cristão: sempre quando a piedade vem acompanhada de práticas supersticiosas, ritos mágicos, obsessão pelo espetacular. O milagre satânico sempre está mesclado com o autêntico; o joio está semeado junto com o trigo.

Uma das características do prodígio satânico é sua indiscrição em contraste com a descrição do verdadeiro milagre. Uma outra característica é sua inconveniência: em vez de nos ajudar a melhor levarmos a cruz, dá esperança de um paraíso sem cruz. A última característica é o seu clima perturbador, sensual e perverso.³⁷

Enfim, a grande diferença entre o milagre satânico e o verdadeiro milagre cristão está na resposta de Jesus ao demônio, repetindo um texto de Deuteronômio: “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.” O milagre verdadeiro visa aproximar o homem de Deus, visa saciar sua fome espiritual em Jesus Cristo. Jesus triunfou sobre o demônio usando a Palavra de Deus: “Está escrito (...).” (Mat. 4:4,7,10). “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8:32).

Quando uma pessoa tem confiança em Deus e em si mesma, sabe que não é gritando ou usando de violência que se expulsa um demônio, que obedece à nossa fé em Cristo e não aos gritos. “Porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo” (I João 4:4). Para expulsar é preciso autoridade e segurança.

Diante de um exorcismo, um cristão precisa estar seguro da autoridade que Cristo lhe dá (Luc. 10:17; At. 16:18). Ele precisa do poder do Espírito Santo (Mat. 12:28). A cada caso devem ser aplicados os princípios de perdão dos pecados e redenção pelo sangue de Jesus Cristo. O cristão deve dar tempo ao aconselhamento de pessoas perturbadas, antes de pensar em exorcismo. O cristão não deve praticar o exorcismo para demonstrar sensacionalismo, pois o verdadeiro milagre é discreto. A compaixão sincera deve motivar o cristão. “É a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (I João 5:4). Às vezes, o cristão deve praticar o jejum e a oração para estar preparado.

Por outro lado, as pessoas que desejam a libertação precisam humilhar-se diante de Deus (Tiago 4:6,7); precisam confessar seus pecados (I João 1:19) e precisam desejar mudar seu caminho; precisam perdoar os seus ofensores, porque o ressentimento e o rancor abatem o espírito da pessoa. Na oração do Pai Nosso, Jesus ensinou que precisamos perdoar para sermos perdoados e depois pedir: “Livre-nos do mal”; o perdão precede a libertação. Então, o paciente deve invocar o nome do Senhor e será salvo (Rom. 10:13).

Quanto aos cristãos, cada um deve revestir-se da armadura de Deus para permanecer firme e resistir contra as astutas ciladas do Diabo (Ef. 6:11). A libertação da pessoa do domínio de Satanás depende, antes de mais nada, de sua entrega a Jesus Cristo, pois a verdade liberta.

CHARLATANISMO

Na Bíblia e na história, encontramos muitas pessoas querendo imitar os milagres divinos. Até hoje existem os falsos profetas, os charlatães iludindo até mesmo os cristãos.

Logo no início da narrativa bíblica, os magos do Egito conseguiram imitar os primeiros sinais de Moisés e Arão: a água em sangue e as rãs (Ex. 7:20-22, 8:5-7). O poder das trevas quer imitar os legítimos profetas de Deus, na prática de milagres. No tempo de Jesus também houve um que imitava

os discípulos, embora não seguisse a Jesus, e foi repreendido pelo apóstolo João (Luc. 9:49, 50). Os inimigos de Jesus duvidaram de seu poder e atribuíram a cura de um endemoninhado a Belzebu, maioral dos demônios, pois sabiam que o Diabo possui poder (Mat. 12:26, 27). O mesmo aconteceu com Simão, o mágico, e Pedro (At. 8:18-23). Sempre houve aqueles que competiram com os servos de Deus, na execução de milagres.

Observamos, no entanto, que o poder das trevas é limitado. Os magos do Egito não puderam imitar todos os milagres e admitiram que o dedo de Deus operara aqueles sinais (Ex. 8:19). "A operação das trevas tem suas limitações. O poder de Satanás tem fronteiras intransponíveis. Os falsos profetas não podem ultrapassar os limites traçados por Deus. Os seus poderes carismáticos não passam de uma farsa, e estão muito aquém de suas vaidosas pretensões!"³⁸

Os curandeiros charlatães, vez ou outra, são envergonhados quando seus planos não dão certo, como no caso dos exorcistas, filhos de Ceva (At. 19:13-16). Hoje em dia, quando um milagre não é consumado, os missionários neopentecostais afirmam que foi falta de fé do doente, simplesmente! Não podemos aceitar tal desculpa, pois os desenganados e desiludidos pela Ciência depositam sua última esperança na religião, ou então colocam sua única esperança na religião, pois nem os médicos eles buscam. Vão às reuniões, colocam objetos sobre o rádio e a TV, levam roupas e outros objetos para os missionários abençoarem; isto demonstra fé.

Os que iam a Jesus, em busca de milagres, revelavam uma grande fé (Mat. 8:10, 9:29). Mas também há o registro de curas realizadas sem a menção de que houve fé, como no caso dos dez leprosos, do cego de nascença, do coxo no templo (Luc. 17:11-19; João 9:35-38; At. 3:1-10).

Um outro caso elucida a causa da não realização de um milagre: pequena fé dos discípulos (Mat. 17:20). Podemos compreender o fracasso dos curandeiros de hoje justamente

como falta de fé dos mesmos, pois a empresa da fé nada tem a ver com fé e sim com empresa e com charlatanismo.

Os verdadeiros milagres são realizados sem restrições. Hoje em dia, no meio dos grupos neopentecostais, não contemplamos milagres mas fingimentos, ilusões. Até que os charlatães de hoje realizam alguns prodígios: curam dores de cabeça, cólicas hepáticas, coisas internas que não podem ser comprovadas. Muitas curas são realizadas por auto-sugestão dos doentes ou por estarem dominados pela emoção. Os curandeiros oram, ungem com azeite, clamam em voz alta para o demônio deixar o corpo do doente (pois caem no exagero de dizer que toda doença é possessão maligna). Muitas vezes, os doentes voltam para casa mais deprimidos e angustiados do que antes. Há o fato, que já observamos no tópico anterior, dos milagres realizados pelo próprio demônio que vêm misturados aos milagres verdadeiros e no meio da devoção, para enganar até mesmo os crentes e desviá-los de sua igreja anterior.

Os “profetas” de hoje não querem multiplicar os pães, não querem fazer jorrar o azeite ou multiplicar o trigo, não oram por seca ou chuva, não param o sol, não ressuscitam os mortos, como faziam os verdadeiros profetas dos tempos bíblicos.

Dizem eles que Jesus é o mesmo ontem, hoje e eternamente — mas somente para operar curas de doenças internas, que não podem ser comprovadas. Enquanto os apóstolos não queriam que as pessoas curadas os enaltecessem, os “profetas” de hoje apelam: “quem dá mais?” Para esses, Jesus tem a repreensão: “Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniqüidade” (Mat. 7:23).

Infelizmente a cura divina tem se transformado no ministério mais importante dos neopentecostais. Fatores naturais, como os efeitos da sugestão direta ou indireta, têm sido vistos como milagres. As curas realizadas têm sido vistas por nós como anticristãs e irracionais e como prática de charlatães. As

curas do Novo Testamento nada tinham de semelhante com os movimentos sensacionalistas de hoje. A ênfase deles está nos benefícios temporais e físicos conseguidos através da religião e não nos ensinamentos bíblicos sobre o amor e o serviço de Deus.

Podemos até mesmo afirmar que todo neopentecostalismo está envolvido na cura divina, fazendo parte de suas doutrinas e práticas. Nas grandes concentrações, nos programas de rádio e de TV, a mensagem está relacionada à cura divina. "A crença na eficácia das orações e bênçãos emitidas pelo rádio é difundida pelos próprios missionários que, inclusive, reconhecem os efeitos de uma vida curativa transmitida a pessoas e objetos através de suas ondas."³⁹

Douglas Teixeira Monteiro realizou uma pesquisa entre os neopentecostais, observando duas grandes concentrações realizadas, uma em Curitiba e outra em Osasco. Dessa observação tirou suas conclusões.

A primeira concentração de cura divina, realizada em Curitiba em outubro de 1967, transcorreu da seguinte forma: cânticos, orações e pequenas mensagens, até a chegada do missionário anunciada há muitos dias na cidade. Quando este chega faz a oração poderosa; realiza-se a coleta entre os presentes. Entremes, crises de possessão ocorrem no meio do povo. São conduzidos para o centro da quadra do estádio os possessos; ali são dominados pelos diáconos e diaconisas, que usam de autoridade e força, com repreensões enérgicas contra os maus espíritos. Material adequado, como, por exemplo, aventureiros tipo camisa-de-força de brim, para as mulheres tidas como endemoninhadas, já estava previamente empilhado. No meio da reunião são feitas três orações longas pelos dirigentes: em favor dos possessos, em favor dos portadores de doenças físicas e em favor daqueles que erguem seus objetos, fotos, roupas de uso próprio ou de pessoas ausentes. Antes mesmo da oração pelos possessos, alguns já se sentem melhor e voltam aos seus lugares. Outros vão se manifestando.

Ocorre também a presença de um candidato a vereador, cujos cabos eleitorais distribuem propaganda política às portas; o mesmo é apresentado pelo missionário.

A mensagem da concentração é breve e saliente a cura realizada por Jesus. No final há o apelo tradicional para que os presentes deixem seus vícios e escolham a Jesus.

A segunda concentração observada ocorreu em Osasco, em agosto de 1976. O início foi um pequeno *show* com cantores evangélicos e guitarras. Quando chega, o missionário fala um pouco, lê alguns versículos, elogia a massa ali reunida. É feita a coleta. Cantam-se corinhos. Com uma palavra do missionário, desencadeia-se uma sucessão de transes. Ouvem-se os gritos dos possessos, misturados aos de aleluia, à glossolalia do auditório e à oração do missionário. Diríamos nós: uma verdadeira balbúrdia!

O missionário então anuncia que está tendo visões acerca dos problemas de saúde ali presentes. "A partir disto, os apontados e mais todos os 'aleijados, paralíticos, surdos, enfeitiçados, problemáticos, viciados em drogas, cancerosos, tuberculosos, os que sofrem dos nervos, os que têm problemas do coração' que se dispuserem a fazê-lo, descem até a quadra."⁴⁰

O missionário ora e, se alguém permanece rebelde, ele desce e lhe impõe as mãos.

A última parte da concentração são novamente os cânticos e os cantores, além da apresentação final de um certo profeta, com a manifestação da glossolalia.

Concentrações desse tipo se repetem indefinidamente até hoje, iludindo o povo com curas que dificilmente acontecem, muitas das quais são até mesmo combinadas com antecedência. Visam enaltecer a figura do missionário, explorar a fé e arrancar dinheiro do coitado do povo!

Além dessas grandes concentrações em estádios e aquelas realizadas nas praias, já mencionadas neste livro, há reuniões

pequenas, no meio da semana, visando a cura divina. São reuniões barulhentas, que perturbam a vizinhança, que nada têm a ver com o fruto do Espírito Santo, quanto mais com o poder e o batismo do Espírito Santo!

E o que diríamos de tantas outras reuniões, matutinas, realizadas à tarde, noturnas, todos os dias da semana. Não trabalham os que as freqüentam? Não saem para praticar o que ali aprendem? O que acontece nas reuniões íntimas para unção com óleo principalmente com mulheres, realizadas pelos "missionários"? São longas e muito sérias as denúncias que têm chegado ao nosso conhecimento, feitas por pessoas que já freqüentaram tais reuniões de cura divina.

Outrossim, as pessoas atingidas por esses movimentos apresentam sérios distúrbios e interessam-lhes a cura pela religião; esse evangelho não é pleno mas barato: compra-se por alguns cruzados; é o comércio da fé, em que a cura é vendida como um produto, e aquele que cura busca seus próprios benefícios, sua honra e sua glória, e não a de Deus.

A empresa da fé ou indústria da fé não está limitada aos grupos neopentecostais. Há um sincretismo de crenças e costumes em nosso país, onde um grupo imita o outro. Vários tipos de pessoas se dizem dotadas de dons miraculosos. "Marcam o preço das consultas e estabelecem filas especiais para os que mais contribuem e em decréscimo até os que nada podem dar e que esperam, na maior parte das vezes, sem ser atendidos."⁴¹

Muitas pessoas que não conseguem obter a cura ou não vêm resultado na aplicação de óleos e objetos santos ficam em estado pior do que antes: com medo, insegurança, descrédito na religião.

Enquanto isso acontece, os missionários vão enriquecendo e envergonhando o evangelho. Tem-se notícia de casos em que as pessoas ignorantes buscam esses curandeiros, em vez de procurarem os médicos, e acabam encontrando até mesmo a morte.

O *Diário de Notícias*, Rio, de 14/04/1976, publicou um editorial intitulado “Os Ladrões da Fé”, onde o jornalista escreve: “No Brasil, porém, em nome dessa mesma liberdade de culto, abrigaram-se grupos de mistificadores inventores de crenças e os costumeiros propagandistas de verdades eternas de que são autores, atores e tesoureiros (...). Basta um cartaz, um letreiro, uma promessa de milagre, um alto-falante anunciando que Jesus está pelas vizinhanças para que, semanalmente, milhares de vítimas desse terrorismo religioso aceitem diagnósticos e receitas para suas enfermidades.” Naquela ocasião morreram 20 pessoas vítimas de alguma reunião daquele tipo. Só então as autoridades prenderam os responsáveis daquele grupo da Igreja Deus É Amor, em São Gonçalo.

Já houve casos em que pessoas foram preparadas para o milagre e houve flagrante, sendo presos os responsáveis.

E mais. Prometem cura para todos os tipos de doenças. Por que não se oferecem aos governos estaduais para darem plantão e curarem a todos, como sugeriu há anos o Rev. Amantino Vassão? Mas não. As filas nos postos do INAMPS continuam enormes; os hospitais continuam cheios; a pobreza, a fome, a desnutrição, a angústia, o nervosismo, tudo continua a existir. Falta a fé? Não. O que existe é uma desilusão com a própria religião chantagista.

David Gomes faz uma observação bem pertinente: “o abuso deve ter um paradeiro e nós somos responsáveis”⁴².

As nossas igrejas (batistas) em parte são responsáveis pela exploração da fé. Precisamos ajudar mais os pobres, levando-os a se ajudarem, encontrando soluções para seus problemas. Precisamos nos envolver mais com os problemas brasileiros e contribuir para a abordagem política dos mesmos. As igrejas também podem oferecer cursinhos de higiene, puericultura, socorros urgentes, enfermagem, quando possuem membros capazes e dispostos a administrá-los no multiministério. Outros cursos como corte e costura, carpintaria, datilografia,

pintura, eletricidade dão a oportunidade de os pobres melhorarem seu nível social. Ambulatórios, médicos e dentistas de plantão no templo também ajudam uma comunidade carente.

Não é por causa do charlatanismo de muitos “missionários” neopentecostais que vamos duvidar do poder de Deus em curar nos dias de hoje. Verdadeiros milagres têm sido testemunhados na vida de muitos cristãos, quer na transformação completa de vidas arruinadas pelos vícios, quer na cura de enfermidades graves.

Admitimos também o efeito benéfico da religião, como poder curativo em seus aspectos psicológicos e sociológicos. Muitos problemas que as pessoas enfrentam têm a ver com sua desorganização interior, falta de um relacionamento mais íntimo com Deus, falta de adaptação social; a religião, a fé em Cristo que nos liberta de tudo e nos concede uma nova vida, uma nova perspectiva, a integração com outros irmãos da fé, são alguns aspectos da religião que contribuem para o ajustamento pessoal e social de muitos. O abandono de vícios, o temperamento transformado pelo Espírito Santo, a segurança espiritual frente ao mundo desconhecido após a morte são grandes motivações e grandes motivos para a cura e a recuperação de muitas e muitas pessoas atingidas pelo evangelho.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 TILLICH, Paul, Artigo: “Curai Enfermos, Expulsai Demônios”, jornal *Expositor Cristão*, maio/79.
- 2 VERBO, *Encyclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 16.
- 3 ALVES, Rubem, “Religião e Enfermidade”, em *Construção Social da Enfermidade*, SP, Cortez & Moraes Ltda., 1978, p. 29 e ss.
- 4 *Ibid.*
- 5 *Ibid.*
- 6 *Ibid.*
- 7 *Ibid.* p. 44.
- 8 TILLICH, Paul. *op. cit.*
- 9 *Ibid.*
- 10 *Ibid.*
- 11 *Ibid.*
- 12 *Ibid.*

- 13 ALVES, Rubem, *op. cit.*, p. 45.
- 14 SEGGIARO, Luís A., *La Medicina en la Biblia*, Argentina, Ediciones Certeza, p. 77 e ss. O autor trata de diversas doenças físicas e mentais mencionadas na Bíblia.
- 15 Citado por SEGGIARO, Luís A., *op cit.*, p. 82, 83.
- 16 FRIDERICH, Edvino Augusto, *Onde os Espíritos Baixam*, SP, Loyola, 2^a ed., 1977, p. 149.
- 17 FILIPE, Mario, "Os Milagres e a Catequese", em *Revista de Catequese*, nº 19, jul. set./82, SP, p. 45.
- 18 OLIVEIRA, Josué A., *Milagres e Charlatães*, 2^a ed., p. 80 e ss. — onde o autor desenvolve o tema minuciosamente.
- 19 *Ibid.*
- 20 *Ibid.*
- 21 HOLLENWEGER, Walter, *El Pentecostalismo*, p. 362.
- 22 NEVES, Delma Pessanha, *As Curas Milagrosas e a Idealização da Ordem Social*, RJ, CEUFF/PROED, 1984, p. 9.
- 23 Citado por NEVES, Delma P., *op. cit.*, p. 6.
- 24 LOYOLA, Maria Andréa, *Médicos e Curandeiros* — conflito social e saúde, DIFEL, 1974, p. 80.
- 25 *Ibid.*, p.163.
- 26 NEVES, Delma Pessanha, *op. cit.*, p. 11.
- 27 GROETELAARS, Martien Maria, *Milagre e Religiosidade Popular*, Vozes, 1981, p. 81.
- 28 Citado por HOLLENWEGER, W., *op. cit.*, p. 384.
- 29 *Ibid.*
- 30 NEVES, Delma Pessanha, *op. cit.*, p. 30.
- 31 *Ibid.*, p. 42.
- 32 *Ibid.*, p. 43.
- 33 MONDEN, Louis, *El Milagro — Signo de Salud*, Barcelona, Ed. Herder, 1963, p. 140 e ss.
- 34 *Ibid.*, p. 144.
- 35 *Ibid.*, p. 148.
- 36 *Ibid.*
- 37 *Ibid.*, p. 142.
- 38 OLIVEIRA, Josué A., *op. cit.*, p. 118.
- 39 MONTEIRO, Douglas Teixeira, Artigo: "Igrejas, Seitas e Agências: Aspectos de um Ecumenismo Popular", em *A Cultura do Povo*. EDUC, 1979, p. 84.
- 40 *Ibid.*, p. 92
- 41 GOMES, David, *A Cura Divina à Luz da Bíblia Sagrada*, Escola Bíblica do Ar, p. 84.
- 42 *Ibid.*

O ESPÍRITO SANTO

O envio do Espírito Santo sobre a Igreja no dia de Pentecostes é, ao nosso ver, a demonstração final da suprema autoridade do Senhor Jesus Cristo. Em João 16:8 lemos as suas palavras: “Quando ele vier convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo.”

— M. Lloyd-Jones

Ao longo de nosso estudo, enfocamos a forma como os neopentecostais tratam o Espírito Santo. Como vimos, a maior ênfase desses grupos está nos dons do Espírito Santo: de línguas, de cura, de expulsão de demônios.

Observamos no primeiro capítulo que a maioria dos grupos pentecostais aceita dois estágios na salvação: conversão e santificação, evidenciada pelo batismo com o Espírito Santo (glossolalia). Outros grupos, em menor número, aceitam a salvação desenvolvida em três estágios: conversão, santificação e batismo do Espírito Santo com o dom de línguas. Walter Hollenweger, teólogo internacionalmente respeitado, faz três observações importantes quanto à doutrina dos estágios: ela priva o crente da certeza da salvação; os pentecostais se concentram demasiadamente na glossolalia; são levantadas diversas perguntas quanto ao papel do Espírito Santo na vida cristã.

Por outro lado, muitas curas e exorcismos atribuídos ao Espírito Santo, como vimos no capítulo anterior, na realidade

são práticas de charlatães. É por essas razões que se faz necessária uma análise, ainda que breve, do que a Bíblia nos ensina acerca da atuação do Espírito Santo, no passado e no presente.

Sobre o assunto, existe uma bibliografia vastíssima. Nossa objetivo não é esgotar o tema, mas abordá-lo em seus aspectos mais relevantes no que diz respeito à doutrina neopentecostal. Se não o fizermos, nosso trabalho ficará incompleto, uma vez que nos volumes anteriores sobre as seitas do nosso tempo sempre fizemos uma abordagem bíblica, apresentando nossa refutação — que é a doutrina bíblica na qual cremos.

A doutrina do Espírito Santo tem sido deturpada, e precisa ser esclarecida devidamente, em todos os seus aspectos. O emocionalismo, o sensacionalismo dos cultos neopentecostais, as atividades religiosas, a organização eclesiástica, a identificação dos poderes do homem com os poderes divinos não podem substituir o poder espiritual que vem do Espírito Santo.

Há uma diferença que não tem termo de comparação entre o homem e Deus. Aquele pondera, pensa, medita, a fim de poder usar sua vontade, visto que não a tem completamente desenvolvida; Deus não precisa fazer isso porque pode usar sua vontade em qualquer momento e usá-la bem. A vontade humana pode descambar para o mal; nunca, porém, a de Deus. Na vida do homem observa-se que o pecado tem a propriedade de retardar a capacidade de amar. O Espírito de Deus, que é santíssimo, porém, desconhece essa limitação, e ama como ninguém mais pode amar.

O Espírito Santo é Deus. Se Deus é amor, o Espírito Santo também é amor (I João 4:8).

A terceira pessoa da Trindade goza de todos os atributos da divindade: onisciência, onipresença, onipotência, infinitade, imutabilidade, santidade etc. Por isso, não pode haver termo

de comparação entre o nosso amor e o de Deus ou do seu Espírito. A riqueza do seu amor é insondável. Pela sua perfeição em todos os elementos da santidade, ele pode apreciar as mais imagináveis formas de santidade dos homens. Tudo lhe é patente. Nada há que lhe seja oculto. Todos os seus atributos fazem-no senhor e conhecedor de tudo como Deus é.

Sendo uma das pessoas da Trindade divina, o Espírito Santo possui personalidade própria para se referir a ele, como o Ajudador (João 14:26), Espírito da verdade (João 15:26); são-lhe atribuídos caracteres de uma personalidade, como inteligência própria (Rom. 8:26,27), emoções (Ef. 4:30), vontade (I Cor. 12:11); exerce atividades compreensíveis numa pessoa, como orar, dar ordens, (At. 8:29), guiar (Rom. 8:14), confortar. Esses atributos de caráter e atos conferidos ao Espírito Santo são os mesmos atribuídos a Deus. O Espírito Santo vem mencionado junto ao Pai e ao Filho. A Bíblia declara que o Espírito é Deus. Por tudo isso, podemos afirmar que o Espírito Santo é Deus.

O ESPÍRITO SANTO NA BÍBLIA

É importante conhecermos o que o Antigo Testamento, revela sobre o Espírito Santo porque não podemos compreender a doutrina do Novo Testamento sem esse prévio conhecimento. Todas as doutrinas neotestamentárias se encontram em germe no Antigo, e não há exceção para a do Espírito Santo.

Em todo o Antigo Testamento, vemos o Espírito de Deus operando na natureza e dando poderes extraordinários aos homens. Esses poderes não são naturais, mas sobrenaturais; são dons de Deus concedidos aos homens para uma finalidade divina, e são recebidos em face da graça de Deus e não por causa do merecimento humano. O Espírito é a fonte de todo o entendimento, e é identificado por muitos como a divina sabedoria. O conhecimento e todo o entendimento dados aos homens procedem da inspiração do Todo-Poderoso (Jó 32:8).

Foi o mesmo Espírito quem cumulou de dons os líderes do seu povo, a fim de empreenderem o desenvolvimento e defesa do mesmo. No livro dos Juízes, encontram-se vários exemplos dessa afirmação. Esses líderes eram revestidos de força, resolução, energia e coragem para as contínuas guerras; o objetivo desses dons era o bem do povo escolhido. Quando o povo era castigado por sua desobediência a Deus, ele mesmo revestia com o seu Espírito um líder, um libertador, desde que o povo se humilhasse e clamasse a Deus.

É o profeta Isaías quem corrobora a idéia de que o Espírito é a fonte de todo o entendimento e sabedoria: “Quem guiou o Espírito do Senhor, ou, como seu conselheiro o ensinou?” (Is. 40:13).

Quando consideramos o assunto dos profetas do Antigo Testamento, observamos que eram ungidos com azeite, como símbolo de que haviam sido separados para uma missão especial, em nome de Deus, e como símbolo do Espírito Santo derramado em suas vidas para capacitá-los para sua missão. No Antigo Testamento, o Espírito Santo descia sobre determinados homens, não todos, em tempos especiais, para determinados fins. A religião profética era de iniciativa divina e de soberania divina: buscava colocar a vida humana sob o controle divino, tanto a vida individual como a vida coletiva. Os profetas eram vocacionados por Deus; recebiam de Deus as suas mensagens. Falavam em nome de Deus. Denunciavam os que profetizavam em seus próprios nomes ou tomavam seus sonhos como mensagens divinas.

O ápice da dispensação dos dons espirituais pode-se dizer que foi o dom de profecias. Esse dom estava em relação íntima com os outros dons do Espírito. Moisés, quando aconselhado por Josué a proibir Eldade e Medade de profetizar, disse-lhe: Tens tu ciúmes por mim? Oxalá que do povo do Senhor todos fossem profetas, que o Senhor pusesse o seu espírito sobre eles!” (Núm. 11:29). Seria de valor extraordinário para o povo escolhido se todos eles se tornassem

profetas, porque assim mais depressa se cumpriria nele o plano de Deus. Moisés não desconhecia esse fato. Deus escolhera aquele povo não porque ele fosse melhor do que os demais, mas por causa do seu santo propósito. O povo deveria servir como um reino de sacerdotes para interceder junto a Deus pelos pagãos e anunciar-lhes o amor de Deus para convertê-los ao culto de Jeová. Malgrado, não aconteceu assim porque o povo escolhido falhou, e o Senhor agiu de outro modo, escolhendo os meios diferentes para atingir o fim almejado.

A atuação do Espírito Santo não tem efeitos somente sobre o físico, mas também sobre a psique do homem. “Então o Espírito me levantou, e me levou; e eu me fui, amargurado, na indignação do meu espírito; e a mão do Senhor era forte sobre mim” (Ez. 3:14).

O Espírito Santo concedeu o dom da profecia às pessoas especialmente escolhidas por Deus para revelação de sua vontade. Era a vontade divina que deveria ser realizada, mesmo à revelia da vontade do homem.

Isaías afirmou que foram Deus e o Espírito Santo que o enviaram (Is. 48:16). O grande profeta Ezequiel assim se expressou: “Então, quando ele falava comigo, entrou em mim o Espírito, e me pôs em pé, e ouvi aquele que me falava” (Ez. 2:2). Neemias ensinou que ele testemunhou ao povo pelo Espírito de Deus (9:30). Rememorando os feitos de Deus para com seu povo, encontram-se os levitas louvando a Deus por ele haver dado o seu Espírito para ensiná-los. E depois de haver usado de tanta benignidade para com o mesmo povo, este preferiu endurecer as suas cervizes; o Espírito protesta contra essa falta imperdoável daqueles homens por meio de seus profetas, entregando-os para serem presas do seu próprio pecado às mãos dos povos estranhos.

Passo a passo foi se desenvolvendo e progredindo a profecia até que chegou à posição mais elevada com o profeta Isaías. Se o dom da profecia foi o ponto mais alto da dispensação dos

dons espirituais, pode-se afirmar que o ponto mais elevado da profecia foi a do profeta Isaías. Ele foi dentre todos os profetas quem mais divisou através de oito séculos futuros o cumprimento dos seus escritos e deu uma verdadeira aplicação à vinda do Filho de Deus e sua morada no homem.

Isaías descreveu como seria ungido com o Espírito Santo o Messias e que ele seria o restaurador do seu povo que se achava em condições de tamanho desvio dos caminhos divinos e que seria necessário um grande ajustamento para o bem e a felicidade de Israel. Diante da contemplação de tão sublime verdade, evidentemente pelo Espírito de Jeová, Isaías escreve: “O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos; a apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os tristes; a ordenar acerca dos que choram em Sião que se dê uma grinalda em vez de cinzas, óleo de gozo em vez de pranto, vestidos de louvor em vez de espírito angustiado; a fim de que se chamem árvores de justiça, plantação do Senhor, para que ele seja glorificado” (Is. 61:1-3). Estes foram os resultados da unção do Espírito sobre o Messias, quando de sua futura vinda contemplada por Isaías, unção que teve seu cumprimento integral na pessoa de Jesus Cristo. O servo de Jeová seria ungido com o Espírito para ficar qualificado para sua missão messiânica. No Novo Testamento vemos que tais previsões se cumpriram em Jesus, sobre quem o Espírito veio no seu batismo e realizou todas as suas obras no poder do Espírito de Deus.

É de grande importância o estudo sobre o vínculo do Espírito Santo com o Filho de Deus, Jesus Cristo, por três razões principais, apresentadas por Michael Green: 1) Porque o Espírito estava sujeito à pessoa de Jesus; Jesus era o canal através de quem toda a experiência posterior do Espírito de Deus seria vivida; 2) Porque o Espírito eterno esteve ativo em todas as épocas e em todas as culturas, despertando a

consciência dos homens e estimulando sua resposta; aquele a quem dava prioridade e de quem dava testemunho era o Cordeiro, o *Lógos*, oferecido desde a fundação do mundo; toda religião tem sido uma tradição de resposta a ele, não importando o grau de avanço até ele e não importando o grau de afastamento dele, nas palavras de John Taylor; se pretendemos ser dirigidos pelo Espírito de Deus com alguma segurança, encontraremos um caminho que sempre conduz na direção de Jesus; 3) Porque, deixando de ser semipessoal, como no Antigo Testamento, o Espírito aparece no Novo Testamento estampado com a personalidade de Jesus; o Espírito é plenamente pessoal e a personalidade que ele investe é a de Jesus Cristo.

O poder que Jesus tinha para operar milagres e expulsar demônios foi-lhe conferido pelo Espírito Santo: “Se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, logo é chegado a vós o reino de Deus” (Mat. 12:28).

Foi dado a Jesus o poder de batizar com o Espírito Santo, em contraste com João, o Batista, que batizava em água (Mat. 3:11; Mar. 1:8; Luc. 3:16; João 20:22; At. 1:5). Jesus realizou seu ministério sob o poder do Espírito Santo, e no final do mesmo soprou o Espírito Santo sobre os discípulos: assim, à semelhança da criação do homem, foi criada uma nova humanaidade, sob a orientação e o poder do Espírito. No Pentecostes haveria a efetivação do batismo do Espírito Santo sobre os discípulos.

Mediante o poder do Espírito de Deus, Jesus consumou sua obra de proclamar as boas-novas do reino de Deus e a delegou aos discípulos. O Espírito Santo está intimamente relacionado ao progresso do reino que por ele é levado adiante. Jesus foi aquele que iniciou o reino de Deus aqui na terra, mas o Espírito Santo é quem leva adiante a obra até que a mensagem seja levada a cada coração. “Mas o Ajudador, o Espírito Santo a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho

dito” (João 14:26). Hoke Smith assim se expressa: “O Espírito Santo estava com os discípulos de Cristo na pessoa de Jesus, antes do Pentecostes. Depois, Cristo estará em seu povo, no Espírito Santo que estará neles para sempre!”²

Os apóstolos teriam a responsabilidade de propagar o reino de Deus, a partir de Jesus Cristo, estabelecendo os fundamentos da igreja, quer falando, quer escrevendo. Por isso Jesus lhes prometeu que o Espírito Santo lhes ensinaria todas as coisas; lembraria o que eles haviam esquecido. O ensino do Espírito Santo aos apóstolos foi completo, perfeito e infalível.

Os apóstolos eram pequenos na fé, iletrados na cultura, mas o Espírito Santo falaria por eles, colaborando na transmissão da mensagem quando comparecessem diante das autoridades (Mat. 10:19,20; At. 4:13). O Espírito Santo também comunicou aos discípulos os conhecimentos para a instrução e edificação da igreja e inspirou ainda os escritores sagrados para que escrevessem os livros do Novo Testamento.

No tocante ao cumprimento das profecias no dia de Pentecostes, observamos a evidência da sábia orientação de Deus em fazer com que naquele dia se realizasse aquele espetáculo inédito. A festa de Pentecostes era uma das três grandes celebrações anuais (Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos) às quais eram obrigados a comparecer todos os varões israelitas. Jerusalém estava repleta de gente de toda parte. Dezesseis nacionalidades são mencionadas na passagem de Atos. Não poderia deixar de ser uma ótima oportunidade para a evangelização do mundo. O dia de Pentecostes foi o grande passo dado por Deus para a redenção do mundo.

O Pentecostes era realizado cinqüenta dias após a Páscoa. Haviam passado 10 dias desde a ascensão de Jesus. No Cenáculo estavam reunidos os onze e mais outros, aproximadamente 120 pessoas, quando ocorreu o evento miraculoso. Como o Pentecostes era a colheita dos grãos, o evento simbolizava a colheita das pessoas, das almas para o Senhor. No dia anterior àquele, há muitos anos, fora dada a lei a

Moisés no Sinai; agora no novo concerto, uma nova lei estava sendo outorgada ao Israel espiritual: a lei do Espírito e não da letra — a graça de Deus. A evidência do Espírito Santo na vida de cada um presente ali foi necessária no dia de Pentecostes e não antes, porque ainda Jesus Cristo não havia sido glorificado; sua obra redentora deveria ser consumada antes.

O Pentecostes foi tão importante quanto a crucificação e a ressurreição. Foram fatos históricos, em certo momento no transcurso da experiência da raça; depois do elemento histórico, o Pentecostes é o elemento experimental indispensável do novo concerto. Através da dádiva do Espírito Santo, podemos nos apropriar daqueles fatos históricos como reais para nossas próprias vidas.

Os resultados de tal evento não se fizeram esperar. Assim, imediatamente três mil almas receberam a palavra e outros dons foram concedidos pelo Espírito Santo: operar milagres e prodígios, falar línguas e outros.

Vejamos algumas observações feitas por teólogos e pastores acerca do Pentecostes:

“No dia de Pentecostes realizou-se a vinda do Espírito Santo. Essa vinda foi a mudança temporária de sua residência do céu para a terra, onde ele veio habitar em cada coração crente” — A. Almeida.

“Se a vinda do Espírito Santo para este mundo, no dia de Pentecostes, foi a nossa melhor esperança, sua vinda em nós é a nossa completa salvação” — J. Rego do Nascimento.

“O envio do Espírito Santo sobre a Igreja no dia de Pentecostes é, ao nosso ver, a demonstração final da suprema autoridade do Senhor Jesus Cristo. Em João 16:8-11, lemos as suas palavras: Quando ele vier convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo” — M. Lloyd-Jones.

“Não podemos imaginar a Igreja sem o Pentecostes, porque não teria havido Igreja. Foi com ele que a Igreja nasceu”
— Stanley Jones.

“Desde o Pentecostes o Espírito é dado a todos os filhos de Abraão, a todos os que crêem” — Dr. George E. Henderlite.

“A fala dos apóstolos em línguas que nunca estudaram e o discurso de Pedro justificando o comportamento dos seus companheiros acusados de embriaguez constituíram uma prova de que algo extraordinário havia acontecido. A sabedoria cristã que revelaram, o impressionante destemor diante dos inimigos de Jesus, a ousadia pessoal no testemunho de Cristo, a penetração da mensagem no coração dos ouvintes, tudo confirmava que eles haviam recebido o Poder do Alto, que foram batizados com o Espírito Santo” — Alcides Nogueira.

Daí por diante, o Espírito Santo operou mais e mais por intermédio dos discípulos de Jesus Cristo, realizando as maravilhas prometidas por ele e provocando resultados impressionantes aos olhos do mundo.

Em todo o livro de Atos, observamos a atuação do Espírito Santo na igreja primitiva, escolhendo os obreiros (13:1-4); orientando a doutrina (15:6-13, 19-23, 28-31); dirigindo os missionários (16:6-10); capacitando os obreiros e líderes (20:17, 18,28). Este trabalho do Espírito Santo nos é esclarecido pela compreensão dos seus atributos e pela ministração dos dons, que são expedientes de Deus para a realização de sua vontade nos homens. O Espírito Santo guia e dirige a igreja do Senhor em todas as suas atividades pela vereda da verdade, a fim de que o objetivo seja realizado: a salvação dos perdidos e a glorificação de Cristo.

Podemos afirmar que João e Paulo foram os dois escritores que deixaram uma interpretação mais exata e mais excelsa do Espírito Santo. As contribuições de Paulo para a compreensão do Espírito Santo são pelo menos três: 1) Paulo deixa claro que Cristo e o Espírito Santo estão vinculados intimamente; 2)

Paulo dá personalidade ao Espírito Santo. 3) Paulo expõe o caráter ético do Espírito Santo.³

O Novo Testamento, que é a plenitude da revelação, nos proporciona mais conhecimentos concernentes ao Espírito Santo do que o Antigo. O Espírito Santo foi o propulsor do reino teocrático israelita e continua a realizar, nas agências do reino, o levantamento do ânimo e o espírito de consagração dos servos do Rei dos reis, a fim de que mais e mais seja estabelecido o seu reino nos corações dos homens.

O Espírito Santo foi mandado por Deus e por Jesus aos seus servos para permanecer neles e proporcionar-lhes tudo quanto seja necessário. Não houve necessidade de os discípulos suplicarem que o Pai enviasse seu Espírito, porque foi enviado no tempo próprio, para ficar sempre com eles e com todos quantos cressem em Cristo, pois “se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Rom. 8:9).

A mensagem não seria somente para o povo escolhido, mas estender-se-ia a toda humanidade incrédula e pecadora. Por sua vez, teria de ser tríplice a convicção do Espírito Santo: do pecado, da justiça e do juízo (João 16:8-11).

Outra parte da missão do Espírito Santo é guiar os discípulos às verdades mais urgentes a respeito do reino (João 14:17, 15:26).

O Espírito Santo ainda tem a missão de glorificar a Jesus Cristo (João 16:15). O Espírito Santo glorifica a Jesus Cristo e testifica dele (15:26).

Em Atos, no avanço do evangelho, é o Espírito Santo quem toma a iniciativa, inspirando a cada servo de Deus para levar a mensagem (Atos 4:8, 6:3, 5, 10, 7:55, 8:29) e visitando samaritanos, tementes a Deus, gentios, além dos judeus.

“Toda essa ênfase sobre o Espírito Santo como autor, controlador e vitalizador da missão da igreja é altamente significativa.”⁴ O Espírito Santo foi o condutor de toda a expansão cristã e foi sua força revitalizadora. A igreja progre-

diu somente quando foi submissa ao Espírito Santo e quando deixou de lado os velhos tabus religiosos. As maneiras do Espírito agir foram diversas: conduziu através de uma comissão, no Concílio de Jerusalém (At. 15:28); fazia sentir sua presença através de um sentimento interior, como no caso de Paulo (At. 20:22,23); ou transmitiu a verdade através de um transe. (At. 10:19).

O Espírito Santo edificou a igreja e continua edificando-a e concedendo-lhe os dons. O apóstolo Paulo nos ensina acerca dos dons espirituais que nos são conferidos pelo Espírito Santo. Ele é soberano para a distribuição desses dons da graça. O Espírito tem em vista a edificação da igreja, que é a agência promovedora do reino de Deus entre os homens (I Cor. 12:7). Podemos afirmar que o Espírito mesmo é o principal dom de Cristo à igreja. O Espírito administra esses dons na chamada dos obreiros e na distribuição de suas responsabilidades (Ef. 4:12-14). Segundo o mesmo capítulo de Efésios (4:3,11,14,18), o Espírito Santo promove a unidade da igreja; os dons concedidos são diversos; o Espírito traz a reconciliação, intimamente relacionada à unidade. O Espírito estimula a comunhão dos irmãos (II Cor. 13:13; Fil. 2:1). O Espírito concede um pouco de si mesmo a todos os crentes de modo que todos sejam igualmente participantes dele. Ele ainda inspira a Escritura (II Tim. 3:16,17; II Ped. 1:20,21). O Espírito Santo fala através da pregação, vivifica as ordenanças e edifica o corpo de Cristo em amor.⁵

Assim, o Espírito Santo atua na vida do cristão levando-o a se santificar cada vez mais. A obra santificadora do Espírito Santo começa com a regeneração total da pessoa, dando-lhe a vitória sobre o pecado. O Espírito Santo opera a santificação na totalidade da pessoa: santifica sua vontade, suas emoções, sua compreensão, todo o seu ser. Essa obra do Espírito Santo é gradual; efetua-se num processo, que precisa ser completado com a passagem do cristão para estar com Cristo. Strong diz que "santificação é a operação contínua do Espírito

Santo, pela qual a santa disposição concedida na regeneração é mantida e fortalecida”.

O Espírito Santo sozinho não pode operar a santificação; é preciso que o cristão busque a presença de Deus através da oração, da assistência aos cultos, da leitura bíblica, da utilização de seus dons no serviço de Deus.

Para terminar esta parte diremos que “devemos nos esforçar ativamente para nos livrarmos das coisas que possam deslocar ou embaraçar o Espírito Santo e por unir nossa vida a ele pela oração, estudo da Bíblia, disciplina própria e atividades espirituais — elementos conducentes à plenitude do Espírito Santo em nós”.⁶

O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

Como vimos no decorrer da obra, os pentecostais preocupam-se acima de tudo com o batismo no Espírito Santo. Crêem eles que, à semelhança do dia de Pentecostes, todos os cristãos de hoje precisam receber um batismo especial no Espírito Santo, experiência que se dá após a conversão e o batismo nas águas e que se evidencia pelo dom de línguas estranhas. Essa crença no batismo no Espírito Santo como uma segunda bênção, ou seja, uma segunda etapa na vida cristã, ou uma nova experiência posterior à conversão, não encontra base nas Escrituras.

Foi João, o Batista, quem primeiro utilizou a expressão batismo no Espírito Santo, ao referir-se à obra de Jesus Cristo (João 1:31-33; Mat. 3:11; Luc. 3:16). Esse batismo teria a ver com a nova ordem de coisas neste mundo e com a vinda do reino de Deus. Jesus iria estabelecer uma nova ordem espiritual e social e haveria uma separação entre as pessoas, sendo algumas batizadas com o Espírito Santo e outras com fogo.

Jesus nunca se referiu ao batismo no Espírito Santo. Foi somente no final de seu ministério que ele prometeu o Espírito Santo. Esse batismo não se cumpriu durante sua vida, pois ele precisaria partir para que o Ajudador viesse (João 16:7). Somente no dia de sua ascensão Jesus disse que receberiam o

batismo no Espírito e que portanto “não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai” (At. 1:4).

Pedro explicou o que acontecera no dia de Pentecostes: fora o cumprimento da profecia de Joel 2:28, 29 (At. 2:14-36). No Antigo Testamento o Espírito Santo era concedido apenas a algumas pessoas que tinham tarefas especiais para realizar. O batismo no Espírito Santo significou seu derramamento sobre pessoas de todas as classes sociais: filhos, velhos, crianças, servos e servas. Para Pedro, mediante a atuação do Espírito Santo nos apóstolos, eles ficaram capacitados para testemunhar de Jesus Cristo. Agora, o privilégio da atuação do Espírito Santo está ao alcance de todos. O termo batismo no Espírito Santo referiu-se somente aos apóstolos e foi o cumprimento do anúncio de João, o Batista, reafirmado por Jesus Cristo; referiu-se à capacitação para testificar de Jesus Cristo, para compreender a obra e a pessoa de Jesus Cristo: “os apóstolos tiveram o convívio, o cuidado e a cooperação do Espírito Santo, glorificando neles o Jesus da sua experiência histórica como o Cristo de Deus”; referiu-se o batismo também à constituição de uma nova comunidade espiritual, a igreja, e à capacidade para interpretar a história.

Quando os apóstolos mencionavam outras pessoas recebendo o Espírito Santo, eles se referiam ao dom do Espírito Santo (At. 2:37,38) — expressão que significa entrar na vida cristã mediante arrependimento, fé e batismo. Essa explicação foi dada por Pedro quando aludiu ao caso da conversão de Cornélio (At. 11:16,17).

Quando aquelas três mil almas se converteram no dia de Pentecostes, não há referência a que tenham vivido uma experiência semelhante à dos apóstolos; se tivesse que ser assim, Pedro teria orientado aquelas pessoas a que esperassem a descida do Espírito Santo, tal qual Jesus fez com os apóstolos. Entretanto, eles demonstraram sua conversão, arrependendo-se, crendo em Jesus Cristo e sendo batizados.

Quando o eunuco se converteu não há referência a sinais miraculosos; ele apenas foi batizado porque creu em Jesus Cristo.

Assim que chegou a Antioquia e confirmou a conversão dos gregos, Barnabé os exortou a que permanecessem no Senhor com o propósito no coração e não a que esperassem uma segunda bênção (At. 11:19-30, 13:1-4, 15:1-34). Da dedicação ao estudo da Palavra, dirigido por Barnabé e Paulo, decorreram três maravilhosas atitudes daqueles cristãos: eles testemunharam de Jesus Cristo com tal convicção que foram chamados de cristãos, pela primeira vez; eles socorreram os irmãos necessitados da Judéia e eles separaram dois missionários para levar a Palavra a muitos lugares. Surgiu uma questão, anos mais tarde, que colocou em dúvida a conversão dos gentios de Antioquia. Pedro, mencionando sua experiência na casa de Cornélio, afirmou que também aos gentios era concedido o Espírito Santo como aos judeus; Paulo e Barnabé contaram as maravilhas que já haviam ocorrido entre os irmãos gentios. O concílio então se convenceu daquela verdade e não impôs a necessidade de uma segunda bênção ou da circuncisão, tão-somente exortou-os quanto a preceitos éticos.

Os samaritanos (At. 8:1-17) e Cornélio (10:1-48) receberam a mensagem do evangelho, creram e foram batizados, mas nada se diz acerca de uma segunda bênção que tenha acontecido. Pedro explicou que também os gentios haviam recebido o dom do Espírito Santo (11:17,18).

Quanto aos efésios, evangelizados por Apolo, não haviam sido informados sobre Jesus Cristo e a regeneração efetuada pelo Espírito Santo. Eles somente sabiam do batismo do arrependimento de João e não do batismo no Espírito Santo e com fogo de Jesus Cristo. Paulo anunciou-lhes a Jesus Cristo e então houve a manifestação do Espírito Santo sobre eles evidenciando sua conversão (At. 19:1-7).

Desses casos históricos narrados no livro de Atos, concluímos:⁸ o batismo no Espírito Santo foi um evento histórico

e não se repete; para os cristãos de todas as épocas está reservado o dom do Espírito Santo, que é a novidade da vida cristã; as manifestações sensíveis do Espírito Santo nos casos narrados tinham como objetivo permitir a aceitação daquelas pessoas pela comunidade judaico-cristã; para a santificação, cada cristão precisa perseverar na oração, no estudo da Palavra, na comunhão com os irmãos, no serviço, na beneficência, na participação das ordenanças. Vivendo na presença do Senhor, cada cristão permite a atuação do Espírito Santo em sua vida, orientando, ensinando, guiando, consolando, fortalecendo e encorajando.

SER CHEIO DO ESPÍRITO SANTO

Já vimos que é o Espírito Santo que nos convence do pecado, da justiça e do juízo. Quando nos convertemos, recebemos o dom do Espírito Santo e não precisamos receber uma segunda bênção. No Novo Testamento, foi Lucas quem mais utilizou a expressão ser cheio do Espírito Santo. Falou que Jesus estava cheio do Espírito Santo (Luc. 4:1). Falou das qualidades dos sete (At. 6:3): No Pentecostes, os discípulos estavam cheios do Espírito Santo porque o batismo histórico coincidiu com a plena orientação do Espírito Santo (At. 2:4). No templo, Pedro falou à multidão, cheio do Espírito Santo (At. 4:8). Os crentes reunidos pediram ousadia para falar de Jesus Cristo e foram cheios do Espírito Santo (At. 4:31). Barnabé era homem cheio do Espírito Santo (At. 11:24). Paulo foi cheio do Espírito Santo (At. 9:17, 13:9). Os discípulos em Antioquia da Pisídia estavam cheios de alegria e do Espírito Santo (At. 13:52).

Estar cheio do Espírito Santo é estar plenamente governado e controlado pelo Espírito Santo. Se o principal objetivo do Espírito Santo é glorificar a Cristo e torná-lo real para nós (João 16:14), então ser cheio do Espírito Santo é uma outra maneira de dizer que estamos sob o completo controle de Jesus Cristo (Gál. 2:20).

Dos casos mencionados acima, retirados do livro de Atos,

concluímos que os discípulos ficaram cheios do Espírito Santo:⁹ comunicar o evangelho a pessoas de línguas diferentes; ter coragem para enfrentar as autoridades; testemunhar com intrepidez; ter alegria em meio às dificuldades; ter sabedoria na distribuição dos víveres para os necessitados; perdoar e orar pelos inimigos (Estêvão); obedecer a Cristo e ser batizado (Saulo); orientar a igreja e evangelizar uma cidade pagã (Bar-nabé); repelir a oposição de Satanás (Paulo).

Na importante passagem de João 7:37-39, encontramos uma explicação de Jesus Cristo acerca da maneira como podemos nos tornar cheios do Espírito Santo. Jesus Cristo é o único que pode satisfazer a todos os anseios e necessidades do ser humano; aquele que vem a ele fica saciado em sua sede espiritual e poderá deixar fruir de seu interior as bênçãos recebidas. A conversão implica receber o Espírito Santo em sua plenitude; a vida cristã deve conservar essa plenitude.

É o apóstolo Paulo quem nos exorta acerca de nos enchermos com o Espírito Santo (Ef. 5:18-21). Nessa passagem também está a verdade apresentada por Jesus: quem está cheio do Espírito Santo deixa transparecer isso através de suas atitudes:¹⁰

Falando — significa a comunicação de uns para com os outros; é o amor em ação; é o companheirismo espiritual em adoração comum;

Cantando e louvando — é a expressão que leva o crente a glorificar ao Senhor, o que agrada ao Espírito Santo;

Dando sempre graças por tudo — os crentes cheios do Espírito Santo sempre dão graças por tudo e não somente algumas vezes por algumas coisas;

Sujeitando-se uns aos outros — a submissão não é atitude de algumas pessoas somente; é a marca distinta do crente cheio do Espírito Santo. Em outra passagem Paulo exorta os crentes a considerarem os outros superiores a si mesmos (Fil. 2:3). É humildade; é simplicidade, que só o Espírito Santo efetua.

Assim, as duas esferas principais em que se manifesta a plenitude do Espírito Santo são a adoração e o companheirismo cristão. Se estivermos cheios do Espírito Santo estaremos falando com os outros e submetendo-nos a eles e estaremos louvando ao Senhor e dando graças a Deus por tudo. Como podem alguns cristãos afirmar que é possível ser crente sem ir à igreja, sem participar da comunidade de cristãos?

Concluímos esta parte com o pensamento do Pastor José dos Reis Pereira,¹¹ que afirma a necessidade de o cristão desejar a plenitude e pedi-la a Deus, conforme as palavras de Jesus Cristo em Luc. 11:9-13, e ainda a necessidade de estar completamente submisso a Jesus Cristo.

Além do texto em Efésios (5:18-21), o resultado de se estar cheio do Espírito vem explicado aos Gálatas (5:22), onde Paulo menciona o fruto do Espírito Santo.

OS DONS DO ESPÍRITO SANTO

Atualmente, entre os grupos chamados carismáticos ou pentecostais, tem-se falado muito em dons do Espírito Santo, enfatizando-se o dom de línguas, o dom de curar e o dom de profecias. Lembramos que não somente esses grupos deveriam ser chamados de carismáticos, visto que toda igreja de Jesus Cristo é uma comunidade carismática; a ausência de dons significaria a morte da igreja.

Segundo a perspectiva bíblica, o fruto do Espírito Santo antecede a manifestação dos dons e enfatizá-los sem preocupar-se com o fruto causa sérias dificuldades. O capítulo 13 de I Coríntios tem uma distinção: é o hino ao amor — sem o amor os dons nada valem diante de Deus; os dons são dados pelo Espírito Santo para a edificação da igreja de Cristo (I Cor. 12:7, 14:12, 14:26) e não para confusão (14:40). Assim, o fruto do Espírito, o amor e a edificação da igreja são a chave para a compreensão dos dons do Espírito.

Os dons são distribuídos pelo Espírito Santo, que decide quais os dons que cada um vai receber. Cada um é responsá-

vel diante de Deus pela utilização de seus dons. Muitos dons apresentados nas listas do Novo Testamento “se parecem com habilidades ou talentos naturais que as pessoas podem ter; outros são claramente espirituais (...). Parece que Deus pode tomar um talento, transformá-lo pelo poder do Espírito Santo, e usá-lo como dom espiritual”.¹²

Billy Graham apresenta quatro elementos que nos ajudam a reconhecer os nossos dons: 1) Ter certeza de que Deus nos concedeu pelo menos um dom; 2) orar com discernimento para que Deus nos ajude a reconhecer o nosso dom ou dons; 3) compreender os ensinamentos da Bíblia sobre dons; 4) conhecer-se a si mesmo e suas capacidades.¹³

O Novo Testamento apresenta quatro listas dos dons espirituais: Romanos 12:3-8; I Coríntios 12:8-10, 28-30; Efésios 4:7-13 e a lista em I Pedro 4:10,11, onde Pedro deixa claro que para ele todos os dons se dividem em dons de expressão e dons de ação ou serviço. Das listas mencionadas, verificamos que alguns dons se referem mais aos oficiais das igrejas e outros se referem mais às atividades de todo o povo de Deus.

Alguns estudiosos da Bíblia classificam os dons em : de edificação (apóstolos, profetas, evangelistas, pastores, mestres); de serviço (ministério, contribuição, misericórdia, socorros, cura); de administração (presidência, governo) e de evangelização. Michael Green¹⁴ os classifica em: dons de expressão (línguas, interpretação, profecia); dons de ação (cura, milagres, fé); dons de conhecimento (conhecimento, sabedoria, discernimento de espíritos), e dons carismáticos (os dons do amor de Deus).

Não há somente dons de serviços, mas dons e serviço (ministérios e operações — I Cor. 12:4-6), entretanto o Espírito, o Senhor e Deus são os mesmos.

O importante em tudo isso é a unidade do corpo de Cristo: todos sendo edificados mediante o exercício dos mais diversos dons, harmoniosamente (Ef. 4:1-16). Mesmo que hoje o

Espírito conceda outros dons aos crentes, além dos mencionados naquelas listas, é importante frisar que eles visam à unidade e à edificação do corpo de Cristo.

O fruto do Espírito é o mesmo em todos e retrata o cristão equilibrado, semelhante a Cristo e cheio do Espírito Santo. Os dons são diferentes, dependendo de cada cristão, que deve procurar conhecer o seu dom e exercê-lo na igreja, contribuindo assim para a edificação da igreja, pois fora dela ele não poderá exercê-lo (I Cor. 12:12-31).

Não havendo necessidade para um estudo detalhado dos dons que o Novo Testamento nos apresenta, deter-nos-emos em apenas alguns, cuja explicação é relevante para o nosso propósito.

Dom de línguas — Billy Graham narra em seu livro¹⁵ a observação feita por um professor, depois de ouvir a experiência de diversos alunos com o dom de línguas; as narrativas demonstraram que existem três origens para o dom de línguas: o Espírito Santo, a influência psicológica e a influência satânica. Uma coisa é certa: o Espírito Santo e os dons que ele concede aos crentes não têm por objetivo dividir os crentes. Quando uma comunidade coloca ênfase demais sobre as línguas, e discrimina os crentes por isso, está pecando.

O evento ocorrido no dia de Pentecostes tem empolgado os movimentos neopentecostais e eles têm buscado experiência semelhante. Como vimos, tal acontecimento constitui-se num fato histórico e não se repete. Outrossim, observamos que se falar em línguas do Pentecostes pode repetir-se nos dias de hoje, por que não os aspectos que acompanharam aquele evento, como: ruído de vento forte, línguas como de fogo repartidas e pousando sobre cada um?

O Dr. Merrill F. Unger¹⁶ explica que: as línguas do Pentecostes faziam parte do testemunho dos eventos que inauguravam uma nova era; as línguas do Pentecostes não tinham relação direta com o batismo do Espírito Santo; foram um sinal

para os judeus do derramamento do dom do Espírito Santo, eram línguas inteligíveis por todos os judeus ali presentes, advindos de vários países. Acrescentamos que o milagre do Pentecostes podia referir-se à capacidade dos apóstolos falar em línguas ou à capacidade de o povo entender a mensagem em sua própria língua.

O Pastor João Filson Soren observa que “não ocorre em todo o Novo Testamento uma só passagem que afirme ser o dom de línguas um sinal ou evidência da plenitude ou do batismo no Espírito Santo. Essa doutrina pentecostal repousa sobre inferências forçadas de certos trechos bíblicos. Resulta de raciocínio humano, mas não da revelação divina”.¹⁷

No decorrer do Novo Testamento encontramos pessoas cheias do Espírito que jamais falaram línguas, como o próprio Jesus Cristo. Não podemos impor o falar em línguas como um sinal indispensável do batismo e da atuação do Espírito Santo em nossa vida. À luz de Atos 1:1-8, o sinal do Espírito Santo não é o dom de línguas, mas o poder para testemunhar, basta seguir a narrativa de Lucas sobre a conversão de três mil almas a Jesus Cristo, mediante a pregação dos apóstolos.

Além da narrativa do Pentecostes, relacionada ao início do evangelho da graça entre os judeus e a inauguração de uma nova era no programa divino, na qual é mencionado o dom de línguas, há a narrativa da conversão de Cornélio (At. 10), que está relacionada à introdução da grande salvação de Cristo entre os gentios e ao estabelecimento do curso normal da nova era.¹⁸ Uma terceira narrativa que envolve o falar em línguas (At. 19:6) diz respeito a um grupo de crentes que, em meio ao estabelecimento da nova dispensação da graça de Deus que ocorria na época, no mundo conhecido de então, ignorava tal fato e havia a necessidade de ser instruído acerca da atuação do Espírito Santo em sua vida. Não podemos interpretar o dom de línguas e seu significado tomando os casos isolados, mas precisamos comprehendê-los englobadamente, como um processo do estabelecimento do novo reino de Jesus Cristo entre os homens.

O falar em línguas “era sinal da introdução inicial do ministério do Espírito Santo em quatro classes diferentes de pessoas —judeus, samaritanos, gentios e discípulos de João, o Batista. Ocorreu naquele tempo, e somente então, para aquele propósito particular”¹⁹.

Esses foram casos concretos do falar em línguas. Depois o assunto aparece em uma das mais antigas Epístolas (I Cor. 12-14); o dom não é mencionado em outras listas do Novo Testamento. I Coríntios contém os ensinamentos de Paulo relacionados aos dons. Podemos presumir que os coríntios estavam exagerando o sentido de receber e exercitar as línguas. A primeira observação é que I Coríntios 14 (onde aparece a expressão língua estranha), segundo os textos originais, não contém o adjetivo estranha, que algumas Bíblias trazem em grifo. Essa interrupção tem confundido muitos cristãos.

A segunda observação está relacionada ao cap. 13 da mesma carta: “havendo línguas, cessarão” (v. 8). Isso denota o caráter temporário das línguas. Elas não são mencionadas em outros textos neotestamentários. Estão mencionadas em último lugar na lista de I Coríntios e Paulo fala de sua inutilidade (I Cor. 14:11-17). O amor é o dom que ultrapassa todas as eras e alcança todas as pessoas. As línguas pertenceram a um período do cristianismo em que prevaleceram a profecia e a ciência. Com a completa revelação dos livros canônicos do Novo Testamento, tais dons se tornaram inúteis. O dom de línguas esteve limitado à igreja apostólica.

Do exposto, concluímos que a busca do dom de línguas em nossos dias pelos grupos neopentecostais não está fundamentada nas Escrituras nem no testemunho histórico. O contexto doutrinário em que se manifesta esse dom é incorreto: entre os grupos denominados carismáticos, o que acontece é que “a Palavra de Deus tem sido interpretada à luz da experiência humana em vez de se interpretar a experiência à luz da Palavra de Deus”²⁰. Não se pode considerar o batismo do Espírito

Santo como uma segunda bênção posterior à conversão, pois é o Espírito Santo quem convence o homem do pecado, da justiça e do juízo e habita no ser humano que se converte a Jesus Cristo. Não se pode confundir o batismo com o estar cheio do Espírito Santo. Não se pode considerar o dom de línguas como sinal do batismo do Espírito Santo, uma vez que o Espírito concede a cada crente os dons que forem próprios a ele e que forem úteis a Causa de Deus. Esperando a segunda bênção, diminui-se o conteúdo e o significado da tão grande salvação comprada por Jesus Cristo. A busca do dom de línguas ainda é um erro porque traz divisões na igreja, porque nada tem a ver com santidade ou espiritualidade e porque pode trazer os enganos do inimigo de nossas almas. A sinceridade, o zelo e entusiasmo, com os quais alguns crentes têm buscado o dom de línguas, não querem dizer que esteja com eles a verdade bíblica.

O que dizer então do falar extático, da linguagem ininteligível praticada no meio dos pentecostais? Existem várias explicações:²¹

Fraude — essa existe tanto no profetizar como no curar e também no falar línguas. Algumas pessoas praticam línguas por exibicionismo, por ambição ou por outro motivo indigno, fingindo e imitando outros.

Ação diabólica — a busca do dom de línguas leva algumas pessoas a um estado mental e espiritual de passividade, semelhante ao que ocorre nas sessões espíritas. É um êxtase forçado e prejudicial.

Sugestão hipnótica — essa, associada à imitação, é a resposta para a maioria das manifestações pentecostais de línguas.

Idiossincrasia de determinados tipos psicológicos — pessoas equilibradas trazem suas emoções sob controle. Certas estruturas psicológicas são mais suscetíveis ao descontrole emocional. Verifica-se no seio dos grupos pentecostais, inclusive os mais recentes, que são as mulheres as mais atingidas

pelo dom de línguas, embora, segundo o contexto da Epístola aos Coríntios, as mulheres não deveriam se manifestar nos cultos públicos (I Cor. 14:34). As mulheres, em particular, e os homens também dependendo de sua estrutura educacional, deixam-se envolver pela emoção religiosa — essa emoção é semelhante a qualquer outra emoção e seus efeitos podem ser: desmaios, enrolar a língua, chorar, rir, sentir-se deprimido, sentir-se superativo. Já temos ouvido pessoas uivando, chorando alto, gritando, falando palavras ininteligíveis em meio às reuniões pentecostais. Essas manifestações nada têm a ver com espiritualidade ou atuação do Espírito Santo!

Cremos no dom de línguas quando este contribui para o progresso da igreja de Jesus Cristo e seu estabelecimento neste mundo. Cremos que um servo de Deus pode ser usado pelo Espírito Santo para traduzir uma mensagem pregada em outra língua, a fim de que o povo de Deus seja edificado e pessoas se rendam a Jesus Cristo. Cremos que um missionário, embora não conheça bem a língua do povo a quem prega, possa levar a mensagem a ele e ser compreendido, mediante a atuação do Espírito Santo. Cremos no Espírito Santo atuando em reuniões onde estão presentes pessoas de diversas nacionalidades, cada qual louvando e orando em sua própria língua de origem!

Dom de profecia — Durante muitos anos Israel ficou sem profecias, até a vinda de João, o Batista, e de Jesus Cristo, profeta semelhante a Moisés (Mat. 21:11; At. 3:22, 7:37) e que veio cumprir as profecias anunciatas sobre ele muitos anos antes. Por ocasião do Pentecostes, os apóstolos foram batizados pelo Espírito Santo a fim de profetizarem acerca das maravilhas do novo reino de Jesus Cristo. Cumpriu-se assim a profecia de Joel (2:28,29) e a esperança de que todo o povo de Deus seria formado de profetas (Núm. 11:29).

A profecia logo foi muito disfundida. Havia profetas em Jerusalém (At. 11:27), em Antioquia (13:1), provavelmente em Roma (Rom. 12:6), em Corinto (I Cor. 12:10), em Tessalô-

nica (I Tes. 5:20). Jesus falou na atuação dos profetas (Mat. 10:41; Luc. 11:49). Era um dom apreciado e exercido individual e coletivamente (At. 13:1; Ef. 2:20; At. 21:9; Ef. 3:5, 4:11). Os profetas, junto com os apóstolos, comunicavam a revelação de Deus aos homens, pela atuação do Espírito Santo. Não podiam ser superiores aos apóstolos porque não haviam estado com Jesus.

A profecia era muito valorizada porque, mediante ela, Deus se comunicava diretamente ao povo. A profecia bíblica inclui a percepção e a proclamação.²² O profeta percebe as verdades espirituais para transmiti-las ao povo de Deus. Um exemplo de percepção é a dos profetas reunidos em Antioquia que sentiram a necessidade de enviarem a Paulo e Barnabé como missionários (At. 13:1).

Na proclamação da verdade de Deus, o profeta pode predizer e pregar. Através de um dom sobrenatural, o profeta predizia acontecimentos futuros. O Novo Testamento menciona apenas um profeta que fez predições — Ágabo (At. 11:27,28, 21:10,11). Em I Coríntios 14, ao falar da profecia, Paulo não se refere à predição. A outra função do profeta era edificar, instruir, consolar e exortar os crentes. Judas e Silas eram profetas nesse sentido (At. 15:32). Geralmente, o profeta tinha proeminência sobre o ministro local. Com o passar dos tempos, os ministros passaram a exercer a profecia, pregando a Palavra de Deus para edificação da igreja. O dom da profecia, segundo os ensinamentos bíblicos, é a capacidade de interpretar a vontade de Deus para a edificação do corpo de Cristo e para a conversão de pessoas ao Mestre.

Atualmente não existem profetas no sentido de videntes, predizendo o futuro, pois a profecia está completa com o Novo Testamento e qualquer coisa que se lhe acrescente é considerado anátema (Apoc. 22:18,19). A profecia em nossos dias refere-se à interpretação da Palavra de Deus ao seu povo. O Espírito Santo ilumina os que foram chamados para profetizar a fim de que compreendam a Palavra de Deus e a transmitem aos cristãos.

No final dos tempos hão de aparecer os falsos profetas. O povo de Deus precisa do discernimento dado pelo Espírito Santo para conhecer os verdadeiros e não ser enganado pelos falsos (II Cor. 11:4-13).

Existem alguns equívocos em relação ao dom de profetizar. Profecia não é pregação dentro de um espírito de êxtase. A profecia é pronunciada mediante a participação do raciocínio daquele que profetiza. A profecia é distinta do ensino. Os dons mencionados incluem profetas, mestres e evangelistas (Rom. 12:6-8). Durante o primeiro século os cristãos conheciam quando lhes falava um apóstolo, um evangelista ou um profeta, pelo conteúdo da mensagem e pela maneira como era transmitida. A profecia implica ser tomado completamente pelo Espírito Santo que fala através do profeta. Os profetas de hoje não são semelhantes aos profetas do Novo Testamento. Estes não preparavam suas profecias, pois não havia o Novo Testamento escrito. Eles recebiam a revelação de Deus no momento em que estavam assentados no culto (I Cor. 14:29-31,36,37). Esse tipo de profecia foi perdendo sua importância à medida que começaram a circular os escritos considerados como o ensinamento autorizado sobre Jesus Cristo. A profecia também foi perdendo sua importância e manifestação por causa dos abusos dos falsos profetas e por causa do movimento montanista do final do segundo século. Essas razões levaram-na a desaparecer.

Strong deixou uma contribuição valorosa para a nossa reflexão: “Em virtude de sua união com Cristo e participação no Espírito de Cristo, todos os cristãos são feitos, em um sentido secundário, profetas, bem como sacerdotes e reis (Núm. 11:29; Joel 2:28). Toda profecia moderna que é verdadeira, contudo, é uma republicação da mensagem de Cristo — a proclamação e exposição da verdade já revelada nas Escrituras.”²³

Dom de curar — Apesar de já termos tratado sobre as curas no capítulo anterior, ainda teceremos alguns comentários.

Testificam as Escrituras que, tanto no Antigo como no Novo Testamentos, Deus operou curas milagrosas. Jesus Cristo e seus discípulos curaram muitas pessoas, entretanto a cura não foi o objetivo principal da obra de Deus neste mundo. Não podemos afirmar, como os neopentecostais, que a cura sempre é a vontade de Deus. Apesar de Deus não causar nosso sofrimento, doença e morte, que são consequências de nossa vida terrena, ele os permite. Na Bíblia, nem todos os servos de Deus foram curados de suas enfermidades. Deus lhes concedia ânimo e forças para suportá-las, como foi o caso de Paulo. Na Bíblia nada se fala contra os médicos ou os rituais exigidos pela lei para confirmar a cura. Na Bíblia também não está que não se deva orar pelos enfermos e confiar apenas nos recursos da medicina. Uma verdade também é clara: Deus pode curar em nossos dias, valendo-se ou não dos recursos médicos. Por outro lado, se Deus curasse todos os enfermos que chegassem ao cristianismo, imagine-se quantos se tornariam cristãos apenas pelo interesse da cura física! De modo que muitas enfermidades não são curadas hoje porque Deus tem um propósito para a vida das pessoas enfermas. Segundo I Coríntios, o dom de curar não era concedido a todos, mas apenas a alguns. Na Epístola de Tiago, em texto muito utilizado pelos pentecostais, nada se fala do dom de curar, mas da oração de todos e dos presbíteros (este texto já foi comentado no capítulo anterior). As listas dos dons de Romanos 12, Efésios 4 e I Pedro 4 não contêm o dom de curar, fato que demonstra a pouca relevância do dom.

O dom de curar sempre está relacionado à fé. Os resultados da cura sempre foram a glorificação e exaltação do nome de Deus. Na igreja de Corinto, embora Paulo mencionasse o dom de curar, havia muitos fracos e doentes.

Hoje em dia, há o movimento da cura divina em que os curandeiros são enaltecidos e quando as curas nem sempre se realizam. Por outro lado, muitas curas têm sido realizadas fora dos movimentos neopentecostais, por auto-sugestão ou por hipnose. Hoje existe hipnose em operações, tratamento de

dentes e em vários setores. A ciência cada vez mais está reconhecendo a influência do físico sobre o espiritual e vice-versa. Existem muitas curas provocadas pelo despertamento de forças espirituais e mentais antes perdidas. Estas, despertadas, levam o paciente à cura. Muitas curas têm origem psicosomática e, resolvendo-se problemas emocionais e espirituais, desaparecem os sintomas da doença.

Muitos cristãos têm sofrido de enfermidades graves. Essas, quando aceitas como uma prova de fé, têm redundado para o proveito da comunidade cristã e conforto de muitas pessoas. Há o exemplo de Amy Carmichael, que durante mais de cinqüenta anos trabalhou na Índia. Os últimos vinte anos de sua vida passou-os na cama, com dores quase incessantes. Foi durante esses anos que ela escreveu todas as suas obras, que continuam até hoje ajudando milhares de pessoas. Quantas pessoas doentes trazem o conforto àqueles que as visitam!

Doenças físicas, depressão, espíritos sujeitos a dúvidas e outros sofrimentos atingem os cristãos. A principal atuação do Espírito Santo na vida deles é o conforto e a simpatia que lhes traz (Rom. 8:26). Deus nos promete o seu socorro e a sua misericórdia em tempo oportuno (Heb. 4:16). Por cinco vezes no Novo Testamento o Espírito Santo é chamado de intercessor (*parákleto*). Essa palavra é traduzida por Ajudador (João 14:16, 26, 15:26, 16:7) e uma vez por Advogado (I João 2:1). Isso significa que ele anda ao nosso lado como nosso conselheiro, auxiliador, defensor e guia. O Espírito Santo nos ajuda em meio às dificuldades, doenças e fraquezas. Cada cristão deve saber o que Deus quer de sua vida, através de sua enfermidade. “Um cristão deve usar da sabedoria que Deus dá para compreender os propósitos do Senhor da sua vida (...). Se Deus permite que um crente adoeça e não quer curá-lo, isso deve ser aceito com gratidão; humildemente devemos pedir-lhe que nos ensine tudo que ele quer que aprendamos através de tal experiência.”²⁴

“Curas, milagres, línguas e interpretação de línguas são chamados por alguns autores de dons sinais, isto é, dons que ser-

viam para comprovar a autoridade de quem os possuía, que eram sinais comprobatórios dessa autoridade.”²⁵ O Novo Testamento está completo, e não precisamos mais dos sinais que confirmavam a palavra dos apóstolos. O propósito de muitos dons recebidos pelos crentes do primeiro século visavam ajudar as pessoas a crerem em Cristo. Uma vez completa a Palavra da Revelação, não houve mais necessidade dessa ajuda, pois a Bíblia nos traz a mensagem perfeita que nos leva à salvação. Jesus mesmo realizou muitos milagres que foram registrados na Palavra de Deus, mas os que ficaram registrados visavam à fé nele como filho de Deus (João 20:30,31).

Alguns pentecostais mencionam o texto em Isaías 53:4,5 para defender sua idéia de que todos os enfermos devem ser curados. Este texto deve ser comparado com Mateus 8:16,17 e I Pedro 2:24, 25, onde se lê que estas profecias se cumpriram durante o ministério de Jesus e em sua morte na cruz.

Se alguns crentes permanecem doentes, se Deus não cura todas as enfermidades, se Cristo cumpriu seu ministério de curas durante sua vida, se os dons de curar, de línguas, de maravilhas, foram sinais para o primeiro século, pergunta-se: Será Deus perdeu seu poder? Ele não fez nada de significativo nos últimos dois mil anos? “Em todo nosso redor vemos evidências da obra maravilhosa de Deus: no milagre do novo nascimento nas vidas de milhões de pessoas no mundo todo; na cura de doença em resposta à oração; no unir pessoas e recursos em circunstâncias providenciais a fim de trazer glória a ele mesmo; na resistência de sua Igreja que tem sobrevivido a perseguições implacáveis e ataques durante e através dos séculos e continua a fazê-lo ainda hoje.

“Efésios 3:20 nos dá uma promessa para nossa época e é esta: nosso Senhor é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera. O que Deus faz em nós? O que Deus faz em nós e através de nós hoje não é o mesmo que fazia na época apostólica, porque ele tinha um propósito es-

pecial para os apóstolos, e esse propósito foi cumprido. Ele tem também um propósito especial para nós, e o que ele faz em nós e por nós e através de nós será maravilhoso porque ele é Deus e aquilo que ele faz sempre é maravilhoso.”²⁶

CONCLUSÃO

Por ocasião do Pentecostes, o Espírito Santo começou a trabalhar na vida dos cristãos de maneira clara e objetiva. O Pentecostes confirmou o fato de que Deus realmente desceu até nós em Belém, portanto testificou de Jesus Cristo. O Pentecostes também reafirmou que Jesus Cristo foi crucificado para redimir a humanidade — o Espírito Santo veio testificar de Jesus Cristo. A mensagem de Pedro no dia de Pentecostes anunciou a ressurreição e ascensão de Jesus Cristo. O Pentecostes ainda revestiu os cristãos de poder para testemunhar de Jesus.

A partir do Pentecostes, portanto, o Espírito Santo trabalha no coração dos crentes, conduz a igreja, instrui os cristãos, glorifica o nome de Jesus Cristo, ilumina os líderes, orienta as decisões da igreja, converte os corações a Jesus Cristo, conce-de os dons, santifica os crentes.

É com a conversão da pessoa que o Espírito Santo começa a agir na vida dela, fazendo-a compreender a vontade de Deus. Todo aquele que, uma vez convertido, busca outros grupos para uma experiência mais marcante com o Espírito Santo não compreendeu bem e não buscou a orientação do Espírito em sua vida. Estar cheio do Espírito Santo é estar plenamente governado e controlado pelo Espírito e isso é possível mediante uma vida consagrada à oração, à leitura da Bíblia, ao serviço cristão, à comunhão com os irmãos da igreja. Uma vida controlada pelo Espírito Santo produz o fruto do Espírito, utiliza seu (s) dom (ns), testemunha de Cristo, tem alegria em meio às dificuldades, vive em união com os irmãos da igreja, perdoa, obedece a Cristo, enfim, não divide a obra do Senhor.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 GREEN, Michael, *Creo en el Espíritu Santo*, Editorial Caribe, p. 56-59.
- 2 SMITH, Hoke, *Teología Bíblica del Espíritu Santo*, Casa Bautista de Publicaciones, 1976, p. 29.
- 3 *Ibid.*, p. 58.
- 4 GREEN, Michael, *op. cit.*, p. 77.
- 5 *Ibid.*
- 6 HOBBS, Herschel H., *Os Fundamentos da Nossa Fé*, p. 80.
- 7 PURIM, Reynaldo, Monografia: "O Batismo no Espírito Santo — Seu Significado Bíblico", em *Doutrina do Espírito Santo — Parecer da Comissão dos Treze*, Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1963, p. 23.
- 8 LIMA, Delcyr de Souza, Monografia: "Duas Questões Sobre o Batismo do Espírito Santo", em *Doutrina do Espírito Santo*, p. 48.
- 9 CRANE, James D., *O Espírito Santo na Experiência Cristã*, trad. José dos Reis Pereira, Rio de Janeiro, JUERP, 1979, p. 117-120.
- 10 STOTT, John R. W., *Batismo e Plenitude do Espírito Santo*, trad. Hans Udo Fuchs, 2^a ed., Ed. Vida Nova, 1986, p. 42 e 43.
- 11 PEREIRA, José dos Reis, Estudos na *Revista de Jovens e Adultos*, 4T88, Rio de Janeiro, JUERP, p. 22, 39, 40.
- 12 GRAHAM, Billy, *O Espírito Santo*, trad. Hans Udo Fuchs, São Paulo, Ed. Vida Nova, 1980, p. 131.
- 13 *Ibid.*
- 14 GREEN, Michael, *op. cit.*, p. 198 e ss.
- 15 GRAHAM, Billy, *op. cit.*, p. 163.
- 16 UNGER, Merrill F. *El Don de Lenguas y el Nuevo Testamento*, trad. Evis Caballosa, Barcelona, Pub. Portavoz Evangelico, 1974, p. 34 e ss.
- 17 SOREN, João F., Artigo: "O Dom de Línguas à Luz do Novo Testamento", em *Doutrina do Espírito Santo — Parecer da Comissão dos Treze*, Rio de Janeiro, CPB, p. 63.
- 18 UNGER, Merrill F., *op. cit.*, p. 55.
- 19 GROMACKI, Robert Glenn, *Movimento Moderno de Línguas*, trad. A. Ben Oliver, 3^a ed. Rio de Janeiro, JUERP, 1986, p. 213.
- 20 UNGER, Merrill F., *op. cit.*, p. 165.
- 21 SOREN, João F., *op. cit.*, 68 e ss.
- 22 CRANE, James D., *op. cit.*, p. 77.
- 23 STRONG, A. H., *Systematic Theology*, Philadelphia, The Judson Press, 1907, p. 712.
- 24 SANT'ANNA, Iomael, *Pontos Salientes*, JUERP, 1988, p. 215.
- 25 PEREIRA, José dos Reis, *op. cit.*, p. 55.
- 26 MACARTHUR, Jr., John F., *Os Carismáticos*, trad. Elizabeth Gomes, São Paulo, Ed. Fiel, 1981, p. 79.

CONCLUSÃO

Conjuro-te diante de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar os vivos e os mortos, pela sua vinda e pelo seu reino; prega a palavra, insta a tempo e fora de tempo, admoesta, repreende, exorta, com toda a longanimidade e ensino. Porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, tendo grande desejo de ouvir coisas agradáveis, ajuntarão para si mestres segundo os seus próprios desejos, e não só desviaráo os ouvidos da verdade, mas se voltarão às fábulas. Tu, porém, se sobrio em tudo, sofre as aflições, faze a obra de um evangelista, cumpre bem o teu ministério.

— I Timóteo 4:15

Nosso projeto vai terminando. Talvez um dia voltemos a repensar o que está escrito nestas páginas. Hoje temos a dizer que fomos edificados e objetivamos edificar o povo de Deus. Nossa mais imperioso desejo foi esclarecer o leitor cristão para que possa discernir o verdadeiro povo de Deus, do qual muitos brasileiros fazem parte.

“O povo brasileiro é um projeto no coração de Deus, desde a fundação do mundo. É um projeto no coração de Deus que nos ama entranhavelmente. É um projeto no qual o Senhor vem trabalhando através dos séculos.”¹

Como cristãos, não podemos permitir que o projeto de Deus seja interrompido ou manchado por homens ambiciosos. O que o neopentecostalismo faz, consciente ou inconscientemente, é isso: mancha, escandaliza o evangelho. São homens voltados para si mesmos. A caminhada espiritual do evangelho de Jesus Cristo no Brasil tem-se tornado mais difícil por causa de tais grupos. Cremos, entretanto, que o evangelho será vitorioso. Nossa permanência aqui neste mundo é passageira

(Tiago 4:13-17) e devemos estar preparados para comparecermos diante da presença de Deus (Fil. 2:10,11).

No Brasil, como já observamos, existe uma forte tendência para o culto estranho, por causa do sincretismo religioso e a forte religiosidade popular que levam às formas mais variadas de espiritismo, macumba, curandeirismo. Muitos grupos espiritualistas proliferam no Brasil, dentre eles o neopentecostalismo. O verdadeiro cristão deve procurar um equilíbrio entre a vida cotidiana e o sentimento espiritual, ao confrontar-se com tais fatos enganadores. Deve evitar que os dias corridos e secularizantes o afastem da comunhão com Deus.

Hoje tudo é difícil, estranho, exótico, sincrético, mas devemos ter esperança (Rom. 8:18-30).

Fazemos das palavras de Jacques Ellul a nossa conclusão deste trabalho:

O deserto em que vive o homem hoje, o deserto da grande metrópole e da longa estrada, é inquietante e opressor, porque interrogações novas, sem número, povoam seus lábios e agitam seu coração. Mas ninguém lhe pode dar uma resposta. É impossível conversar com um computador. Desse modo, nessa nova solidão, nessa nova prisão, o homem procura por toda parte alguém que lhe diga a verdade, quem possa estabelecer com ele uma relação significante. Então ele recomeça o movimento tradicional. Sente a necessidade de povoar seu deserto de novos gênios e de novos superpoderes, de seres misteriosos que vêm do além do cosmos, seres supraterrestres dos quais os romances de ficção científica (...) e agora estudos com pretensão científica tiram seu sucesso. É a mesma situação das origens, é a mesma necessidade que conhecia o primitivo, será a mesma atitude, especificamente religiosa, conduzindo a explicações

não idênticas mas comparáveis. O céu povoado de antenas, poluído de fumaça, permanece ainda o lugar de onde nos virá o socorro.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 YUASSA, Key, "O Homem Brasileiro Como Objeto do Amor de Deus", em *A Evangelização do Brasil: Uma Tarefa Inacabada*, SP, ABU, 1985, p. 66-94. Palestra realizada no Congresso Brasileiro de Evangelização, onde o autor tenta traçar as principais características antropológicas, culturais e espirituais do brasileiro.
- 2 ELLUL, Jacques, *Les Nouveaux Possédés*, Fayard, 1973, p. 167.

Referências Bibliográficas

LIVROS

ALEXANDER, H. E. *Pentecostismo ou Cristianismo?* Trad. M. E. Pinheiro. 2^a ed. São Paulo, Casa Brasileira da Bíblia Ltda., 1956.

ALMEIDA, Abraão de (ed.) *História das Assembléias de Deus no Brasil.* 2^a ed. Rio de Janeiro, CPAD, 1982.

ALVES, Rubem. *O Enigma da Religião.* 3^a ed. Campinas, SP, Papirus Livr. Ed., 1984.

_____. *Protestantismo e Repressão*, Coleção Ensaios 55. São Paulo, Ed. Ática, 1979.

ANDERSON, William K. *Espírito e Mensagem do Protestantismo.* Trad. Nicodemus Nunes. Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1953.

ASSMANN, Hugo. *A Igreja Eletrônica e Seu Impacto na América Latina.* Petrópolis, Vozes, 1986.

BASTIDE, Roger. *Brasil, Terra de Contrastes.* Trad. Maria Isaura Pereira Queiroz. 3^a ed. São Paulo/Rio, DIFEL, 1976.

BERKHOF, Hendrikus. *La Doctrina del Espíritu Santo* (Biblioteca de Estudos Teológicos). Trad. José Míguez Bonino. Buenos Aires, Argentina, Ed. La Aurora, 1969.

BRUNER, Frederick Dale. *Teología do Espírito Santo*. São Paulo, Ed. Vida Nova, 1983.

BUBECK, Mark I. *O Adversário*. Trad. Yolanda M. Krievin. São Paulo, Ed. Vida Nova, 1977.

CATE, B. F. *Os Nove Dons do Espírito*. São Paulo, Imprensa Batista Regular, 1980.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e Democracia*. 2^a ed. São Paulo, Ed. Moderna, 1981.

COIMBRA, Crésio. *Fenomenologia da Cultura Brasileira*. São Paulo, Lisa, 1971.

CRABTREE, A. R. *História dos Batistas do Brasil*. Vol. I. — até 1906. 2^a ed. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1962.

CRANE, James D. *O Espírito Santo na Experiência Cristã*. Trad. José dos Reis Pereira. 2^a ed. Rio de Janeiro, JUERP, 1979.

DROOGERS, André. *Religiosidade Popular Luterana*. São Leopoldo, Sinodal, 1984.

DUBOIS, Jean-Jacques. *Espírito Santo: Batismo e Plenitude*. São Paulo, Edições da Ação Bíblica do Brasil.

FERNANDES, Rubem César. *Os Cavaleiros do Bom Jesus — Uma Introdução às Religiões Populares*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

FRIDERICH, Edvino Augusto. *Onde os Espíritos Baixam*. 2^a ed. São Paulo, Loyola, 1977.

FÜRSTENBERG, Friedrich. *Sociología de la Religión*. Trad. José M. Mauleón. Salamanca, Espanha, Ed. Sígueme, 1976.

GERSTENBERGER, Gerhard (org.). *Deus no Antigo Testamento*. São Paulo, ASTE, 1981.

GOMES, David. *A Cura Divina à Luz da Bíblia Sagrada*. 2^a ed. Rio de Janeiro, Escola Bíblica do Ar.

GRAHAM, Billy. *O Espírito Santo*. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo, Vida Nova, 1980.

GRAU, José. *Todas las Religiones Iguales?* Barcelona, Espanha, Ed. Evangelicas Europeas, 1974.

GREEN, Michael. *Creo en el Espíritu Santo*. Trad. Ernesto Suárez Vilela. Miami, Fla., EUA, Ed. Caribe, 1977.

GROETELAARS, Martien Maria. *Milagre e Religiosidade Popular*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1981.

GROMACKI, Robert Glenn. *Movimento Moderno de Línguas*. Trad. A. Ben Oliver. 3^a ed. Rio de Janeiro, JUERP, 1986.

HAMILTON, Michael P. (ed.). *The Charismatic Movement*. EUA, William B. Eerdmans Company, 1975.

HOLLENWEGER, Walter. *El Pentecostalismo*. Trad. Ana S. de Veghazi. Buenos Aires, Editorial La Aurora, 1976.

JENSEN, Richard A. *O Toque do Espírito*. Trad. Geraldo Korndörfer. São Leopoldo, RS, Sinodal, 1985.

LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro*. Trad. Linneu de Camargo Schützer. Rio/São Paulo, JUERP/ASTE, 1981.

LEWIS, C. S. *Milagres — Um Estudo Preliminar* (Coleção Pensadores Cristãos — 2). Trad. Neyd Siqueira. São Paulo, Mundo Cristão, 1984.

LEWIS, Ioan M. *Êxtase Religioso* (Debates — antropologia). Trad. José Rubens Siqueira de Madureira. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1977.

LIMA, Délcio de Janeirc *Demônios Descem do Norte*. Rio Ives, 1987.

LOVETT, C. S. *Cuando Huye Satanás*. EUA, Cristianismo Personal, 1969.

LOYOLA, Maria Andréa. *Médicos e Curandeiros — conflito social e saúde*. São Paulo, DIFEL, 1984.

MacARTHUR, JR., John F. *Os Carismáticos*. Trad. Elizabeth Gomes. São Paulo, Ed. Fiel Ltda., 1981.

MESQUITA, Antonio Neves de. *História dos Batistas do Brasil — de 1907 a 1935*. Vol. II. Rio de Janeiro, CPB, 1962.

MONDEN, Louis. *El Milagro. Barcelona, Espanha*. Ed. Herder, 1963.

MORAIS, J. F. Regis de (org.). *Construção Social da Enfermidade*. (Coleção Educação Universitária). São Paulo, Cortez & Moraes Ltda., 1978.

MULLINS, E. Y. *La Religión Cristiana en Su Expresión Doc-trinal*. Trad. Sara A. Hale. 3^a ed. Argentina, Casa Bau-tista de Publicaciones, 1968.

NEVES, Delma Pessanha. *As "Curas Milagrosas" e a Ideali-zação da Ordem Social*. Niterói, RJ, CEUFF/PROED, 1984.

NIEBUHR, H. Richard. *Cristo e Cultura*. Trad. Jovelino Pereira Ramos. Rio de Janeiro, Paz e Terra Ltda., 1967.

NOVAES, Regina Reyes. *Os Escolhidos de Deus*. Rio de Janeiro, Ed. Marco Zero, 1985.

OLIVEIRA, Josué A. *Milagres e Charlatães*. Santos, SP, Edi-ção do Autor, 1984.

PURIM, Reynaldo. *O Espírito Santo*. Edições Brasil Batista, 1977.

RANAGHAN, Kevin e Dorothy. *Católicos Pentecostais*. Trad. Paulo de Aragão Lins. São Paulo, O. S. Boyer, 1972.

READ, William, MONTERROSO, Victor e JOHNSON, Harmon. *O Crescimento da Igreja na América Latina*. Trad. João Marques Bentes. São Paulo, Mundo Cristão.

REIS, Aníbal Pereira. *Católicos Carismáticos e Pentecostais Católicos*. São Paulo, Ed. Caminho de Damasco, 1982.

_____. *A Segunda Bênção*. São Paulo, Ed. Caminho de Damasco, 1982.

RIBEIRO, Helcione. *Religiosidade Popular na Teologia Latino-Americanana*. São Paulo, Paulinas, 1985.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil — Uma Interpretação Sócio-Religiosa*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1985.

_____. *O Que é Pentecostalismo* (Coleção Primeiros Passos). São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987.

_____. *Religião e Classes Populares*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1980.

SANTOS, Áureo Bispo dos. *O Espírito Santo Hoje*. Recife, PE, Ed. Missão Presbiteriana no Brasil, 1975.

SANTOS, José Luiz dos. *O Que É Cultura* (Coleção Primeiros Passos). 5^a ed. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986.

SCHALY, Harald. *As Manifestações do Espírito Santo*. Rio de Janeiro, JUERP, 1978.

SEGGIARO, Luis A. *La Medicina en la Biblia*. Argentina, Ed. Certeza, 1964.

SMITH, Hoke. *Teología Bíblica del Espíritu Santo*. Argentina, Casa Bautista de Publicaciones, 1976.

STOTT, John R. W. *Batismo e Plenitude do Espírito Santo*. Trad. Hans Udo Fuchs. 2^a ed. São Paulo, Ed. Vida Nova, 1986.

TERRA, J. E. Martins. *O Milagre*. São Paulo, Loyola, 1981.

UNGER, Merrill F. *Los Demonios Segun la Biblia*. Trad. Carlos Ibarbalz. México, Edições Las Américas.

_____. *El Don de Lenguas y el Nuevo Testamento*. Barcelona, Espanha, Publicaciones Portavoz Evangélico, 1974.

VALENTE, Waldemar. *Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro*. 3^a ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977.

VÁRIOS AUTORES. *A Cultura do Povo*. São Paulo, Cortez & Moraes/EDUC, 1979.

_____. *Doutrina do Espírito Santo — Parecer da Comissão dos Treze*. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1963.

_____. *Les Miracles de Jésus*. Paris, Éditions Du Seuil, 1977.

_____. *Movimento Popular, Política e Religião*. São Paulo, Loyola, 1985.

_____. *Quem É Jesus Cristo no Brasil?* São Paulo, ASTE, 1974.

_____. *A Religiosidade do Povo*. São Paulo, Paulinas, 1984.

_____. *Renovação Carismática Católica*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1978.

_____. *Renovação Carismática, Presença Atuante*. Rio de Janeiro, Louva-a-Deus Ltda., 1981.

_____. *Le Saint-Esprit, Vérité et Puissance*. Paris, Maison de la Bible, 1978.

WAGNER, Peter. *Por Que Crescem os Pentecostais?* Trad. Wanda Assumpção. Miami, Fla., EUA, Ed. Vida, 1987.

SEM AUTOR. *Bíblia y Medicina Psicológica*. Trad. Samuel Escobar. Argentina, Ediciones Certeza.

REVISTAS E JORNAIS

Administração Eclesiástica, Vol. 8, nº 02 e 03. Rio de Janeiro, JUERP.

Cadernos do ISER, nº 08, abril de 1972. Ed. Tempo e Presença Ltda.

Caminhando, nº 1. São Paulo, Imprensa Metodista, 1984.

Ciências da Religião, Cadernos de Pós-Graduação. São Paulo, Imprensa Metodista.

Catequese, nº 19. São Paulo, jul-set./82.

Ciências da Religião 2. Edições Paulinas, 1984.

Concilium/181 — 1983/1: Sociologia da religião, Vozes.

Concilium/206 — 1986/4 — Teologia Prática, Vozes.

Cristianismo y Sociedad, nº 88, 1986.

Ibid., nº 91, 1987.

Ibid., nº 95, 1988.

Diógenes, nº 07, julho/dezembro/1984 — UNB. Distrito Federal.

Jovens e Adultos, 4T88. Rio de Janeiro, JUERP.

A Palavra Tremenda, Israel Belo de Azevedo. Rio de Janeiro. STBSB.

Pergunte e Responderemos, 136/1971.

Ibid., 212/1977.

Ibid., 290/1986.

Ibid., 309/1988.

Pontos Salientes, Iomael Sant'Anna, 1988. Rio de Janeiro, JUERP.

Simpósio/26, dez./1982. ASTE.

Tempo e Presença, nº 190, março/1984.

Teocomunicações, nº 45, 1979/3. PUC/RS.

Ibid., nº 53, 1981/3.

Veja, 07/10/81.

Vida Pastoral, julho-agosto/86. São Paulo, Paulinas.

Jornal Batista, 7/7/85.

Jornal do Brasil, 20/07/88.

Contexto, nº 33, 06/1987.

O Estado de Florianópolis, 30/08/81.

O Estado de São Paulo, 16/10/84.

Ibid., 17/10/84.

Ibid., 14/12/84.

O Estandarte, 06/87.

Expositor Cristão, 1^a quinzena de maio de 1979.

Ibid., 1^a quinzena de maio de 1986.

Ibid., 1^a quinzena de dezembro de 1986.

Ibid., 09/1987.

Folha Regional, 23/06/84. Resende, RJ.

Folha de São Paulo, s.d.

O Globo, 07/10/84.

Ibid., 04/10/86.

H2O, setembro/86.

Liderança Cristã, n° 7, 8 — 06,07/1987. Belo Horizonte, Vi-
são Mundial.

Jornal do País, 23-29/agosto/84.

Ibid., 30/01/85.

Ultimato, maio/87.

FOLHETOS

O Conceito Bíblico de Milagre.

Expulsando Demônios, Derik Prince. Trad. Lígia Pinto de
Almeida, Portugal.

Os Milagres, Teodomiro Emerique, 1981.

Endereços JUERP

Junta de Educação Religiosa e Publicações
da Convenção Batista Brasileira
Rua Silva Vale, 781 — Cavalcânti
21370 Rio de Janeiro RJ

Correspondência
Caixa Postal 320 — CEP: 20001 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (021) 269-0772

Representante Exclusiva Para o Brasil da:
Casa Bautista de Publicaciones —
El Paso, Texas — USA

Asociación Ediciones La Aurora
Argentina

Representante no Exterior
Portugal
CEBAPES — Centro Baptista de
Publicações Ltda — Lisboa — Portugal

Belém — PA
Travessa Padre Prudêncio, 61 — Loja 3
66020 Belém PA
Tel.: (091) 223-6297

Belo Horizonte — MG
Rua da Bahia, 360 — Sobreloja — Centro
30160 Belo Horizonte MG
Tel.: (031) 222-3639

Brasília — DF
SDS — Bl. G. Lojas 13/17 — Conjunto Baracat
70300 Brasília DF
Tel.: (061) 224-5449

Campinas — SP
Rua Ferreira Penteado, 272 Centro
13010 Campinas SP
Tel.: (0192) 321846

Campo Grande — MS
Av. 13 de Maio, 2659 Centro
70005 Campo Grande MS
Tel.: (067) 383-1963

Curitiba — PR
Rua Desembargador Westphalen, 443 — Centro
80010 Curitiba PR
Tel.: (041) 223-8268

Duque de Caxias — RJ
Av. Niló Peçanha, 411 Centro
25010 Duque de Caxias RJ
Tel.: (021) 771-2358

Maceló — AL
Rua Joaquim Távora, 274 Centro
57020 Maceló AL
Tel.: (082) 223-5110

Niterói — RJ
Rua XV de Novembro, 49 Loja 102 Centro
24020 Niterói RJ
Tel.: (021) 717-2917

Nova Iguaçu — RJ
Rua Otávio Tarquínio, 178 Centro
26210 Nova Iguaçu RJ
(021) 767-8308

Porto Alegre — RS
Rua Cel. Vicente, 614 — Centro
90030 Porto Alegre RS
Tel.: (051) 21-7057

Recife — PE
Rua do Hospício, 187 — Boa Vista
50060 Recife PE
Tel.: (081) 221-5470

Rio de Janeiro — RJ
Rua Mariz e Barros, 39 Loja D 38/39
Praça da Bandeira
20270 Rio de Janeiro RJ
Tel.: (021) 273-0447

Rua Silva Vale, 781 — Cavalcânti
21370 Rio de Janeiro RJ
Tel.: (021) 269-0772

Rua do Rosário, 141 — Sobreloja
215/216 — Centro
20041 Rio de Janeiro RJ
Tel.: (021) 252-2628

Salvador — BA
Av. Visconde São Lourenço, 6
Campo Grande
40120 Salvador BA
Tel.: (071) 245-9328

Santarém — PA
Av. Barão do Rio Branco, 404, Loja F
68100 Santarém PA
Tel.: (091) 522-1332

São Paulo — SP
Av. São João, 816/820 — Centro
01036 São Paulo SP
Tel.: (011) 223-3433

Vitória — ES
Rua Barão de Itapemirim, 208
Centro — 29010 Vitória ES
Tel.: (027) 223-2893

Acampamento Batista Fazenda Palma
Distrito Varpa
17600 Município de Tupã SP
Tel.: (0144) 42-2812 Ramal 33

Acampamento Batista Sítio do Sossego
Estrada BR 101 S/Nº, KM 193
RIO Dourado — 23860 — Casimiro de Abreu RJ
Tel.: (011) Pedir à Telefonista Rio Dourado 2

Correio JUERP
Rua Silva Vale, 781 — Cavalcânti
Caixa Postal 320
21370 Rio de Janeiro RJ
Tel.: (021) 269-0048

Imprensa Bíblica Brasileira
Rua Silva Vale, 781 — Cavalcânti
21370 Rio de Janeiro RJ
Tel.: (021) 269-0772

O Jornal Batista
Rua Silva Vale, 781 — Cavalcânti
21370 Rio de Janeiro RJ
Tel.: (021) 269-0772

JUERP — CAPELAS E MÓVEIS
Estrada Boa Vista, S/Nº
28970 Araruama RJ
Tel.: (0246) 65-1517

Este livro faz parte da Série **Seitas do Nosso Tempo**, que vem a lume para prover os crentes de informações sobre as seitas que mais trabalham no contexto brasileiro, chamando a atenção para o perigo das doutrinas que disseminam.

Numa época de tantas confusões teológicas e discórdias doutrinárias, sentimos a grande necessidade de irmos ao encontro dos crentes que costumeiramente se vêem assediados e molestados pelos adeptos das seitas, tendo dificuldades em rechaçá-los.

O autor desta série, o Pr. Tácito da Gama Leite Filho, é um estudioso do fenômeno das seitas há mais de 10 anos. Muito daquilo que conseguiu coletar e reunir em seus livros é fruto de pesquisas **in loco**, sem, evidentemente, desprezar as fontes bibliográficas existentes, principalmente os livros autorizados das próprias seitas.

Segundo o autor, todas as seitas usam de métodos proselitistas. Geralmente são os afiliados a uma igreja reconhecidamente evangélica os mais visados.

Daí a importância do estudo dos livros desta série por todo crente que esteja buscando um melhor conhecimento, para argumentar, com segurança, com todo aquele que ouse questionar o caráter de sua fé e a razão de sua esperança.

A série traz, em conteúdo, uma sucinta explanação sobre as seitas próféticas, orientais, espíritas, mágico-religiosas e neopentecostais. Cada estudo é didaticamente estruturado de maneira a facilitar também a utilização do livro em preleções e estudos em grupo nas igrejas.

Nossa expectativa é que esta série venha contribuir grandemente para o fortalecimento doutrinário dos crentes de nossas igrejas e, num sentido mais abrangente, na salvação de vidas mal-informadas, arrastadas pela sedução mística, fanática e enganosa das seitas.